



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo

Isabel Maria Gomes Martins Pacheco Jantarada

RECRIAÇÃO HISTÓRICA:
A CITÂNIA DE BRITEIROS - ESTUDO DE CASO

Mestrado em Gestão Artística e Cultural

Trabalho efetuado sob orientação do
Professor Doutor Carlos Alberto dos Santos Almeida

abril de 2016

Ao Eduardo, à Cláudia e à Catarina
À minha Mãe e à memória do meu Pai

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado de um conjunto de esforços que o tornaram possível e sem os quais teria sido muito mais difícil concluí-lo. Desta forma, manifesto a minha gratidão a todos os que estiveram presentes em todos os momentos principalmente nos mais difíceis.

Ao meu orientador, Prof. Doutor Carlos Almeida, pela forma como me orientou, pela motivação, pela disponibilidade sempre manifestada, apesar do seu horário demasiado preenchido, o seu apoio e confiança.

Ao Dr. Gonçalo Cruz, pela total disponibilidade que sempre demonstrou, pela simpatia, pela vasta informação fornecida e pela revisão de alguns textos científicos.

À minha filha Cláudia, pela disponibilidade na orientação e apoio no tratamento de dados, pela ajuda, revisão e correção do texto.

Ao Eduardo, à minha filha Catarina, à minha irmã Cristina e à minha colega Fernanda Pinheiro quero agradecer o facto de me terem auxiliado na aplicação dos inquéritos no dia da Recriação Histórica e ao registo fotográfico.

A toda a minha família, pelo apoio incondicional, pela motivação, afeto, carinho, compreensão, pelo tempo que não lhes concedi, acreditando sempre no meu esforço e empenho.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

A todos, o meu muito obrigada.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”. (Martin Luther King)

RESUMO

As recriações históricas têm tido um considerável crescimento nos últimos anos e surgem como forma de transmitir as tradições de uma região e de promover a cultura local, contribuindo para o desenvolvimento e enriquecimento da região. Estas atividades têm-se vindo a revelar elementos importantes para a dinamização de sítios arqueológicos e centros históricos, promovendo o comércio, recuperando o artesanato e divulgando o património turístico-cultural.

Este estudo teve como base o evento “Recriação Histórica da Citânia de Briteiros - Citânia Viva” realizado em julho de 2015, tendo-se recorrido a inquéritos por questionário efetuados aos visitantes da atividade, à entrevista, à pesquisa documental, à observação e às notas de campo. O estudo teve como finalidades estudar o evento cultural, em particular a composição, a origem e a afluência do público, valorizar turística e culturalmente a Citânia de Briteiros, divulgar a Cultura Castreja e divulgar o projeto. Pretendeu-se entender o contexto histórico em que o evento está inserido, bem como os meios culturais e artísticos envolvidos, nomeadamente a ação da comunidade e da rede associativa de entidades que trabalham diretamente com o projeto. Procurou-se verificar a eficácia da recriação histórica como ferramenta de sensibilização para a defesa do património.

Os resultados obtidos no presente estudo permitiram caracterizar o tipo de público que visita a Citânia Viva e revelaram que a Recriação Histórica constitui um estímulo para a preservação dos valores patrimoniais e é igualmente uma excelente oportunidade para o desenvolvimento social, artístico e cultural e não tanto económico da região. Este evento mostra um potencial didático importante para o público em geral, permitindo uma observação muito particular do património histórico e da história local. O objetivo deste evento não assenta no aspeto comercial e de propaganda, mas sim em atrair um público que procura conhecimento. Esta atividade é um meio de promoção e de visibilidade nacional, que poderá permitir projetar a Região, o Museu da Cultura Castreja e a Citânia de Briteiros para um patamar superior de atração turística.

Palavras-chave: Cultura Castreja; Citânia de Briteiros; Recriação Histórica; Citânia Viva; Tradição.

ABSTRACT

The historical recreations have been showing up a substantial growth during the last years, and they appear as a way of transmitting the traditions of a region, promoting the local culture, giving a large contribution to the development and enrichment of the region. These activities have been showing, since then, that they are important elements to the promotion of archaeological sites and historic centers, since they promote commerce, recover the handicraft and disclose the tourism and cultural heritage.

This Study was based on the event “Recriação Histórica da Citânia de Briteiros - Citânia Viva”, which took place in July 2015. The methods used were questionnaire surveys, interviews, search documentaries, observation and field notes, applied to the visitors during the event. The main purpose of this Study is both the analysis of the cultural event, particularly its composition, origin and public affluence, and the tourist and cultural appreciation of the Briteiros’ Citânia, as well as the disclosure of the Castro culture and of the project itself. The intention was to understand the historical context in which the event had been inserted, as well as the cultural and artistic means involved, such as the community dynamics and the associative networks of entities that work directly with the project. It was also intended to verify the efficiency of the historical recreation as awareness appliance to the patrimony’s defense.

The results obtained in this Study permitted the characterization of the kind of public that visits Briteiros’ Citânia, revealing that the Historical Recreation constitutes a stimulus to the patrimonial value’s preservation, equally being an excellent opportunity to the social, artistic, cultural and somewhat economic developments of the region. This event shows a didactic potential that is important to the public, allowing a rather particular sight of the historical patrimony and the local history. The event’s purpose is not solely the commercial and propaganda aspects; instead, it is sought an attraction of knowledge striving public. This activity serves as a way of national promotion and visibility, which allows the projection of the region, Castro Culture Museum and Briteiros’ Citânia to the next level of touristic attraction.

Key words: Castro Culture; Briteiros’ Citânia; Historical Recreation; Citânia Viva; Tradition; Castro Culture Museum.

ÍNDICE

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	1
1.1 CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO	1
1.2 PROBLEMÁTICA	2
1.3 PERTINÊNCIA	2
1.4 QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	3
1.5 PALAVRAS-CHAVE	4
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
2.1 A CULTURA CASTREJA NO NORTE DE PORTUGAL	5
2.2 VIDA DE MARTINS SARMENTO/SOLAR DA PONTE (MUSEU DA CULTURA CASTREJA)	9
2.3 DESCRIÇÃO HISTÓRICA DA CITÂNIA DE BRITEIROS ATRAVÉS DO MUSEU DA CULTURA CASTREJA	11
2.3.1 CONTEXTO GEOGRÁFICO	11
2.3.2 POPULAÇÃO	11
2.3.3 HABITAÇÕES	13
2.3.4 VIDA QUOTIDIANA DO POVO	15
2.3.5 A MOEDA	16
2.3.6 A CERÂMICA/COSTUMES DA ÉPOCA	17
2.3.7 A ALIMENTAÇÃO	18
2.3.8 O BALNEÁRIO	19
2.3.9 A PEDRA FORMOSA	20
2.4 A IMPORTÂNCIA DAS TRADIÇÕES NA CULTURA DE UMA REGIÃO... ..	22
2.4.1 TRADIÇÃO	24
2.4.2 CULTURA	25
2.5 AS TRADIÇÕES E A CULTURA CASTREJA (CITÂNIA DE BRITEIROS).. ..	26
2.5.1 PRODUÇÃO METALÚRGICA	26
2.5.2 OS RITUAIS FUNERÁRIOS	28
2.5.3 O SISTEMA AGRO-SILVO-PASTORIL	29

2.6 A IMPORTÂNCIA DA DIVULGAÇÃO DAS TRADIÇÕES, ATRAVÉS DA CITÂNIA VIVA, NA CULTURA DA REGIÃO	30
2.7 A IMPORTÂNCIA DAS RECRIAÇÕES HISTÓRICAS	32
CAPÍTULO III – CITÂNIA VIVA.....	35
3.1 CITÂNIA VIVA, RECRIAÇÃO HISTÓRICA DA CITÂNIA DE BRITEIROS AO LONGO DOS ANOS.....	35
3.1.1 CONTEXTO HISTÓRICO A RECRIAR	36
3.2 IDENTIFICAÇÃO CULTURAL DE DIVERSOS ARTISTAS E ORGANIZAÇÕES DE ARTES	38
3.2.1 ORGANIZAÇÃO EM REDE/PARCERIAS	38
3.2.2 DESCRIÇÃO RESUMIDA DAS ORGANIZAÇÕES	38
CAPÍTULO IV – DESCRIÇÃO DO DIA DA RECRIAÇÃO.....	45
CAPÍTULO V – METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	49
5.1 METODOLOGIA.....	49
5.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO	52
5.2.1 VANTAGENS E DESVANTAGENS DO ESTUDO DE CASO.....	54
5.3 PLANO DE AÇÃO	56
5.4 INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	57
5.4.1 PESQUISA DOCUMENTAL	58
5.4.2 QUESTIONÁRIO	58
5.4.3 ENTREVISTA	59
5.4.4 OBSERVAÇÃO	60
5.4.5 DIÁRIO DE CAMPO/NOTAS DE CAMPO.....	60
5.4.6 INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO.....	61
CAPÍTULO VI – DESCRIÇÃO/ANÁLISE DOS RESULTADOS	63
6.1 ANÁLISE DOS INQUÉRITOS	63
6.2 DIÁRIO DE CAMPO/OBSERVAÇÃO	75
6.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	78
6.4 PESQUISA DOCUMENTAL	79
CAPÍTULO VII - CONCLUSÕES	81

BIBLIOGRAFIA	87
ANEXOS	95

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Casas da Citânia de Briteiros.	13
Figura 2 - Vista aérea da Citânia de Briteiros.	14
Figura 3 – “Casa do Conselho”.	15
Figura 4 – Alfinete. Museu da Cultura Castreja.	15
Figura 5 - Cerâmica. Museu da Cultura Castreja.	18
Figura 6 - Balneário. Citânia de Briteiros.....	19
Figura 7 - Pedra Formosa. Museu da Cultura Castreja.	20
Figura 8 - Fíbula. Museu da Cultura Castreja.	27
Figura 9 - Brincos. Museu da Cultura Castreja.	28
Figura 10 - Tecedeira.....	29
Figura 11 - Mó.....	30
Figura 12 – Chegada do herói Aldur.	45
Figura 13 - Performance Terracota.....	45
Figura 14 - Mercado.....	45
Figura 15 - Ritual dedicado a uma divindade local.	46
Figura 16 - Reunião de conselho.	46
Figura 17 - Jantar Castrejo.....	46
Figura 18 - Morte de um chefe local.....	46
Figura 19 - Posição epistemológica da investigação	51

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa etária.....	64
Gráfico 2 - Habilitações literárias.....	65
Gráfico 3 - Estado civil.....	65
Gráfico 4 – Acompanhantes.	66
Gráfico 5 - Número de acompanhantes.	66
Gráfico 6 - Número de assistências da Citânia Viva/pessoa.	67
Gráfico 7 - Meio de transporte.	68
Gráfico 8 - Tomada de conhecimento da Citânia Viva.	69
Gráfico 9 - Conhecimento da programação.....	69
Gráfico 10 - Motivos para assistir à Citânia Viva.	70
Gráfico 11 - Fatores que mais agradaram.....	71
Gráfico 12 - Questões ao público.	72
Gráfico 13 - Grau de satisfação.	73
Gráfico 14 – Divulgação.....	73
Gráfico 15 - Importância do evento.....	74
Gráfico 16 - Razões para a realização da Citânia Viva.	75

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO

O presente estudo centra-se na Recriação Histórica Citânia Viva que decorre desde o ano de 2005 na Citânia de Briteiros, incidindo, mais concretamente, no evento realizado no ano 2015. O estudo foi motivado pelo interesse e pela curiosidade em entender o contexto histórico no qual a Citânia Viva está incluída, perceber a composição do público que assiste e quais os meios culturais envolvidos na atividade.

A Citânia de Briteiros é um dos mais ilustres e mais visitados sítios arqueológicos do território português. Pertence a um concelho cujo centro histórico está classificado como Património da Humanidade - Guimarães - e encontra-se próxima aos Santuários do Bom Jesus e do Sameiro, em Braga. É um local de grande riqueza arqueológica com as características gerais da Cultura dos Castros do Noroeste da Península Ibérica, das épocas históricas conhecidas como Idade do Bronze Final, Idade do Ferro e início da época Romana; ou seja, a Cultura dos Castros estende-se desde há mais de três mil anos, até há cerca de mil e novecentos anos atrás.

A Citânia contém testemunhos sobre a vivência dos povos pré-romanos que habitaram a região, conhecidos como "Brácaros", bem como dos primeiros tempos do período romano, em que as populações se foram adaptando a um novo modo de vida, que conhecemos como "Romanização". Os vestígios estiveram, durante anos, escondidos por debaixo das colinas de S. Salvador de Briteiros.

As ruínas foram descobertas há cerca de 130 anos pelo arqueólogo Martins Sarmiento (1833 – 1899), figura fundamental da Citânia. O seu estudo principiou em 1874 quando Martins Sarmiento dirigiu a primeira campanha de trabalhos arqueológicos que duraram nove anos, tendo, inclusive, adquirido o monte num gesto sem precedentes em Portugal. O arqueólogo, através das suas escavações, foi descobrindo ruas, calçadas, os alicerces das habitações, descobriu fossos e foi colecionando os achados, num trabalho exaustivo de reconstituição histórica. Os seus trabalhos alcançaram assim uma excecional repercussão tanto a nível nacional como internacional.

Na Recriação Histórica da Citânia de Briteiros - Citânia Viva os visitantes são convidados a circular pela rua principal da acrópole da Citânia, onde várias famílias (maioritariamente da comunidade local atual) habitam, novamente, as antigas casas circulares e outros compartimentos, bem como os pátios onde decorria parte da vida familiar. Poderão assistir a várias atividades que caracterizavam o dia-a-dia e a vivência das pessoas que habitaram os castros maiores.

1.2 PROBLEMÁTICA

Com a proliferação de eventos denominados “histórico-culturais” associados a tradições centenares têm-se vindo a comprometer tradições/recriações devido às preocupações e interesses de afirmação locais com um carácter económico muito forte mescladas de turismo religioso, cultural e patrimonial (Dias, 2010). Assim, de acordo com Ferreira (1986) é necessário promover a autorreflexão para que se possam fazer interpretações sustentadas nas práticas, neste caso em concreto tendo por base a Recriação Histórica na Citânia de Briteiros através do estudo da sua composição particular, origem e afluência do público, bem como a importância em termos culturais, artísticos, performativos e históricos da realização deste tipo de evento.

1.3 PERTINÊNCIA

As recriações históricas em termos da oferta, no nosso país, têm um lugar de destaque, podendo-se verificar através das variadas iniciativas que acontecem ao longo do ano. Estas atividades valorizam as comunidades e proporcionam aos visitantes grandes e diversas experiências, promovidas pelas entidades locais. A Citânia Viva é uma iniciativa da Casa do Povo de Briteiros, que conta com o apoio da Sociedade Martins Sarmiento e com o apoio dos Municípios de Guimarães e da Póvoa de Lanhoso.

Através deste evento são recriados, por meio de encenações, momentos épicos da história da Idade do Ferro, tentando não só que os visitantes tenham uma visão do

que terá sido outrora a vida nessa época, mas também procurar fortalecer os laços identitários da população local.

A pertinência do estudo prende-se com a necessidade de promoção de manifestações artísticas e culturais regionais e de introdução de valores que potenciam o desenvolvimento de projetos de carácter cultural com raízes tradicionais e populares.

O estudo tem como finalidades valorizar turística e culturalmente a Citânia de Briteiros, divulgar a Cultura Castreja e divulgar o projeto de Recriação Histórica – Citânia Viva. Entender igualmente o contexto histórico em que o projeto está inserido, bem como os meios culturais e artísticos envolvidos, nomeadamente a ação da comunidade e da rede associativa de entidades que trabalham diretamente com a mesma.

A razão principal da escolha da Citânia de Briteiros como estudo de caso prende-se com o facto de esta despertar um interesse especial pela recriação histórica aqui realizada. Acresce ainda a atmosfera marcadamente histórica que se vive na Citânia de Briteiros através do seu rico património material e imaterial.

1.4 QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Segundo Quivy e Campenhoudt (1998), o melhor processo de começar um trabalho de investigação em Ciências Sociais passará por enunciar o projeto sob a forma de uma pergunta de partida que possibilita ao investigador exprimir o mais corretamente possível o que procura saber e esclarecer, e que conduzirá a investigação. A questão formulada tem de ser precisa, concisa, clara, deve ser realista e pertinente. Assim, com o presente estudo pretende-se responder às seguintes questões de investigação:

- Que tipo de público assiste à Citânia Viva?
- Quais as motivações que levam os visitantes a assistirem a este espetáculo?
- Qual o impacto dos fatores promocionais do evento?
- Quais as mais-valias da envolvimento dos visitantes na Recriação Histórica?
- Será que o evento sensibiliza os visitantes para a preservação do património?

1.5 PALAVRAS-CHAVE

Cultura Castreja; Citânia de Briteiros; Recriação Histórica; Citânia Viva; Tradição.

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 A CULTURA CASTREJA NO NORTE DE PORTUGAL

“Cultura Castreja do Noroeste Peninsular é uma definição usada nos meios científicos para designar o conjunto de características particulares, de caráter cultural e material, que individualizam os povos da Idade do Ferro do Noroeste da Península Ibérica. Os seus limites físicos são, todavia, bastante controversos entre os investigadores.” (Lemos & Cruz, 2007, p.113)

Então, com base em registos arqueológicos, poder-se-á dividir a evolução da Cultura Castreja em três fases escalonadas que cobrem o primeiro milénio a. C. e grande parte do século I d. C. Silva (1999) refere que a primeira fase está relacionada com o desenvolvimento da atividade metalúrgica; etapa final do Bronze Atlântico e da I Idade do Ferro da Europa, com relações continentais e mediterrânicas, correspondente à 1ª metade do I milénio a. C. (séculos XI a VI a. C.) Verificou-se a implementação dos povoados em pontos estratégicos situados segundo uma variedade topográfica, de altitude média, em zonas produtivas no que diz respeito à agricultura e exploração de recursos naturais como por exemplo: o estanho e o ouro e também o acesso a vias de comercialização, revelando estarem bem integrados economicamente.

Nesta altura aparecem os sistemas defensivos, ainda que rudimentares, de muralhas de pedra, reforçadas com outras defesas complementares tais como: fossos e declive. Isto é o início da fortificação dos povoados, característica que prevalecerá.

Não se sabe com certeza, acrescenta Silva (1999), qual a forma mais antiga do habitat Castrejo, no entanto deveriam ser cabanas construídas com elementos vegetais que, por ser material que se deteriora, deles não existem indícios, existem apenas pisos e lareiras. A planta das habitações tem formato circular vinda da tradição indígena.

Uma das razões que levou as comunidades indígenas, que viviam em aldeamentos dispersos, a deslocarem-se para povoados com uma posição mais defensiva e fortificada, foi para garantir a subsistência das populações e a defesa dos recursos, principalmente relacionados com o domínio do território e dos mecanismos de produção e intercâmbio dos metais.

Nesta época verifica-se uma evidente riqueza do noroeste peninsular, confirmada através de numerosos depósitos de bronze e ouro. A cobiça verificada entre certos elementos da população pôs à prova a organização da sociedade, gerando a necessidade de defesa com consequente aumento de hierarquização, acentuando o poder de certos chefados. Tudo isto pode ser encontrado nos padrões decorativos da cerâmica e nas peças metálicas tradicionais, como por exemplo: machados de talão de bronze e joias de ouro maciço. O mesmo autor acrescenta ainda que:

“Além da residência e da descendência, a família castreja teria também em comum a atividade económica, os direitos de propriedade e de sucessão e o exercício de atividades religiosas. Segundo as fontes, a mulher ocuparia um lugar fundamental na estrutura desta unidade. A prática da covada, a transmissão da herança por linha feminina, a participação da mulher ao lado do homem na guerra e a sua intervenção indispensável na produção de alimentos, expressamente nos trabalhos agrícolas, terão sido justificação suficiente para que Estrabão tenha falado numa certa ginecocracia, ou seja, em regime de matriarcado” (Silva, 1983, p. 271).

Silva (1999), continua expondo que um elemento que caracteriza a arquitetura Castreja é, como já foi referido anteriormente, a adoção da planta circular nas casas, com paredes pouco espessas e pisos finos. A pedra é a matéria-prima mais usada nas construções quer para os sistemas defensivos quer para as habitações.

No início da segunda fase (séculos V a II a. C.) verifica-se um reforço dos sistemas defensivos com a construção de fortes muralhas. Atribui-se também a esta fase a introdução de novas formas de defesa, como por exemplo pedras cravadas nos numerosos castros. Esta fase prevê um desenvolvimento do mundo indígena. Através do testemunho da existência de muitos materiais, faz transparecer dois grandes grupos de ourivesaria castreja: um no interior transmontano, mais céltico e outro no litoral, mais mediterrânico. No horizonte mediterrânico existem numerosas cerâmicas de tradição púnica e algumas cerâmicas gregas, que aparecem associadas a muitas formas de cerâmicas indígenas, sempre de fabrico manual e de riqueza decorativa, em especial de estampilhas. Nesta época dá-se a introdução do átrio na casa castreja, como principal inovação das estruturas do habitat e o uso das mós giratórias.

A terceira fase (séculos II a. C. a I d. C.), refere Silva (1999), caracteriza-se como proto - urbanização e reordenamento territorial no quadro da romanização, com relevância para critérios político-militares. Este período é importante para o conhecimento da Cultura Castreja através da riqueza das suas escavações

principalmente das grandes estações arqueológicas, como as da Citânia de Briteiros, Sanfins e outras que se tornaram modelos desta Cultura.

Devido aos contactos sistemáticos com os Romanos, esta região assistiu a muitas alterações de organização do espaço, dando origem a novas aglomerações proto - urbanas com polarização do conjunto das atividades de ordem defensiva, político-administrativa, económica e religiosa.

No entanto, acrescenta Cruz (2014), a identificação desta última fase com a Romanização tem vindo a ser posta em causa por outros investigadores, uma vez que a influência romana se nota quase exclusivamente a partir da época de César Augusto, quando esta região foi, de facto, integrada no Império Romano. Ou seja, considera-se hoje, cada vez mais, que a Romanização começou nos finais do século I a. C., o que leva a considerar, juntamente com os resultados das escavações mais recentes, que os grandes povoados desta última fase resultam sobretudo de um processo de dinâmicas endógenas, mais do que uma influência exterior, nomeadamente romana.

Esses grandes povoados, segundo Silva (1999), poderão ter desempenhado o papel de lugares centrais em posição de metrópoles de territórios demarcados ligados a grupos étnicos. Esta fase é particularmente importante pela criação de extensas aglomerações com uma organização homogénea, o que faz crer que tenha havido um plano de urbanização. Os pequenos castros foram sendo substituídos por agrupamentos mais extensos com maior concentração demográfica, como por exemplo as Citânias de Sanfins e de Briteiros. A extensão escavada mostra um robusto sistema defensivo com várias muralhas e uma certa organização urbana. O seu espaço tem mais de 15 hectares, superior ao tamanho das cidades romanas em Portugal, com ruas ortogonais e com mais de cinquenta casas com formato circular e quadrangular, agrupadas em diversos aglomerados habitacionais, pertencentes a grupos familiares. A composição de cada um desses aglomerados, um deles identificado como *domus* na Citânia de Briteiros, distribuía-se em torno de um pátio de acordo com a sua função: uma cozinha com lareira e forno, um local para guardar géneros, dormitórios, recinto para guardar os animais, espaços com um banco em redor para realizar reuniões, recintos funerários, entre outros.

As pedras junto às portas, nomeadamente as soleiras, ombreiras e padieiras, tinham decoração geométrica típica da Cultura Castreja, como por exemplo a forma de uma corda, de uma espinha, círculos encadeados, etc., ornamentos estes que evocavam

simbologia religiosa de fundo ancestral. A arquitetura é principalmente doméstica, alguns edifícios, no entanto, sugerem uma função pública, talvez de caráter religioso ou político. Na Citânia de Briteiros encontramos um grande edifício de forma circular, com bancos em pedra à volta dos muros que poderia ser um local de reuniões de um conselho de anciãos. Silva (1999) diz que:

“Os edificios destinados a banhos sobressaem pelo seu aparato e técnica construtiva como monumentos singulares do conjunto arquitetónico castrejo. Tomando a forma especial de construções hipogeias, com câmaras de grandes monólitos talhados e com ornamentação do tipo “Pedra Formosa” de Briteiros (que era aliás, elemento de um deles), a sua função foi objeto de controvérsia, vulgarizados como “fornos crematórios”, postos em relação com o rito funerário dos povos castrejos” (Silva, 1999, p. 15).

Foram-lhe atribuídos outras funções, no entanto, a que prevalece é a função de balneário, envolvida numa simbologia religiosa.

Esta terceira fase proto-urbana de grandes povoados, dirigidos por um poder central, sofreu grandes inovações tecnológicas, tais como os moinhos giratórios com certeza coincidentes com a roda do oleiro e a propagação da metalurgia do ferro, que foi importante no fabrico de armas, instrumentos de construção, alfaías agrícolas e ferramentas artesanais.

Silva (1999) afirma que é no quadro de uma definição urbana, a que corresponderá a designação de proto-urbanismo, que deverão ser classificados os grande povoados castrejos do Noroeste peninsular, tendo em conta a extensão, a densidade populacional, a monumentalidade dos edifícios públicos, o artesanato, os artífices e a existência de grupos militares. “A sua organização segundo um sistema hierarquizado, com a integração de povoados menores sob o domínio de lugares centrais, terá sido determinada, a nosso ver, por razões político - militares originadas pela necessidade de uma estratégia de defesa sequente à campanha de *Decimus Junius Brutus*”. (Silva, 1999, p.17)

2.2 VIDA DE MARTINS SARMENTO/SOLAR DA PONTE (MUSEU DA CULTURA CASTREJA)

Segundo Lemos e Cruz (2007), Francisco Martins Sarmiento foi um ilustre arqueólogo Português que se dedicou à exploração intensa da Citânia de Briteiros. Num período em que ainda não se tinham definido em Portugal os métodos e as técnicas em Arqueologia, a curiosidade e o interesse de Francisco Martins Sarmiento possibilitaram o desenvolvimento de um projeto pioneiro de investigação e conservação, bem como de um primeiro ensaio de “Parque Arqueológico”. Foram as escavações orientadas por Martins Sarmiento que colocaram a descoberto as ruínas da Citânia de Briteiros. Martins Sarmiento nasceu a 9 de março de 1833, em Guimarães, e faleceu a 9 de agosto de 1899. Uma vez que não teve descendência, tudo o que lhe pertencia, tal como: propriedades agrícolas, a sua casa - o Solar da Ponte, em Briteiros - que agora é o Museu da Cultura Castreja, a casa de Guimarães e a Citânia foram doados à Sociedade Martins Sarmiento fundada em 1881. Relativamente à Citânia, o arqueólogo impôs uma condição: a Sociedade Martins Sarmiento nunca poderá vender a Citânia. Se por algum motivo a Sociedade for extinta, a Citânia passará a pertencer à Câmara de Guimarães.

Martins Sarmiento foi etnólogo e poeta; no entanto, foram os seus trabalhos de arqueologia que lhe trouxeram reconhecimento. Aos vinte anos de idade completou os seus estudos em Direito na Universidade de Coimbra mas nunca trabalhou na área. Ainda jovem, herdou a fortuna de seus pais, nunca teve emprego, tendo dedicado a sua vida a fazer aquilo de que mais gostava: escavações na Citânia, no Castro Sabroso, na Anta da Vila Praia de Âncora agora conhecida por Dólmen da Barrosa ou Anta da Barrosa.

A partir de 1874, após as suas primeiras escavações nas ruínas da Citânia de Briteiros, que duraram até 1883, investigou a origem dos denominados povos lusitanos. Após uma série de descobertas e explorações, bem como de sucessivos estudos e leituras sobre a época, adquiriu conhecimentos sólidos que lhe proporcionaram reputação internacional. Cardoso (1976) acrescenta que:

“O vimaranense ilustre Dr. Francisco Martins Sarmiento, etnólogo e arqueólogo de lúcida visão retrospectiva, no último quartel do século passado, fazia o estudo das nossas antiguidades com um método absolutamente pessoal e uma orientação verdadeiramente científica, aliada a um intenso poder de criadora reconstituição da vida primitiva, que só alguns arqueólogos e pré- historiadores dos nossos dias têm sabido imprimir aos estudos hispânicos (...)” (Cardoso, 1976, p.21).

Martins Sarmiento registou as suas escavações em cerca de quinhentas fotografias que tirou, tendo sido o primeiro arqueólogo a fotografar as suas descobertas. Lemos e Cruz (2007) afirmam ainda que:

“Para garantir um suporte interpretativo às estações arqueológicas de Briteiros (particularmente à Citânia e ao Castro de Sabroso), foi criado em 2003, o Museu da Cultura Castreja, no Solar da Ponte, a antiga casa da família de Martins Sarmiento, em S. Salvador de Briteiros. O Solar, construído entre os finais do século XVIII e os inícios do século XIX, no lugar da Ponte, constituiu a base logística de Martins Sarmiento, durante os trabalhos arqueológicos que desenvolveu na zona, quer na Citânia, quer no Castro de Sabroso, bem como nas respetivas envolventes, identificando monumentos megalíticos e rochas com gravuras.” (Lemos & Cruz 2007, p.108)

A sua biblioteca tinha cerca de cinco mil livros que agora fazem parte da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, atualmente com perto de noventa mil livros. Há, no entanto, uma parte que é especificamente a biblioteca pessoal de Martins Sarmiento. Os livros que fazem parte dessa biblioteca são quase todos em língua francesa, inglesa, alemã, latim e grego. Eram línguas que Martins Sarmiento dominava muito bem. Poucos livros eram em língua portuguesa.

No piso inferior do Solar da Ponte (Museu da Cultura Castreja), encontram-se em exposição peças arqueológicas retiradas das escavações da Citânia de Briteiros. Existem pedras que pertenceram a portas de várias casas. Duas delas são lintéis que consistem em pedras que eram colocadas em cima das portas e as outras são ombreiras que são pedras colocadas nas laterais das portas das casas das famílias mais importantes. As suas decorações eram abstratas, uma característica da arte da Idade do Ferro. Algumas decorações têm inspiração vegetalista e floral, sendo muito abstrato e muito geométrico.

O Solar da Ponte (Museu da Cultura Castreja) foi sempre mantido pela Sociedade Martins Sarmiento.

2.3 DESCRIÇÃO HISTÓRICA DA CITÂNIA DE BRITEIROS ATRAVÉS DO MUSEU DA CULTURA CASTREJA

2.3.1 CONTEXTO GEOGRÁFICO

A Citânia de Briteiros é um local arqueológico situado no alto do monte de São Romão, na freguesia de Salvador de Briteiros, concelho de Guimarães, encontrando-se próxima dos Santuários do Bom Jesus e do Sameiro.

Segundo Cruz (2014a), a área total da Citânia de Briteiros é de cerca de vinte e quatro hectares, mas apenas sete hectares é que estão intervencionadas. A propriedade, que foi comprada pelo arqueólogo Martins Sarmiento, possui cerca de vinte hectares e a restante área pertence a outros privados. A Citânia é constituída por quatro muralhas e o que está escavado corresponde ao interior da primeira muralha e também a um pouco do exterior da primeira muralha, pois a restante área ainda está por avaliar. Conforme refere Cruz (2014a) o que se conhece é o centro do povoado que é a zona mais alta e que está dentro da primeira muralha. Lemos e Cruz (2007) acrescentam que:

“Os vestígios arqueológicos mais evidentes, e que se revestem de maior monumentalidade, correspondem à ocupação proto-histórica do monte, durante a II Idade do Ferro. Desta circunstância decorre a designação do sítio como “Citânia” palavra aplicada aos grandes castros do período pré-romano. Contudo, o Monte de S. Romão conserva a memória de diversos tempos, desde o Neolítico Final até à Idade Média”. (Lemos & Cruz, 2007, p. 10)

2.3.2 POPULAÇÃO

Algumas habitações da Citânia de Briteiros, afirma Cruz (2014a), são da época romana mas os primeiros vestígios de ocupação são sensivelmente de há três mil anos, do final da Idade do Bronze, e da Idade do Ferro, que corresponde aos últimos setecentos anos antes de Cristo.

A tribo indígena que vivia na Citânia era a tribo dos Brácaros que aparentemente tinha um território muito vasto que incluía o Vale do Ave e o Vale do Cávado. Estes Brácaros tiveram o seu primeiro contacto com os romanos no final do século II a. C. Foi uma expedição comandada por um procônsul romano, uma espécie de expedição de exploração. Como consequência decorreu uma batalha que foi ganha pelos romanos, e o procônsul romano voltou para Sul. É o primeiro contacto que se conhece, tendo sido um contacto violento. Após esse episódio, e já na época de César Augusto, iniciaram-se contactos comerciais entre os dois povos. Quando César Augusto fez as chamadas guerras Cantábricas no Norte de Espanha (Norte da Galiza e Astúrias), a legião Romana passou por aquela região sem qualquer problema. Supõe-se até que a fundação da cidade de Bracara Augusta tenha sido uma contrapartida negociada com os Brácaros, daí chamar-se "Bracara" e "Augusta", porque foi fundada por César Augusto.

Refere Cruz (2014a) que os materiais mais recentes, da última fase de ocupação, são de finais do século I a inícios do século II d. C. A Citânia teve, assim, uma ocupação de mais de mil anos, embora o aspeto que se conhece do local corresponda à fase em que o castro concentrou mais população, nos séculos II e I a. C..

O mesmo autor acrescenta que devem ter vivido na Citânia de Briteiros sensivelmente entre duas mil e quinhentas a três mil pessoas que falavam uma língua do tronco comum Celta, que dominava na altura grande parte da Europa Ocidental. Conhecem-se algumas palavras, alguns nomes de pessoas, nomes de deuses e pouco mais. Com a introdução do Latim pelos romanos, a língua Celta acabou por ser extinta mas é um dos poucos exemplos de algo que tenha sido apagado pelos romanos. Estes geralmente não tinham a intenção de eliminar a cultura local para a substituir pela sua; normalmente formavam uma cultura própria com elementos latinos e com elementos locais como é o caso dos deuses. Havia deuses indígenas que já eram adorados na Idade do Ferro e que continuaram a ser adorados na época romana e deuses romanos que começaram, também, a ser adorados. As religiões politeístas permitem que isso aconteça, por mostrarem maior maleabilidade nas diferentes atribuições dos deuses, que não colidiam. A escrita também foi introduzida pelos romanos, daí que os únicos registos que existem sejam posteriores à sua ocupação.

2.3.3 HABITAÇÕES

Cruz (2014a) afirma que numa primeira fase, as cabanas tinham forma redonda e eram construídas de madeira e de palha, isto é, de materiais efêmeros. As primeiras casas de pedra começaram a ser construídas no século IV a.C. e mantiveram a forma redonda (Figura 1). As casas retangulares apareceram no século II a.C. e, nessa altura, as casas redondas foram, na sua maioria, substituídas. Cardoso (1976) diz também que:

“A espessura das paredes era, em regra, de 40 a 50 centímetros; e o diâmetro do pavimento interior de cerca de 5 metros. O aparelho é composto de dois revestimentos, interno e externo, que não apresentam qualquer espécie de travamento mútuo; um desses parâmetros, o interior, era de pedras miúdas, irregularmente dispostas, e o exterior de pedras maiores; algumas delas, as da filada da base, tinham, por vezes, mais de um metro de altura e eram metidas de cutelo no solo.” (Cardoso, 1976, p.30)

As ruas da Citânia, acrescenta Cruz (2014a), já são da fase das casas retangulares; são ruas que têm um traçado relativamente ortogonal e formam bairros sensivelmente do mesmo tamanho, embora nunca façam ângulos retos - são obtusos ou agudos, o que deve estar relacionado com a topografia do terreno. É um primeiro ensaio de urbanismo ortogonal.



Figura 1 - Casas da Citânia de Briteiros. © Isabel Jantarada

O aspeto da Citânia com ruas e com as casas retangulares remonta ao século II, I a. C. (Figura 2). Posteriormente, já na época de Augusto e Tibério, na época romana, surgem casas romanas com um pátio e com compartimentos à volta do pátio. Esta organização das casas era a que já existia antes, embora ligeiramente diferente, por exemplo: se existissem três casas redondas e duas retangulares da mesma família, eram circundadas por um muro, com um pátio no meio a céu aberto, que dava para a rua, e as portas das casas abriam para esse pátio. Cada casa dessas tinha uma função: uma era a cozinha, outra a zona das refeições e outra os dormitórios.



Figura 2 - Vista aérea da Citânia de Briteiros. © Google Maps.

“O mais curioso nestes complexos é a importância construtiva do lajeado do pátio e da estrutura circular de maior destaque, bem como a notória divisão entre o que é espaço público (ou seja as ruas e outras zonas abertas) e o espaço privado, ou familiar.” (Lemos & Cruz, 2007, p. 80).

Para Cruz (2014a), todas as construções da Citânia são habitacionais, a única exceção é a Casa do Conselho (Figura 3), que aparentemente era um espaço público mas algo restrito, ou seja, era formada por uma assembleia de pessoas escolhidas de alguma forma para representarem os cidadãos.

“Assim a “Casa do Conselho”, a larga estrutura no extremo Sudoeste da acrópole, não seria um cenário agradável onde, periodicamente, se reuniam os chefes das famílias mais importantes, em amenas conversas, bebericando cerveja, ou vinho importado do Mediterrâneo. A “Casa do Conselho” era um edifício onde se resolviam matérias decisivas para a vida do grande povoado contas e querelas.” (Lemos & Cruz, 2007, p. 66).



Figura 3 – “Casa do Conselho”. © Isabel Jantarada

2.3.4 VIDA QUOTIDIANA DO POVO

Cruz (2014a) diz que o povo que vivia na Citânia era na sua maioria agricultor, todos possuíam animais e todos cultivavam a terra, embora algumas famílias tivessem uma tradição artesanal a nível da olaria, da metalurgia ou a nível do corte de pedra e carpintaria. Algumas casas possuíam nas suas portas uma tenaz gravada para marcar uma forja, um ferreiro.

Existem poucos objetos metálicos dessa época, explica Cruz (2014a), porque o solo do Norte de Portugal é extremamente ácido, é granítico, o que significa que todo o objeto que seja de madeira desaparece, bem como o que é de ferro. O bronze é um pouco mais resistente. Existem alguns objetos dessa época, tais como: alfinetes de cabelo (Figura 4), agulhas em bronze, um caldeirão decorado com desenhos, asas de caldeirão e um cabo de um punhal.



Figura 4 – Alfinete. Museu da Cultura Castreja. © Isabel Jantarada

O vestuário que este povo usava era essencialmente fabricado de lã grosseira dos rebanhos e de linho cultivado nos campos. Vestiam túnicas que cobriam com uma capa de cor escura, semelhante ao que os Romanos chamavam *sagum*. As mulheres usavam tecidos de cores garridas. As peles dos animais, os couros, eram também usadas como peças de vestuário e com eles se faziam peças de calçado, como botas, polainas e sandálias.

Existiam nessa época caldeirões e caldeiros. Os caldeirões eram utilizados para cozinhar para grandes ocasiões como por exemplo banquetes e cerimónias.

A partir de uma certa altura, afirma Cruz (2014a), a Citânia de Briteiros começou a concentrar mais população e a concentrar também diversas funções: funções económicas, funções políticas e possivelmente funções religiosas. Daí que é possível que no ponto alto da Citânia houvesse uma zona de santuário, onde se fizesse um festival em determinadas alturas do ano e isso atraísse pessoas de outros povoados à Citânia. “A religião adotada era a Fisiolatria, isto é, o culto dos agentes naturais, como o Sol, a Água, a Terra, etc., encarnados em deuses como Bormânico, Endovélico e muitos outros (...)” (Nunes, 1994, p.5).

Cruz (2014a) acrescenta que, no fundo, a Citânia era uma cidade. Na altura, já existiam carros de bois e carroças mas não passavam nas ruas da Citânia por serem demasiado estreitas para passar e nunca foram encontradas marcas de rodados nas suas calçadas. Supõe-se que a população usasse as carroças fora do povoado e que por dentro apenas circulassem pessoas a pé, animais de carga, rebanhos de ovelhas e rebanhos de cabras.

2.3.5 A MOEDA

Segundo Cruz (2014a), a moeda foi introduzida na Citânia também pelos romanos. Existem algumas moedas, recolhidas nas escavações, em exposição no Museu da Cultura Castreja: uma delas foi cunhada em Mérida (no Sul de Espanha) e foi encontrada na Citânia; outras foram cunhadas nesta região. Estas últimas são moedas da época de Augusto e têm desenhado um escudo de um guerreiro. É um escudo indígena,

não um escudo romano. Isto foi uma forma dos indivíduos que viviam na Citânia associarem a moeda ao poder. Cardoso (1976) acrescenta que:

“ A série numismática recolhida na Citânia, desde as escavações de Sarmento até ao presente, cifra-se em 51 grandes, médios e pequenos bronzes, alguns fragmentados, e treze moedas de prata (denários), sendo 6 destas imperiais (4 do reinado de Octávio, 1 de Tibério e 1 de Trajano), e 7 consulares (1 de Gens Aemilia, 2 das Gens Antónia, 1 das Gens Claudia, 1 das Gens Porcia, 1 das Gens Thoria e 1 da Gens Calpurnia (Todos estes denários da República são do século I a. C., exceto o da Gens Porcia que é de meados do século II a. C.). ” (Cardoso, 1976, p. 57).

2.3.6 A CERÂMICA/COSTUMES DA ÉPOCA

É da época da idade do ferro, assegura Cruz (2014a), que há mais materiais cerâmicos, tais como: louças de cozinha, louças de mesa, tigelas, um coador, uma travessa, um potinho e um testó.

No Museu da Cultura Castreja, existe, em exposição, uma das poucas representações da figura humana dessa época. Normalmente, as estátuas de guerreiros dessa altura estão numa posição hirta com o escudo redondo em frente à barriga.

Curiosamente, afirma Cruz (2014a), na Citânia de Briteiros nunca foi encontrado nenhum guerreiro. Existe na exposição do Museu alguma cerâmica da época da romanização já com nomes em Latim como, por exemplo, dois potinhos que eram normalmente usados para beber. Neste caso, estes potinhos tiveram uma função ritual: um deles, quando foi encontrado na Citânia, tinha no seu interior brincos em ouro, provavelmente foi usado numa deposição funerária e o outro apareceu na altura das escavações de Martins Sarmento, não contendo nada de especial, a não ser o facto de ter uma inscrição no bordo.

O mesmo autor esclarece que, na altura, as pessoas eram cremadas e os restos mortais eram depositados, em alguns casos, na casa da própria família, noutros casos eram depositados em florestas, rios, em lagos, não havendo cemitérios. Na exposição do Museu da Cultura Castreja existe um vaso que é uma imitação de um caldeirão em barro feito por um oleiro; apareceu juntamente com uma moeda romana que poderia ser uma oferenda (por vezes os indivíduos enterravam comida como uma oferenda aos deuses),

como podia ser também uma deposição funerária. Os hábitos da altura estavam muito ligados à religião, ritualidade, à natureza, à terra e à água.

Acrescenta Cruz (2014a) que, em exposição no Museu da Cultura Castreja, existe cerâmica da época romana, já da última fase da ocupação. É cerâmica muito mais fina do que a cerâmica Castreja: umas são chamadas de *sigillatas* (Figura 5), uma delas foi fabricada em Itália, outras quatro foram fabricadas no Sul da Gália, outras são hispânicas (fabricadas na Península Ibérica) embora não nesta zona, mas na zona do Vale do Ebro. Há uma outra, chamada de cerâmica Bracarense, porque foi feita nesta zona, mas é uma cerâmica romana, tal como os mascarões, a lucerna que funcionava a azeite para iluminação, fabricada em Bracara Augusta. Esta última tem um selo por baixo da peça que menciona a olaria que a fabricou. Nesta época já existem muitos registos que nos permitem identificar indivíduos.



Figura 5 - Cerâmica. Museu da Cultura Castreja. © Isabel Jantarada

2.3.7 A ALIMENTAÇÃO

Para Cruz (2014a), o azeite foi introduzido pelos romanos e antes da sua existência usava-se sobretudo gordura animal. Relativamente às ânforas, estas aparecem em doses industriais na Citânia de Briteiros como noutros Castros. Estas ânforas foram fabricadas no Sul de Espanha, na Bética e eram importadas por via marítima com vinho. É o momento da introdução do vinho nesta região. Na Citânia apareceram grainhas de uva carbonizadas no depósito das ânforas. A partir desta altura, já na época romana, começou a cultivar-se vinho nesta zona, mas na Idade do Ferro ainda não se cultivava

vinha. O vinho que havia era importado numa fase final. O que havia de alcoólico era cerveja e hidromel.

O mesmo autor afirma que existia na altura um vasto leque de recursos que garantiam a subsistência dos habitantes da Citânia. Este conjunto de recursos facultava uma alimentação rica e variada tal como: cereais, leguminosas, carne de animais domésticos (caprídeos, ovinos, bovídeos, suínos), e, mesmo, carne de caça, nomeadamente javali. Os povos utilizavam muito a castanha e a bolota. Certos alimentos ainda não existiam na Citânia. É o caso do milho, do tomate e da batata, que vieram só com os Descobrimentos.

Naquela zona, existiam animais como lobos, raposas, ursos e lince que, hoje em dia, já não se veem naquela zona. Os Castros ficavam situados numa zona alta, porque as zonas de vale eram circundadas por florestas repletas desse tipo de animais. E essa é uma das razões porque os Castros têm muralhas à volta, não é necessariamente para se protegerem dos inimigos, mas sim para protegerem os seus animais domésticos, os rebanhos e as manadas dos animais selvagens.

2.3.8 O BALNEÁRIO

Existiam dois balneários na Citânia, esclarece Cruz (2014a), e cada balneário servia ao mesmo tempo cerca de dez pessoas. Não eram espaços muito grandes e é possível que fossem utilizados ao longo do dia por diferentes pessoas.

Um dos balneários está ligeiramente afastado da área escavada, tendo surgido com a construção da estrada em 1930, embora originalmente estivesse dentro do povoado. O balneário da Citânia de Briteiros é um dos balneários que ainda tem a Pedra Formosa no local (Figura 6). Havia na Citânia um segundo balneário, de onde



Figura 6 - Balneário. Citânia de Briteiros. © Isabel Jantarada

veio a Pedra Formosa que está exposta no Museu da Cultura Castreja, que representava um balneário maior.

Os balneários eram construídos em zona de encosta, zonas mais baixas para fazer chegar a água e sempre perto de portas de acesso ao povoado.

2.3.9 A PEDRA FORMOSA

A Pedra Formosa, que se encontra em exposição no Museu da Cultura Castreja, é o principal símbolo da Citânia de Briteiros, descreve Cruz (2014a). (Figura 7).

É a peça mais importante que apareceu na Citânia até hoje e a mais peculiar e pensa-se que esteja ligada a uma certa ritualidade associada aos banhos da altura. Basicamente, a Pedra Formosa era uma parede que dividia dois compartimentos do balneário. As pessoas entravam, tiravam a roupa, besuntavam-se com óleos, passavam por uma pequena abertura, deitavam-se com a cabeça virada para dentro, punham as mãos numa pega e empurravam o corpo para dentro. Já lá dentro havia uma câmara de sauna onde a temperatura era muito alta, e onde permaneciam vários minutos a transpirar. De seguida, saíam e na rua existia um tanque onde tomavam um banho de água fria e finalmente voltavam a besuntar-se com óleo. Este tratamento era muito eficaz pois fazia bem à circulação sanguínea e era bom para limpeza de pele. Ao usufruírem da sauna, os poros dilatavam, transpiravam, limpavam a pele e depois do banho de água fria os poros fechavam. Apesar dos habitantes da altura não possuírem uma explicação para este ritual, eles simplesmente sentiam-se melhor. Cruz (2014a) explana que por baixo da Pedra Formosa não há decoração, pois era onde encaixavam os bancos de pedra. Em cima visualizam-se dois



Figura 7 - Pedra Formosa. Museu da Cultura Castreja. © Isabel Jantarada

rasgos que fazem uma espécie de telhado, são as marcas das pedras da cobertura, o que quer dizer que parte da decoração estava escondida pela cobertura. Como a decoração é abstrata, existem várias versões sobre o que estará representado na Pedra. Alguns dizem que parece uma âncora (embora na altura não existissem âncoras nesta região); outros afirmam ser uma casa com a porta, a parede, a cobertura e com o poste central; outros, ainda, dizem estar representado um barco, com um mastro e as velas; pode até ser uma figura que está sentada numa sauna, ou uma divindade, pode ser eventualmente um deus ou uma deusa. Mas a opinião mais consensual, acrescenta Cruz (2014a), é a representação de uma pessoa com cabeça, braços, tronco e as pernas. Finalmente, por cima dos braços, os desenhos que existem podem representar o vapor.

Conhecem-se cerca de dez ou onze Pedras como esta, em vários locais. Na Citânia de Briteiros conhecem-se duas: a que está exposta no Museu e a que está na própria Citânia, mas todas elas têm decorações diferentes.

Poder-se-á afirmar que as ruínas arqueológicas da Citânia de Briteiros são o exemplo mais fiel da identidade do Concelho de Guimarães na Idade do Ferro, mas também um dos mais grandiosos exemplos da Cultura Castreja na Península Ibérica. A Citânia conta a vida e obra dos Romanos que durante anos esteve escondida por debaixo das colinas de S. Salvador de Briteiros.

A Citânia é um local já bem conhecido pela maioria das pessoas daquela zona desde a idade moderna (desde o século XVI, XVII) e é conhecida como "Citânia", um termo de origem popular. O conjunto de ruínas começou a ser conhecido a partir de finais do século XIX quando Martins Sarmento iniciou as escavações, comprou o monte e pôs a descoberto grande parte das ruínas que lá existem.

Com uma larga extensão, a estrutura tem ainda muito por desvendar, uma vez que apenas uma parte do local foi escavada. Ainda assim os vestígios de uma Civilização Castreja estão à vista, bem como os seus costumes e hábitos. Em Briteiros ainda é hoje possível recordar a Idade do Ferro pela abundância dos vestígios encontrados que revelam as várias ocupações daquele espaço. Casas, balneários públicos, arruamentos, canalizações de água e "prisões de gado", são alguns dos indícios possíveis de encontrar na Citânia de Briteiros mas também no Museu da Cultura Castreja, um espaço de complementaridade à estação arqueológica onde foram agrupadas as coleções recolhidas durante as escavações.

No Solar da Ponte, propriedade da Sociedade Martins Sarmento, foi instalado o centro interpretativo da Citânia de Briteiros, designado por Museu da Cultura Castreja, embora seja uma extensão do Museu de Guimarães e do Museu da Sociedade Martins Sarmento. Segundo Cruz (2014a) estes dois espaços, propriedade da Sociedade Martins Sarmento, são hoje um sinal que o passado pode desvendar muito sobre o presente, mas também sobre a nossa identidade.

2.4 A IMPORTÂNCIA DAS TRADIÇÕES NA CULTURA DE UMA REGIÃO

“A recolha das Tradições de um povo, revela a sua Cultura. Esta é um bem coletivo que urge preservar. No momento em que o mundo tende, cada vez mais, para a globalização e porque este fenómeno pode pôr em risco a perda da identidade do nosso povo, a melhor forma de a proteger é tentar procura-la na chamada cultura popular e registá-la. Entenda-se aqui por cultura aquela que nos identifica com a terra e a nossa origem.” (Adriano, J. & Fael, I., 2002, p. 137).

Os hábitos e tradições numa determinada região são, quase sempre, localizados nas povoações rurais, onde ainda tentam perdurar o conservadorismo daquelas que vivem ligados à terra. Muitas vezes a Cultura popular consegue sobreviver em meios cada vez menos populosos. Apesar disso, a Cultura, hoje, tem uma evidência que não tinha há vinte ou trinta anos atrás. Verifica-se a deslocação de demonstrações de Cultura tipicamente rurais, na tentativa de conquistar o espaço urbano, como por exemplo nas feiras, nos jogos tradicionais, nos festivais de folclore, etc.

Para Pacheco (2007), qualquer projeto de animação e divulgação cultural, em termos de proteção do património e de desenvolvimento da criatividade artística das populações, terá de tomar partido face ao binómio oposição/síntese. O autor questiona as relações existentes entre a Tradição e a atualidade das Culturas, afirmando que a resposta assenta numa atitude sensível e atenta aos sinais das épocas de agora e anteriores, nomeadamente os séculos XIX e XX. Implica portanto a escolha de posições conciliadoras das divergências: a contradição entre passado e presente. Acrescenta ainda que:

“Mais do que quaisquer imposições exteriores, produto não raro, de políticas voluntaristas de transformação das sociedades, o desenvolvimento de um país depende, em conta, peso e medida dificilmente avaliáveis, da vitalidade da sua Cultura (em termos de resistência à uniformização ou à dissolução), do assumir das suas Tradições mais legítimas e mais nobres, da compreensão, enfim, do seu imaginário e das linguagens que o afirmam.” (Pacheco, H. 2007, p.33)

Pacheco (2007) continua dizendo que a maioria das artes, ofícios, usos e costumes tradicionais não poderá manter-se numa sociedade que mudou completamente em muitos aspetos devido à rápida transformação que sofreu. Este autor refere que algumas tentativas de “renascimento do passado” são meras imitações pouco conseguidas. Recriar cerimónias tradicionais assentes em costumes e práticas desaparecidas não será mais do que representação, por melhor conseguidas que sejam. Este autor tem dúvidas de que a salvaguarda da identidade cultural do país passe por aí, isto é, pelo mero espetáculo mediático que pretende apenas agradar ao público. Continua dizendo que esta não será a melhor forma de amparar e enobrecer as tradições, isto é, seguir a moda tão atual e com admiradores em locais onde o passado serve de justificação a uma certa falta de ação social, de fazer reviver, a todo o custo e de qualquer maneira, as tradições que já desapareceram, porque elas são como o próprio ser humano que as criou: nascem, crescem, às vezes reproduzem-se e morrem. Recriar hábitos e costumes tradicionais, além de pura encenação, parecendo muito pouco realista, é sempre colocá-los fora do contexto e das coordenadas temporais que lhes deram sentido e funcionalidade. Estas atividades não devem acontecer apenas para consumo turístico e político.

As várias animações culturais, tais como: recriações históricas, realização de feiras medievais, etc. têm como função fortificar as tradições, é uma prática social que dinamiza a comunidade, logo traz vantagens para o desenvolvimento da região. Para Quintana (1993), a animação cultural tenta recrutar pessoas e grupos para que conheçam os feitos culturais e o propaguem como património comum. Por vezes, a cultura está desvalorizada e é função da animação cultural torná-la numa cultura fortificada. As tradições servirão como referência de um povo, de uma região, se forem continuamente recriadas em bases de respeito pelo passado, mas acatando as condições do presente. As atividades de animação cultural são uma forma de transmitir à população ou ao público turista em geral as tradições da região, promovendo desta forma a cultura local, contribuindo para o seu desenvolvimento e enriquecimento.

As tradições, com a sua componente lúdica/cultural, podem operar como um produto turístico, colaborando deste modo para o desenvolvimento cultural da região; no entanto, terão de contar com a colaboração de algumas entidades públicas e até privadas. O futuro de certas regiões passará pela proteção das suas tradições, apesar de algumas estarem a assistir a uma desvalorização e abandono cada vez maior.

Acredita-se que as tradições podem ser um fator de desenvolvimento local, através de uma recreação comunitária, desenvolvendo uma oferta turística, sustentada na região com a respetiva transformação da sua realidade.

É do povo que se recebem muitos dos testemunhos materiais (objetos, utensílios) e também recordações (hábitos, cultos, cerimónias) que fazem parte do património que se herda, ou seja, o património cultural e histórico que se recebe como herança dos nossos antepassados. A herança cultural vai sofrendo alterações com o decorrer dos tempos, pois cada geração vai juntando as marcas do seu tempo, assim acontece na cultura e nas tradições. As tradições de uma região refletem a cultura resultante da permanência dos inúmeros povos que nessa região se estabeleceram.

2.4.1 TRADIÇÃO

Segundo Pires (1994), antropológicamente, o termo Tradição significa a transmissão, geralmente oral, através da qual várias atividades, gostos ou crenças, vão passando de geração em geração e desta forma eternizados. Por vezes, o termo Tradição tem sido confundido com Cultura. O termo Tradição, para a generalidade dos autores, emprega-se apenas a alguns elementos de uma Cultura e não a todos, transmitidos de geração em geração.

Os elementos de Cultura que são reconhecidos de modo a formarem Tradição são geralmente dignos de especial atenção no centro de cada Cultura. A Tradição dá destaque às noções de solidez, continuidade e dignidade, destacando o conhecimento coletivo inserido no património cultural do grupo.

O desempenho muitas vezes estanque que é dado à Tradição leva certos autores a classificar de tradicionais as sociedades que ainda estão longe da fase do arranque do procedimento de progresso económico.

Independentemente do formato como a Tradição se apresenta nos dias de hoje, o facto é que, como parte interveniente da Cultura, sempre esteve sujeita, no que se refere às suas modificações, às regras que determinaram as alterações e transformações nos elementos e padrões de Cultura.

Pires (1994) acrescenta ainda que, nas sociedades modernas, muito industrializadas e favorecidas pelo contacto fácil com outros povos do mundo, as Tradições, como todos os componentes das Culturas Tradicionais, estão a sofrer rapidamente um processo de mudança. A pesquisa etnológica e sociológica feita tem permitido verificar quais são as variáveis com maior importância na transformação da Cultura em geral, da família e sociedade em particular. Os estudos concluíram que as variáveis mais importantes foram: a emigração, o turismo, a industrialização, os meios de informação, as novas tecnologias e também as modificações na estrutura política.

Segundo Silva e Franco (2002), a Cultura representa tudo o que o homem produz de vantajoso, como ser racional. O ser humano trabalha, combate, planeia e sofre para realizar os seus sonhos. E quando pensa que o sonho se concretizou, uma nova etapa surge. Desta maneira, o homem é a figura essencial do motor da história. Acrescentam, ainda, que a Cultura não é sinónimo de inatividade mas de evolução. E como a Tradição faz parte de qualquer Cultura, então também é evolutiva, mas não destruidora, caso contrário contraria a própria natureza da palavra Cultura.

2.4.2 CULTURA

O conceito de Cultura, durante bastante tempo, esteve relacionado com a totalidade dos conhecimentos, de noções, de experiências que o indivíduo tinha, e este, como ser culto, teria de dominar bem qualquer assunto. Assim, o homem que nada sabia era encarado como grosseiro, ignorante e inculto.

Para Silva (2002), cada povo tem a sua própria Cultura que se agrupa e funde quase sempre com a Cultura elitista. Acrescenta que um texto popular tradicional, tanto pode ser oral como escrito. Há, portanto, textos que nunca foram escritos, como sucede com a tradição oral que é transmitida de pais para filhos. Em consequência disso, encontram-se em várias culturas, como por exemplo: nos textos lendários, religiosos, nos romances, autos populares e também na poesia lírica, modificações de acordo com os interesses e as motivações daqueles que os escolheram, com o contexto geográfico, social e cultural que os envolvem. “Tudo isto faz parte de um património cultural que é o rosto do nosso povo, pedaços da nossa identidade, e que só serão um valor permanente se perdurarem na nossa memória” (Silva & Franco, 2002, p. 67). Todas as formas culturais progridem, estando sujeitas a novas interferências.

2.5 AS TRADIÇÕES E A CULTURA CASTREJA (CITÂNIA DE BRITEIROS)

2.5.1 PRODUÇÃO METALÚRGICA

Segundo Lemos (2009), a metalurgia, apesar de ser um dos temas mais pertinentes da Cultura Castreja, gera algumas controvérsias. Os objetos metálicos, recolhidos em contextos incertos, foram alterados pelo discurso arqueológico como objetos simbólicos, deturpáveis conforme as teorias. Durante bastante tempo de investigação foram considerados bens de valor, destinados à alta sociedade, aos aristocratas. Os metais descobertos, de forma isolada, eram reveladores de rotas de comércio. No entanto, continua o mesmo autor, estudos recentes revelaram que a metalurgia era uma atividade complementar, no perímetro de um pequeno povoado. Porém, a partir da última fase da Cultura Castreja, por volta do século I d.C., a metalurgia passou a ser uma das principais atividades, desenvolvida em abundantes povoados, tanto nos pequenos castros, como nas grandes citânias. Como prova da forte atividade metalúrgica de um castro, a Citânia de Briteiros é um bom exemplo. Os objetos de adorno são encontrados em grande número, principalmente as fíbulas de

bronze (Figura 8). Estas eram utilizadas para prender vestuário, como por exemplo camisas de linho ou capas. As fíbulas, uma vez fraturadas, na maior parte das vezes, o material era reaproveitado, sugere que o vestuário era uma das preocupações dos seus habitantes.



Figura 8 - Fíbula. Museu da Cultura Castreja © Isabel Jantarada

Para além das fíbulas, foram encontrados outros objetos de adorno, nomeadamente alfinetes de cabelo. Lemos (2009) acrescenta que no Museu da Sociedade Martins Sarmento encontraram-se conservados 226 alfinetes completos e 156 fragmentos. A prova da existência de oficinas de produção metalúrgica na Citânia de Briteiros deve-se à descoberta de fíbulas anulares inacabadas, de um braço de balança e de um aro de torques, objetos estes que estão guardados nas reservas do Museu da Sociedade Martins Sarmento. A atividade metalúrgica, na Citânia de Briteiros, não se encontrava localizada num ponto específico, mas estariam espalhados por várias unidades. Isto significará que terá havido uma clara dispersão das famílias que se dedicavam à metalurgia. Relativamente aos objetos de uso comum, fabricados tanto em bronze como em ferro, sobressaem as armas, os machados, foices, vasilhame e principalmente muitos objetos de adorno. Em Briteiros conserva-se um fragmento de punhal com cabo de bronze e lâmina de ferro e um número relativamente grande de pontas de lança em bronze ou em ferro.

2.5.2 OS RITUAIS FUNERÁRIOS

Lemos (2009) diz que os rituais fúnebres da Cultura Castreja são um mistério apenas parcialmente conhecido. Apesar da falta de elementos, tudo indica que os mortos eram cremados e as suas cinzas colocadas em vasos enterrados dentro das habitações domésticas, debaixo do chão. O culto dos mortos, ao longo de todo o I milénio a.C., manteve-se num registo reservado e familiar.



Figura 9 - Brincos. Museu da Cultura Castreja. © Isabel Jantarada

Lemos (2009), citando Cardozo (1994), afirma que foram encontrados na Citânia de Briteiros um par de arrecadas em ouro (Figura 9), que se encontravam num pequeno pote de cerâmica indígena, descoberto num canto de uma casa, com pouca profundidade que poderá corresponder a uma pequena urna funerária onde foram depositadas como oferenda as joias, que teriam pertencido ao defunto. Lemos (2009) continua dizendo que este tipo de ritual funerário em que as cinzas dos mortos são guardadas no interior das habitações sob o pavimento, nas zonas contíguas ou até nos pátios é uma prática que se encontra em numerosos povos. Prossegue dizendo que uma segunda fase de monumentalização do ritual funerário materializa-se nas estelas gravadas com o nome do defunto. O facto de existirem estelas funerárias de indígenas, datadas do século I, quando ainda a maior parte das comunidades desconhecia o latim, é um sinal de notoriedade e de mudança.

Se a cremação terá sido o rito funerário dos habitantes dos castros, seria importante saber em que locais eram colocadas as piras para queimar os corpos. “Neste domínio, o da questão sobre os cultos funerários da Cultura Castreja, ainda há muito por esclarecer, sendo necessário que as escavações se realizem com extremo cuidado”. (Lemos, 2009, p. 194)

2.5.3 O SISTEMA AGRO-SILVO-PASTORIL

Segundo Lemos (2009), desconhece-se ao certo os animais que eram consumidos nessa época, no entanto, há dados que dizem que o gado porcino poderia alimentar-se de bolotas, farelo de cevada e folhas de olmo. O gado bovino, ovino e caprino possuía grandes espaços para pastagens. O gado bovino pastava nas zonas montanhosas; as cabras, nas encostas mais acidentadas, bastante desflorestada; os bois e as ovelhas alimentavam-se de ramagens de freixo.



Figura 10 - Tecedeira. © Isabel Jantarada

As matas existentes facultavam diversas madeiras que eram utilizadas na construção das habitações e na fabricação de vários utensílios. Ofereciam também a lenha, ou ainda ramos para alimentar algum gado. Na base das encostas, onde escoavam os pequenos afluentes dos rios de maior caudal, cultivava-se o milho, útil tanto para a alimentação das pessoas como do gado e o linho, importante para o fabrico do vestuário (Figura 10).

Estes produtos cresciam em solos húmidos. Os solos mais secos eram os mais adequados para o cultivo de cereais de sequeiro.

Prossegue Lemos (2009) dizendo que, nas superfícies montanhosas, existiam grandes espaços para a criação de gado bovino, cavalar, ovino e caprino. Anualmente faziam-se queimadas, então, os pastos eram renovados e o mato cortado para ser utilizado na cama do gado. Por outro lado, nas encostas mais inclinadas, onde era impossível cultivar produtos agrícolas e menos favorável à pastorícia, existiam muitos carvalhos e sobreiros, proveitosos para a construção e para a lenha, garantindo também a recolha de frutos, ou seja, de bolotas. Após várias investigações, consegue-se admitir que os habitantes dos castros alimentavam-se de bolotas de carvalho, depois de moída como farinha ou sob a forma de sopas. Esta hipótese surge depois de terem sido encontradas em diversos castros grandes quantidades de bolotas por vezes queimadas. Poder-se-á também afirmar que essas bolotas teriam como destino a alimentação do gado suíno.

Lemos (2009) continua dizendo que os cereais eram tratados, numa primeira fase, em mós manuais, ou de vaivém, que se encontram nos povoados e que correspondem a uma pedra escavada côncava. No fundo eram depositados os grãos de cereal que eram esmagados por um rolo, uma pedra cilíndrica (Figura 11). A partir do séc. IV a.C., por influência púnica (mediterrânica), foram adotadas as mós rotativas.



Figura 11 - Mó. © Isabel Jantarada

A partir da cevada fabricava-se uma bebida alcoólica muito parecida com a cerveja. Apesar da videira selvagem já existir, não se produzia vinho. O vinho só surgiu, numa fase adiantada da Cultura Castreja, quando apareceram as ânforas.

Este conjunto de recursos garantia a subsistência dos habitantes da Citânia de Briteiros. Proporcionava uma alimentação rica e variada que continha cereais, leguminosas, carne de animais domésticos (caprídeos, ovinos, bovídeos, suínos), e, também, carne de caça, nomeadamente javali.

2.6 A IMPORTÂNCIA DA DIVULGAÇÃO DAS TRADIÇÕES, ATRAVÉS DA CITÂNIA VIVA, NA CULTURA DA REGIÃO

Segundo Cruz (2014b), o espectro cronológico da época em que se recria este evento é relativamente restrito, apesar da longa duração dos períodos históricos em que a Citânia de Briteiros foi habitada (Idade do Bronze, Idade do Ferro e período Romano Alto-Imperial). Esta restrição, posicionando a época recriada nos finais do século I a. C., prende-se com o facto de existirem mais dados acerca deste período, nomeadamente da sociedade, das tradições (costumes, rituais) e cultura material.

O mesmo autor acrescenta que os figurantes que participam nas recriações são todos voluntários, oriundos da comunidade local, da cidade de Guimarães e dos concelhos vizinhos de Braga e Póvoa de Lanhoso. Promove-se, portanto, um espetáculo

de boa qualidade para um número considerável de visitantes, com praticamente nenhum impacto negativo para o sítio arqueológico.

O aspeto mais importante a realçar é a formação dos figurantes que, tal como o público, ou de uma forma ainda mais eficaz, experimentam uma sensação de viagem no tempo. Com diferentes perceções pessoais, todos os voluntários que participam no evento ficam com uma noção histórica totalmente diferente, quer da Citânia de Briteiros, quer da época histórica que testemunham. Assimilam também um importante conjunto de procedimentos em relação aos monumentos arqueológicos, aspeto que confere a este evento uma responsabilidade didática relativamente ao nosso Património Cultural.

Cruz (2014b) afirma que, ao longo de várias edições, o público-alvo deste evento tem correspondido a duas tipologias principais: a comunidade local, entendendo-se aqui o âmbito concelhio; os visitantes em geral, nomeadamente: famílias, grupos, visitantes estrangeiros que constituem o público-base da Citânia de Briteiros.

Para a realização deste evento, os organizadores têm de ter um plano de comunicação e marketing, de modo a divulgar esta atividade de interesse Cultural para o desenvolvimento da região, a saber: publicitação na Agenda Cultural do Município, nos jornais e rádios locais, nas vias de divulgação dos serviços de Turismo e divulgação através das redes sociais na internet. A divulgação oral é feita através das entidades envolvidas na organização, sobretudo a nível local.

A transmissão das tradições da época dos finais do séc. I a.C., (da região de Briteiros) através desta recriação histórica é importante, na medida em que faz com que haja divulgação sobre a existência da Citânia de Briteiros, o que contribui, naturalmente, para uma grande afluência de população à referida Citânia. É portanto uma forma de divulgação das tradições e da cultura da região.

Com a realização desta atividade cultural são introduzidos novos conceitos de valor e de estética que potenciam o desenvolvimento de outros projetos de carácter cultural e artístico com raízes tradicionais e populares; contribui para a partilha de informação e de experiência, entre diferentes agentes da comunidade associativa de Guimarães, tendo em conta o carácter multidisciplinar da ação e o contacto entre diferentes entidades. Finalmente, contribui de forma determinante para uma

descentralização do programa cultural, e, recorrendo aos próprios elementos da comunidade, proporcionam a democratização do acesso à Cultura e à Arte.

Pode-se concluir que muitas das tradições populares fazem parte de um passado e outras continuam a fazer parte do nosso quotidiano. As tradições populares podem e devem ser aproveitadas em termos de recriações históricas e para tal é importante que existam ações de valorização e preservação das mesmas. Se não houver esforço e preocupação em preservar as tradições, a maior parte delas irão acabar por se perder.

A recriação histórica da Citânia de Briteiros é uma forma de conhecer o passado e a cultura dessa região. A cultura é, neste sentido, entendida como um recurso popular, sendo também uma forma de garantir o desenvolvimento local.

A preservação das tradições é uma forma de conservar na memória e no quotidiano da população a cultura de um povo e será naturalmente uma mais-valia para o desenvolvimento turístico/económico da região.

2.7 A IMPORTÂNCIA DAS RECRIAÇÕES HISTÓRICAS

Segundo Lino (2008), as recriações históricas pretendem cativar o interesse e a atenção do público, através de encenações, que combinem o real com a área da imaginação, entre o respeito pela verdade científica dos factos, a arte e a criatividade, para que cada um possa reviver os acontecimentos com realismo. Continua afirmando que reproduzir uma determinada época, recriar um determinado cenário, estabelecer a ponte entre o passado e o presente é uma forma de defender o património histórico.

Pina (2004) refere que, numa representação histórica, os acontecimentos históricos não se repetem e os aspetos físicos sofreram alterações, logo não se podem revelar cientificamente corretos. Continua afirmando que o ambiente é fictício, a envolvente atual, os ruídos modernos, as gentes aculturadas, todo um conjunto de dificuldades que exige a quem prepara e projeta a cenografia, a habilidade de os ultrapassar sem negligenciar o rigor científico necessário à qualidade da apresentação, criando no público alguma expectativa de se encontrar envolvido na época.

Para Gomes (2011), a recriação histórica, muitas vezes denominada por “História ao Vivo”, permite que todos tenham uma visão do passado, possibilitando desfrutar, no presente, dos aromas, sabores, sons e ambientes de outrora. Acrescenta que, no nosso país, as recriações históricas têm tido um considerável crescimento nos últimos anos e que estas ações surgem como elementos importantes para a dinamização de sítios arqueológicos, espaços monumentais, edificações e centros históricos. O autor refere ainda que, por vezes, o sucesso destes eventos serve de motivação à realização de inúmeras recriações históricas, muitas delas preparadas com empenho e rigor, outras, pelo contrário, seguem determinados modelos já existentes, como por exemplo algumas “feiras medievais” onde se misturam todo o tipo de materiais, trajes e acontecimentos, com um leque cronológico completamente arcaico. Estas recriações históricas aliciam um público que quer conhecer e, muitas vezes, ter uma participação ativa no decorrer da ação. As recriações permitem que habitantes locais, estudantes, funcionários públicos, médicos, etc. se transformem em “personalidades históricas”, heroicos guerreiros castrejos, humildes oleiros, comerciantes, entre outros. Para Gomes (2011), as recriações históricas têm como objetivo reviver determinados momentos de épocas passadas, em que os participantes assumem com paixão a personagem que retratam. É necessário, também, que, para a realização de uma recriação histórica, as pessoas envolvidas estejam devidamente motivadas e instruídas no tema a tratar, de modo que possam transmitir seriedade e veracidade ao evento.

Conforme refere Carneiro (2011), as recriações históricas têm sido uma constante na animação de espaços urbanos e rurais, incluindo comemorações de datas históricas, propagando monumentos, centros históricos, entre outros. Gomes (2011) afirma que, muitas vezes, nas recriações históricas verifica-se que os trajes usados se repetem de evento para evento, e que, muitas vezes, se mostram completamente desajustados para as épocas que pretendem recriar. Carneiro (2011) partilha da mesma opinião e acrescenta que deve-se impor mais rigor nos materiais e em todas as particularidades que caracterizam a época para que deste modo estas atividades atinjam os fins desejados.

Para Santos (2012), a recriação histórica é uma atividade em crescimento nos últimos anos em Portugal e cada vez mais as autarquias locais se preocupam em querer divulgar o seu património turístico-cultural. Através de um estudo realizado pelo autor relativamente aos impactos económicos, sociais, culturais e ambientais, concluiu que,

no que concerne aos impactos positivos das recriações históricas, o evento atrai investimentos, promove o comércio e a indústria local, aumenta os meios recreativos e de lazer, recupera o artesanato e incentiva a restauração dos edifícios históricos. Quanto aos impactos negativos, destaca o aumento do congestionamento do tráfego, o aumento dos preços e o aumento da poluição.

De acordo com Campos (2001), o resultado que as recriações históricas têm no âmbito do Turismo Cultural é confirmado pela quantidade de visitantes que assistem a estas iniciativas, bem como pelo investimento das autoridades locais nestes eventos. A autora acrescenta que o número de recriações históricas que se verificam anualmente tanto em Espanha como em Portugal comprovam a pertinência que estas dinâmicas alcançam nos dois países e as suas potencialidades ao nível do Turismo. Acrescenta, ainda, que, face ao número de pessoas que assistem às recriações históricas, os desafios que se colocam aos seus organizadores centram-se, principalmente, não na aglomeração de maior número de visitantes, mas no aumento do investimento ao nível da formação da população com o objetivo de melhorar a sua participação no evento; na obtenção de públicos cada vez mais exigentes e na melhoria do nível de rigor histórico. Logo, é fundamental apresentar propostas culturais únicas e inovadoras.

CAPÍTULO III – CITÂNIA VIVA

3.1 CITÂNIA VIVA, RECRIAÇÃO HISTÓRICA DA CITÂNIA DE BRITEIROS AO LONGO DOS ANOS

Segundo Cruz (2014b), a Citânia Viva é uma atividade de Recriação Histórica que tem vindo a ser implementada na Citânia de Briteiros, desde 2005. É um evento de carácter cultural e recreativo, que pretende articular o desenvolvimento das investigações arqueológicas no âmbito da Proto-história, com a assimilação dos conhecimentos por parte da comunidade local e dos visitantes da Citânia de Briteiros, em geral. Nesse ano, o evento foi organizado no âmbito do projeto “Castrenor”, tendo então a Casa do Povo de Briteiros atuado como entidade executora, e a Casa de Sarmento (Universidade do Minho), parceira do mesmo projeto, assumindo o enquadramento científico do mesmo. Nessa edição (2005), participaram mais de cem figurantes. Em 2006, a Casa do Povo de Briteiros e a Sociedade Martins Sarmento deram continuidade ao evento, recorrendo aos recursos disponíveis de ambas as instituições e a um patrocínio atribuído anualmente pela Câmara Municipal de Guimarães.

O mesmo autor afirma que o evento tem sido realizado nestes moldes, com periodicidade anual, nomeadamente em julho de 2006, setembro de 2007, maio de 2008, setembro de 2009, maio de 2010 e maio de 2011, com a cooperação de diferentes entidades associativas dos concelhos de Guimarães e de Braga.

Em 2012-13, a Citânia Viva foi contemplada com financiamento atribuído pelo Programa Associativo Tempos Cruzados, da Capital Europeia da Cultura - Guimarães 2012, no âmbito do projeto Constelações, tendo-se realizado o evento nos dias 14 e 15 de junho de 2013. A candidatura exposta ao Constelações foi apresentada através de uma rede associativa estabelecida entre a Casa do Povo de Briteiros, a Sociedade Martins Sarmento e o Agrupamento Vertical de Escolas de Briteiros.

No ano de 2014, acrescenta Cruz (2014b), este evento teve a duração de dois dias ao longo dos quais foram representados os espetáculos encenados, paralelamente a

um serviço permanente de comidas, que teve também uma componente de recriação histórica. Em 2015, o evento teve a duração de oito horas ao longo das quais foram apresentados diversos números musicais e teatrais. À noite, os visitantes puderam saborear o jantar castrejo. (Anexo 1)

3.1.1 CONTEXTO HISTÓRICO A RECRIAR

Cruz (2014b) afirma que o espectro cronológico da época que se pretende recriar com este evento é relativamente restrito, apesar da longa duração dos períodos históricos em que a Citânia de Briteiros foi habitada (Idade do Bronze, Idade do Ferro e período Romano Alto-Imperial). Esta restrição, posicionando a época recriada nos finais do século I a. C., prende-se com o facto de existirem mais dados para este período, acerca da sociedade e cultura material, bem como tentar evitar uma recriação da época romana Alto-Imperial, na qual ter-se-ia que introduzir uma quantidade considerável, e incomportável, de adereços.

Desde cedo, a existência de poucas experiências de recriação histórica para esta época (ao contrário, por exemplo, da Idade Média), atribuiu a este pequeno certame um carácter experimental, no que respeita aos adereços, encenações, falas e comportamentos dos figurantes. As edições já realizadas deste evento, com resultados distintos, permitem acumular experiência, relativamente à conduta dos figurantes, à reação dos visitantes e à funcionalidade de determinados materiais.

O mesmo autor acrescenta que a recriação procura, como um dos seus principais objetivos, como que transportar os visitantes para as atividades, acontecimentos, costumes e constrangimentos da comunidade que habitou a Citânia. São selecionadas zonas específicas do monumento que permitam uma visualização confortável, por parte do público, da ação recriada, e que possam constituir um cenário adaptável às diferentes ações. Pretende-se introduzir uma ação encadeada dos vários momentos, de forma a dotar as recriações de um fio condutor, uma narrativa, e tornar a representação mais dinâmica.

É sempre elaborado um guião das representações a encenar (Anexo 2), tendo em conta diversas possibilidades de trabalho, que são sempre condicionadas pelas limitações do espaço, bem como pela disponibilidade dos atores e figurantes. Colocam-se as seguintes possibilidades de encenação: senado local que se traduz por uma recriação de uma reunião da assembleia local; episódio bélico e/ou treino dos guerreiros, tendo em conta a forte componente bélica normalmente associada à Proto-história; ritual de incineração funerária, baseada no facto de os ritos de encomendação da alma serem uma componente cultural fundamental em qualquer período histórico.

Cruz (2014b) refere que todos os aspetos têm em conta as informações disponíveis para este período histórico, particularmente os dados decorrentes das intervenções arqueológicas realizadas na Citânia de Briteiros e noutros povoados coevos. Estes dados estão particularmente visíveis nas roupas usadas pelos figurantes, inspiradas na indumentária visível na estatuária da época, bem como nas fontes escritas da época romana, referentes às comunidades indígenas, nas louças em cerâmica que procurarão imitar as formas e decorações das peças recolhidas, nas armas, baseadas em artefactos metálicos recolhidos, fontes escritas e estatuária dos guerreiros. Episódios como a exposição dos enfermos e o impacto comercial dos povos do Mediterrâneo, são também baseados em fontes escritas clássicas, particularmente em Estrabão (historiador, geógrafo e filósofo grego) e Plínio (historiador romano).

A nível da animação musical, Cruz (2014b) prossegue afirmando que se opta sempre pela solução mais adaptada às condições e recursos existentes. Os instrumentos musicais são uma das áreas mais nebulosas da Proto-história. Tendo em conta o facto de, possivelmente, grande parte dos instrumentos terem sido fabricados com materiais perecíveis, não se recolheram nas escavações vestígios evidentes dos mesmos. Existe no entanto alguma informação da existência de instrumentos como flautas e trombetas, sendo também naturalmente de supor a existência de vários instrumentos de percussão, como tambores, campainhas e pandeiretas, bastante comuns na Antiguidade. A existência da gaita-de-foles não está documentada, com exatidão, em períodos anteriores à Idade Média, tendo-se mesmo desenvolvido alguma controvérsia acerca do surgimento deste instrumento de sopro. Contudo, assume-se a sua utilização na recriação, com o objetivo de enriquecer a sonoridade ambiente, e porque é um dos instrumentos vulgarmente utilizados na música dita "Celta", embora este género de música não esteja cientificamente associado a este contexto cronológico.

3.2 IDENTIFICAÇÃO CULTURAL DE DIVERSOS ARTISTAS E ORGANIZAÇÕES DE ARTES

3.2.1 ORGANIZAÇÃO EM REDE/PARCERIAS

A organização deste evento de recriação histórica é coordenada pela Sociedade Martins Sarmento, em estreita colaboração com a Casa do Povo de Briteiros.

A Sociedade Martins Sarmento assume o enquadramento científico das encenações e a produção dos materiais de divulgação. Coordena também a preparação dos espaços na Citânia de Briteiros e faculta espaços necessários para ensaio e representação.

A Casa do Povo de Briteiros assume os aspetos logísticos da realização do evento, nomeadamente no que respeita aos adereços e figurinos, transporte dos mesmos, montagem das estruturas necessárias no espaço da recriação, aquisição dos produtos alimentares e conceção dos alimentos a servir. Assume também a contratualização dos serviços com o encenador e com os atores profissionais, bem como faculta os espaços necessários para a realização dos ensaios.

Ao longo dos anos, nas várias recriações históricas na Citânia de Briteiros, várias foram as companhias de Teatro e Associações que participaram na “Citânia Viva”, a saber: Equipa Espiral; Tin.Bra; Teatro Club; JovemCoop; Círculo de Arte e Recreio; Associação Juvenil Citânia; Espada Lusitana; PASEC; Outra Voz; Sociedade Musical de Guimarães (SMG); ADCL; Era uma vez, Escola de Artes Performativas; OsMusiké; entre outros. A “Citânia Viva 2014” e a “Citânia Viva 2015” tiveram como encenador Bruno Laborinho.

3.2.2 DESCRIÇÃO RESUMIDA DAS ORGANIZAÇÕES

A **Equipa Espiral** é uma associação de carácter humanitário, recreativo e cultural com sede em Braga. Com mais de vinte anos de história, tem aproximadamente

trezentos associados. Nesta associação desenvolvem-se as seguintes atividades: ensino de danças do mundo e africanas; ensino de diversos instrumentos de música, como por exemplo: gaita-de-foles, bateria, concertina, guitarra portuguesa e grupo de teatro. A Equipa Espiral tem ainda o Grupo de ZÉS P'REIRAS, GIGANTONES E CABEÇUDOS, que é um grupo jovem e enérgico com experiência tanto a nível nacional como internacional, tendo percorrido já praticamente todos os continentes.

O Tin.Bra é uma organização sem fins lucrativos que oferece oficinas de teatro, espetáculos e leituras encenadas. É uma associação cultural vocacionada para o teatro que atua na cidade de Braga desde 1991. O Tin.Bra surgiu na sequência de um curso de iniciação teatral organizado pela delegação de Braga da Fundação Inatel em 1991. A partir daí, esta associação cultural dedica-se ao teatro feito por crianças/jovens e para crianças/jovens dos 6 aos 24 anos, não esquecendo os adultos a quem dedica uma oficina de teatro.

A companhia de teatro **Theatro Club**, com sede na Póvoa de Lanhoso, oferece algumas atividades nomeadamente: oficinas de teatro que abrangem várias faixas etárias, desde crianças com sete anos até à idade sénior; oficina de bombos e hora do Conto. O Theatro Club tem como parceria a FPTA (Federação Portuguesa de Teatro Amador) na organização do Festival Nacional de Teatro de Amadores da Póvoa de Lanhoso.

A **JovemCoop** (Associação Jovem Cooperante Natureza/Cultura) é uma associação sem fins lucrativos fundada em 1979. Visa essencialmente a partilha de conhecimentos sobre a cidade de Braga e a sua responsabilização dentro da mesma. A partir de 1980, começaram a realizar atividades internacionais em países como Espanha, Itália, Grécia, Hungria, Bélgica, Escócia, Egipto, Finlândia, França, Roménia, Chipre tendo esta associação sido pioneira em gerir e movimentar estes contactos, proporcionando, aos seus membros, conhecer outras culturas. As atividades que se realizam nesta associação são de componente cultural, recreativa, tempos livres e ambiente. Tem como prioridade estimular os seus membros a conhecer, além de novas culturas, a cultura da sua própria região. Assim, apostam na educação e sensibilização

para o património, qualquer que seja a sua natureza, expressão ou domínio, isto é, visam a proteção e sensibilização para o património ambiental, natural, cultural e patrimonial, quer seja arquitetónico ou arqueológico.

O Círculo de Arte e Recreio é uma organização sem fins lucrativos. No que diz respeito à área cultural, destaca-se pelo Teatro de Ensaio Raul Brandão, pela Escola de Música Professor José Neves, pelos Festivais de Gil Vicente – Festivais de Teatro organizados em parceria com a Câmara Municipal de Guimarães. Na área desportiva, a instituição tem conquistado várias taças e medalhas em várias modalidades nomeadamente: no atletismo, voleibol, andebol, basquetebol e xadrez. No CAR nasceram as duas tunas da Associação Académica da Universidade do Minho, sendo um espaço de encontro e lazer preferencial dos estudantes “Erasmus” em Guimarães.

Ao longo de vários anos, o Círculo de Arte e Recreio (CAR) tem-se afirmado como uma associação inter-geracional, com uma multiplicidade de atividades, onde participam e convivem pessoas dos diversos setores sociais e profissionais.

A Espada Lusitana é uma Associação Cultural e Recreativa de Recriação Histórica. É constituído por um grupo de praticantes de esgrima histórica e artística que se dedica a recriar episódios históricos, desde a antiguidade clássica até aos nossos dias. O grupo dedica-se a recriar ambientes inerentes a cada época (recorrendo ao rigor histórico no âmbito comportamental e do equipamento utilizado) tendo já um amplo percurso de trabalhos de recreação histórica em mercados e feiras medievais, museus, monumentos, cinema, televisão.

Como escola de esgrima dedica-se ao estudo e prática de esgrima histórica não só como arte marcial, mas também como forma de expressão artística, desenvolvendo atividades como workshops; estágios específicos para escolas; formação de atores em combate cénico e técnicas de esgrima de época, entre outras.

A PASEC tem duas designações, a saber: Plataforma de Animadores Socioeducativos e Culturais e Plataforma de Ação Socioeducativa e Cultural. É uma plataforma associativa não-governamental que tem como principais objetivos promover

o protagonismo juvenil através da Animação Socio Cultural e Educativa; favorecer a criação de grupos informais de crianças, adolescentes e jovens, favorecendo os contextos sociais desfavorecidos, etc.

A Outra Voz é um projeto comunitário que pretende trabalhar com todos, com e sem experiência de trabalho coral. Foi criada em 2010, no âmbito da área de Comunidade de Guimarães 2012- Capital Europeia de Cultura.

Tem como objetivo a exploração da voz enquanto som, palavra, canto, e do corpo enquanto movimento e espaço. A Outra Voz reúne algumas dezenas de pessoas de todas as proveniências etárias, culturais e geográficas. Inclui no seu reportório cantos tradicionais e originais.

A Sociedade Musical de Guimarães (SMG) foi fundada em 1903. É uma associação cultural sem fins lucrativos, que pretende a dinamização cultural e a formação artística dos seus membros no campo da música. Entre os seus principais objetivos estão o ensino vocacional da música, através da "Academia de Música Bernardo Valentim Moreira de Sá ". A importância da atividade cultural e formativa da Sociedade Musical de Guimarães foi reconhecida publicamente pela Câmara Municipal de Guimarães, que a distinguiu, no ano 2000, com a Medalha de Mérito Cultural em Ouro.

A Associação para o Desenvolvimento das Comunidades Locais (ADCL) é o resultado do desenvolvimento da última fase do Projeto de Educação para o Desenvolvimento. A sua sede é na freguesia de S. Torcato, do concelho de Guimarães e pretende cooperar com as comunidades locais na realização dos seus objetivos de desenvolvimento social e cultural. Em 1996, adquiriu o estatuto de Instituição Particular de Solidariedade Social, tendo como função: “Cooperar com as comunidades locais no seu desenvolvimento integrado e sustentado, procurando melhorar as condições de vida das populações, no plano individual e coletivo, numa perspetiva de promoção da cidadania ativa e da inclusão social”.

Era uma vez, Escola de Artes Performativas é uma escola de formação artística na área das artes do espetáculo, tendo sido fundada no ano de 2009 em Penafiel. Tem como objetivo principal proporcionar formação artística de qualidade e criar novos talentos nas áreas da dança, música, teatro e canto.

OsMusiké é uma Associação Musical e Artística do Centro de Formação Francisco de Holanda formada por professores e educadores da cidade de Guimarães, que dedicam o seu tempo livre à prática da expressão artística. Todo o percurso do grupo foi iniciado em Março de 2002. Já editaram vários CD s, tendo um repertório muito vasto, cantando com especial realce a História de Guimarães que, pela sua importância, é também de Portugal. A certa altura, OsMusiké decidiram expandir o seu campo de atividades a outras áreas, nomeadamente ao teatro infantil.

Bruno Laborinho foi encenador da “Citânia Viva 2014 e 2015”. Possui um vasto currículo artístico: trabalhou no Centro de Criatividade da Póvoa de Lanhoso (CCPL); tirou a Licenciatura na University of Westminster; trabalhou na Empresa Lightbox, num dos maiores estúdios de cinema no Norte de Portugal; trabalhou na Escola de Artes Performativas em Guimarães (Bailado Clássico-RAD, Ballet Moderno-STD, Ballet Contemporâneo, Composição Coreográfica, Teatro, Canto, Bboying, Criação e Produção Artística); criou em 2007 um espetáculo de Teatro Contemporâneo concebido pela Citânia Associação Juvenil; em 2012 encenou a Pedra Formosa, um espetáculo teatral dramático-fantástico que mistura fatos históricos com ritos e magias de deuses Celtiberos; é ator desde 2006.

Em suma, as várias recriações históricas da Citânia de Briteiros, como já foi referido anteriormente, têm sido realizadas numa base de cooperação institucional entre a Sociedade Martins Sarmento e a Casa do Povo de Briteiros, atuando cada uma das instituições de acordo com as atribuições previamente definidas. Os eventos contam com o patrocínio monetário do Município de Guimarães, bem como com o apoio logístico do Município da Póvoa de Lanhoso. A execução do projeto conta com a colaboração de várias entidades associativas dos concelhos de Guimarães, Braga e Póvoa de Lanhoso, que são particularmente úteis no que respeita à disponibilidade de

figurantes, muitos dos quais com formação teatral prévia, bem como de adereços específicos.

De ano para ano, a afluência de pessoas, que têm vindo a assistir ao espetáculo *Citânia Viva*, tem variado mas, segundo o arqueólogo Gonçalo Cruz, em 2014 contabilizou-se uma afluência de cerca de 400 pessoas durante as representações diurnas e assistiram ao espetáculo *Pedra Formosa*, já à noite, mais de 300 pessoas. Os figurantes que participaram nas recriações formam um total de cerca de 50 colaboradores, todos voluntários, oriundos da comunidade local, da cidade de Guimarães e dos concelhos vizinhos de Braga e Póvoa de Lanhoso. Em 2015, afluíram a esta edição do evento “Citânia Viva” cerca de 600 pessoas, nas diferentes representações. Ao todo, incluindo os voluntários que colaboraram na organização, figurantes e atores, contam-se cerca de 90 pessoas. Tem-se promovido, portanto, ao longo dos anos, um espetáculo de boa qualidade para um número considerável de visitantes, com praticamente nenhum impacto negativo para o sítio arqueológico.

O aspeto mais importante a realçar com a Recriação Histórica é a formação dos figurantes que, tal como o público, experimentaram uma sensação de viagem no tempo. Com diferentes perceções pessoais, todos os voluntários que participam no evento ficam com uma noção histórica totalmente diferente, quer da Citânia de Briteiros, quer da época histórica que testemunham. Assimilam também um importante conjunto de procedimentos em relação aos monumentos arqueológicos, aspeto que confere a este evento uma responsabilidade didática relativamente ao nosso Património Cultural.

A Citânia Viva revela-se, assim, uma atividade capaz de desenvolver um intercâmbio cultural a nível regional e de promover manifestações artísticas e culturais do Concelho, mediante a participação da própria comunidade e recorrendo a uma rede associativa de entidades da região.

CAPÍTULO IV – DESCRIÇÃO DO DIA DA RECRIAÇÃO

O evento Citânia Viva 2015 realizado no dia 18 de Julho, teve início às 16 horas, hora a que os visitantes foram recebidos por um grupo de guerreiros castrejos que os conduziu desde a receção da Citânia, até à acrópole, área onde teve lugar a maior parte do evento. Como se pode verificar na



Figura 12 – Chegada do herói Aldur © Rui Almeida/Bruno Laborinho

Figura 12, o chefe Camalus dá as boas vindas após a chegada do herói Aldur.

No local escolhido para a representação da maioria dos números encenados, foi instalada uma zona de mercado (Figura 14) onde figurantes interagiam com visitantes e encenavam atividades comerciais e uma zona de barraquinhas especificamente destinada aos visitantes, com o objetivo de prolongar a animação e promover produtos artesanais da região. Os números musicais e teatrais repetem-se pelo mercado, seguindo uma linha temporal, previamente definida (Figura 13).



Figura 13 - Performance Terracota. © Isabel Jantarada



Figura 14 - Mercado. © Isabel Jantarada



Figura 15 - Ritual dedicado a uma divindade local. © Isabel Jantarada

O momento seguinte foi marcado pelo início de um ritual na forma de cortejo dedicado a uma divindade local; este incluía guerreiros, anciãos e a escultura de uma divindade (Figura 15).

Na "casa do conselho" (estrutura arqueológica original) foi encenada a reunião de conselho, onde foram debatidas questões relacionadas com a situação militar e a presença romana

(Figura 16). Seguiu-se o jantar castrejo (Figura 17), onde figurinos e visitantes que jantavam no local se confundiam; este momento foi marcado pela morte de um chefe local (Figura 18), posteriormente incinerado. À semelhança da tarde, também durante o jantar foram várias as performances musicais e teatrais e alguns números de fogo.



Figura 16 - Reunião de conselho. © Isabel Jantarada

O evento foi encerrado com a peça "A Discórdia dos Deuses" da Companhia de Teatro Tin.bra, de Braga, o cortejo fúnebre e a incineração do chefe indígena.



Figura 17 - Jantar Castrejo. © Marco Jacobeu/ Bruno Laborinho



Figura 18 - Morte de um chefe local. © Marco Ribeiro da Silva

Para que a Citânia Viva seja dada a conhecer aos visitantes, e também à população local, torna-se necessário que exista uma forte promoção. Então, são várias as formas de divulgação da Citânia Viva 2015, a saber: Notícia publicada no Rodapé Cultural no Jornal Aurora do Lima; Citânia Viva Facebook; Blogue: O Berço do Mundo; Rádio Fundação; Órgão de Informação “A Gazeta do Rossio”; Rádio Notícias TSF (Sinais com Fernando Alves); DRCN (Direção Regional de Cultura do Norte – Organismo descentrado da Secretaria de Estado da Cultura); Blogue: NE₂₅ABRIL; GMRtv - Guimarães TV; guimarãesdigital; rádio braga (RBW); Antena Minho: A Rádio de Braga; Município de Guimarães; Reflexo Digital - O espelho das Taipas; Blog: Urge Cultura; Citânia de Briteiros Facebook; Jornal: Diário do Minho; Jornal de Notícias; Programação e Desdobrável. (Anexos 3 e 4). (Encontram-se mais fotos do evento no Anexo 5 e o relatório da atividade encontra-se integralmente no Anexo 6.)

CAPÍTULO V – METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo será apresentada a escolha da metodologia usada e respetiva fundamentação, a seleção e descrição dos intervenientes no estudo e a seleção dos instrumentos de recolha de dados.

5.1 METODOLOGIA

Segundo Reis (2011), metodologia significa um método próprio de obtenção de conhecimentos, uma forma ordenada e constante de encontrar respostas para questões e, como tal, um caminho ou conjunto de fases evolutivas que conduzem a um fim. Pode também ser encarada como um sistema de técnicas, métodos e ações utilizadas para a realização de uma pesquisa. Assim, a metodologia é uma condição necessária para que o trabalho científico tenha sentido.

Morais e Neves (2007) afirmam que a metodologia de investigação pode ser vista como uma metodologia mista que se expressa não no sentido de integrar as duas formas de inquérito, mas no sentido de utilizar características associadas a cada uma dessas formas.

Para Fonseca (2002), os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras normalmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. Continua afirmando que a pesquisa quantitativa centra-se na objetividade.

O mesmo autor acrescenta que a pesquisa quantitativa tem as suas raízes no pensamento positivista lógico, tende a destacar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos apreciáveis da experiência humana.

Para Polit, Beck e Hugler (2004), a pesquisa quantitativa evidencia uma quantidade pequena de conceitos; inicia com ideias preconcebidas do modo pelo qual os conceitos estão relacionados; utiliza procedimentos estruturados e instrumentos formais

para a recolha de dados; recolhe os dados mediante condições de controle; reforça a objetividade, na recolha e análise dos dados e analisa os dados numéricos através de procedimentos estatísticos.

Relativamente à pesquisa qualitativa, Gerhardt e Silveira (2009) afirmam que esta não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos procuram explicar o porquê das coisas, expressando o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e utilizam diferentes abordagens.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009), algumas das características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenómeno; observação das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao carácter interativo entre os objetivos pesquisados pelos investigadores, as suas orientações teóricas e os seus dados empíricos; procurar resultados os mais fidedignos possíveis; contraste ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Contudo, os autores afirmam que o investigador deve estar atento a alguns riscos que possam surgir com a pesquisa qualitativa, como por exemplo: excessiva confiança no investigador como instrumento de recolha de dados; falta de detalhes sobre os processos através dos quais as conclusões foram alcançadas; falta de observação de aspetos diferentes sob abordagens diferentes; sensação de dominar profundamente o seu objeto de estudo; envolvimento do investigador na situação pesquisada, ou com os sujeitos pesquisados.

A Figura 19 apresenta aspetos das abordagens quantitativa e qualitativa, que foram considerados no processo metodológico da investigação realizada no presente estudo.

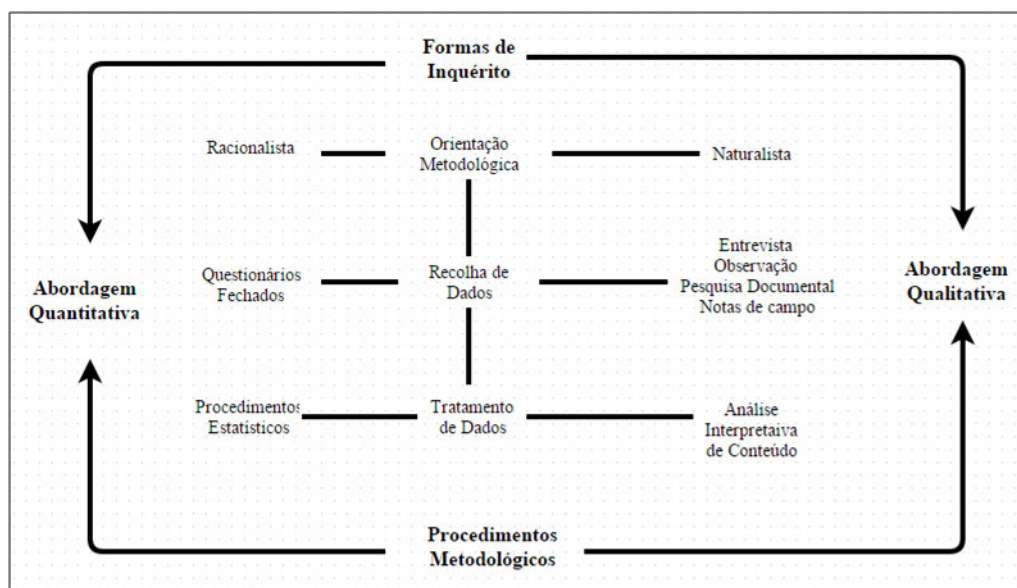


Figura 19 - Posição epistemológica da investigação

Segundo Morais e Neves (2007), a orientação metodológica tem uma base fundamentalmente racionalista (uma característica das abordagens quantitativas). Esta orientação possibilita explorar hipóteses na base de uma teoria orientadora (hipóteses experimentais). Porém, também se pode usar uma orientação metodológica de caráter naturalista (uma característica das abordagens qualitativas) quando, por exemplo, os indicadores e os descritivos utilizados nos instrumentos, provenientes dos modelos, são fundamentalmente obtidos a partir da observação direta dos contextos em estudo. Esta abordagem, de vertente mais naturalista, pode permitir a formulação de hipóteses na base dos dados empíricos (hipóteses explicativas). No que respeita à recolha de dados, pode-se também usar procedimentos metodológicos associados às duas formas de inquérito. Com efeito, em simultâneo aos questionários de tipo fechado (característicos de abordagens quantitativas) pode-se recorrer a formas de questionamento mais abertos, como entrevistas e observações (característicos de abordagens qualitativas). Também ao nível do tratamento dos dados, pode-se recorrer a métodos quantitativos (tratamentos estatísticos) e qualitativos (análises interpretativas de conteúdo).

O método escolhido para este projeto foi o estudo de caso, porque se apoia na forma sólida de se organizar a pesquisa, sendo um conjunto de princípios que orientam a escolha do objeto de estudo, a formação dos pareceres apropriados. O método permite

fazer a adaptação intelectual do objeto, ou seja, através do método chegamos ao nível intelectual do objeto.

O método “consiste essencialmente num conjunto de operações, situados a diferentes níveis, que tem em vista a consecução de objetivos determinados, (...), que torna possível a seleção e a articulação de técnicas, no intuito de se poder desenvolver o processo de verificação empírica” (Pardal, L. & Correia, E. 1995, p.10). Significa então que o método é um guia orientador do trabalho a desenvolver.

5.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO

O estudo de caso é o mais adequado à investigação que se apresenta, uma vez que, segundo as definições deste método, é uma abordagem empírica que vai analisar o tipo de público que irá assistir à Recriação Histórica - Citânia Viva. A base da investigação centra-se num objetivo essencial, perceber até que ponto a realização da Citânia Viva é do conhecimento geral e de que modo a sua assistência potencia a preservação do património.

Alguns autores caracterizam o método de estudo de caso da seguinte forma:

Segundo Bell (1997), o estudo de caso “proporciona uma oportunidade para estudar, de uma forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspeto de um problema em pouco tempo.” (Bell, 1997, p. 22). Refere-se a um termo genérico que abrange um conjunto de métodos de investigação, em que o objetivo principal é debruçar-se propositadamente sobre o estudo de um determinado caso. Já para Fonseca (2002) um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma instituição, de um sistema educativo, de uma pessoa, ou de uma unidade. Pretende conhecer a fundo o como e o porquê de uma certa situação que se julga ser única em muitos aspetos, tentando descobrir o que há nela de mais importante e característico.

Stake (2012) afirma que, no estudo de caso, há três diferenças principais que merecem atenção na ênfase qualitativa e quantitativa, a saber: “ (1) a distinção entre explicação e compreensão como objetivo da investigação; (2) a distinção entre o papel pessoal e impessoal para o investigador e (3) a distinção entre o conhecimento

descoberto e o conhecimento construtivo.” (Stake, 2012, p. 52). Também para Bento (2013), os estudos de caso são feitos normalmente por três ordens de razões, a saber: fornecer descrições vivas acerca de um caso, uma pessoa ou uma circunstância; proporcionar explicações. Por vezes, descrições, embora vivas, não são suficientes por si só e fornecer avaliações. Este autor afirma ainda que os investigadores quantitativos dão preferência à explicação e ao controlo, contrapondo com os investigadores qualitativos que privilegiam a compreensão das complexas inter-relações entre tudo o que existe.

No entanto, Fidel (1992) define o método de estudo de caso como um método específico de pesquisa de campo e que os estudos de campo são investigações de fenómenos à medida que ocorrem, sem qualquer interferência significativa do investigador.

Enquanto para Yin (2005) os objetivos do estudo de caso são: explorar, descrever ou explicar, para Guba e Lincoln (1994) os objetivos são: relatar ou registar os fatos tal como sucederam, descrever situações ou fatos, proporcionar conhecimento acerca do fenómeno estudado e comprovar ou contrastar efeitos e relações presentes no caso. Yin (1993) acrescenta que: “Para se poder generalizar é bastante importante a existência de uma teoria prévia. Um bom uso da teoria ajuda a delimitar o desenho eficaz de um estudo de caso; a teoria também é essencial para a generalização dos resultados subsequentes.” (Yin, 1993, p.4)

Yin (2005) refere ainda que o uso da teoria, ao realizar estudos de caso, representa, não apenas uma ajuda valiosa na definição do projeto de pesquisa e na recolha de dados adequados, como também se torna numa conduta principal para a generalização dos resultados do estudo de caso.

Coutinho e Chaves (2002) advertem para as cinco características fundamentais de uma abordagem metodológica de um estudo de caso, designadamente: trata-se de um sistema limitado no tempo, que evidencia eventos ou processos e que nem sempre são claros e precisos; torna-se necessário identificar e focar, bem como clarificar a direção da investigação; torna-se necessário preservar a natureza única, específica, diferente e complexa do caso; a investigação deve decorrer em ambiente natural; o investigador deve recorrer a múltiplas fontes de dados e a métodos de recolha diversificados.

Do mesmo modo, Duarte (2008) aponta três passos para a elaboração de estudos de caso, nomeadamente: “definir o caso que está a estudar, ou seja, o tópico ou a unidade de análise; optar por um estudo singular de caso ou por um estudo múltiplo de casos; decidir usar ou não desenvolvimento teórico para ajudar a selecionar o caso.” (Duarte, 2008, p. 117).

5.2.1 VANTAGENS E DESVANTAGENS DO ESTUDO DE CASO

Como qualquer método de investigação, o estudo de caso tem vantagens e desvantagens. Por este motivo, o investigador deverá optar por uma postura prudente e ponderar se as vantagens e desvantagens não influenciam a investigação do estudo e, por último, o resultado do que se pretende investigar.

Para Duarte (2008), a principal vantagem do estudo de caso é a de, à partida, exigir menos recursos e poder ser assumido por um ou por uma pequena equipa.

Bell (2004) considera como vantagens do estudo de caso, as seguintes: é indicado para investigadores isolados, o que permite aprofundar um determinado aspeto de um problema em pouco tempo; os dados vão sendo recolhidos sistematicamente; a relação entre as variáveis é estudada e o estudo é planeado metodicamente.

Segundo Yin (2005), as principais vantagens do estudo de caso podem ser definidas da seguinte maneira: permite investigar a evolução de um fenómeno atual, ao longo do tempo, em profundidade, utilizando fontes múltiplas de evidência e possibilitando, inclusive, considerar dados de natureza quantitativa.

Coutinho e Chaves (2002) afirmam que as vantagens do estudo de caso são: permitir confirmação, modificar ou aumentar o conhecimento sobre o objeto que estuda, colaborando para a construção teórica do respetivo domínio do conhecimento.

Autores como Bogdan e Biklen (1994) consideram que os estudos de caso podem pôr de parte algumas ideias e planos iniciais e desenvolver outros novos.

Pode-se então concluir que, na generalidade, as vantagens do estudo de caso são:

- Descrever minuciosamente a situação em estudo;
- Exigir poucos recursos;
- Produzir informação imediata e de fácil entendimento;
- Poder ser executado por um único investigador;
- Admitir à posteriori nova confirmação;
- Poder modificar ou aumentar o conhecimento sobre o objeto estudado;
- Colocar de parte algumas ideias iniciais e desenvolver outras novas.

No entanto, alguns autores descrevem algumas desvantagens do estudo de caso. Relativamente a Yin (2005), aponta as seguintes desvantagens: a falta de maior rigor científico, ocasionada pela subjetividade do sujeito pesquisador, e, também, a impossibilidade de se fazerem generalizações dos resultados obtidos para outras situações. O tamanho dos trabalhos, que tendem a ser bastante extensos, também é considerado uma desvantagem em relação a outros métodos.

Bell (2004) diz que o método de estudo de caso particular é sobretudo adequado para investigadores isolados, uma vez que faculta o estudo de uma forma mais aprofundada e em menos tempo. Só que, inevitavelmente, a informação colhida por apenas um investigador tem de ser submetida a uma seleção. Então, ele escolhe a área a estudar e delibera qual o material a expor no relatório final. Como é difícil verificar de novo esta informação, ela corre o perigo de ser distorcida. Alguns críticos, continua o autor, questionam o valor do estudo de acontecimentos individuais. Yin (1993) é da mesma opinião, dizendo que os investigadores, que trabalham isoladamente e com um prazo reduzido, têm de ser muito prudentes na seleção do estudo de caso. Já Coutinho e Chaves (2002) referem que o estudo de caso é uma investigação empírica, que se baseia no raciocínio indutivo que depende fortemente do trabalho de campo que não é experimental que se baseia em fontes de dados múltiplas e variadas.

Bogdan e Biklen (1994) revelam que por vezes os estudos de caso não podem realizar-se, somente porque as fontes de informação não são suficientes para a realização de um trabalho minimamente aceitável.

Genericamente, as desvantagens de um estudo de caso são:

- Serem muito extensos e morosos para serem terminados;
- Facultarem pouca base para generalizações, isto é, os resultados nunca poderão ser generalizáveis;
- Existência de falta de rigor científico;
- A influência do investigador no estudo;
- Perigo da investigação ser adulterada.

5.3 PLANO DE AÇÃO

O estudo foi executado ao longo dos meses de março a julho de 2015, com diferentes etapas de acordo com a orientação delineada para o estudo. A utilização dos instrumentos de recolha de dados decorreu durante os meses acima mencionados em fases distintas de acordo com a aplicação dos instrumentos de recolha de dados. As calendarizações das diferentes fases do estudo organizaram-se pelos períodos seguintes:

1. Março de 2015:
 - Apresentação do tema do estudo;
 - Definição das questões;
 - Definição dos instrumentos de recolha de dados.
2. Maio a julho de 2015:
 - Formulação das questões;
 - Finalização do inquérito por questionário;
 - Entrevista (ao Arqueólogo responsável pela Citânia de Briteiros e pelo Museu da Cultura Castreja);
 - Análise documental.
3. Julho de 2015
 - Aplicação do inquérito por questionário: A recolha de dados foi efetuada na Citânia de Briteiros, no decorrer da Recriação Histórica – Citânia Viva, no

dia 18 de julho de 2015, num procedimento equiparável a um processo de amostragem aleatória. Os 96 questionários aplicados aos espetadores foram preenchidos no local durante as oito horas de espetáculo. Foram cinco os colaboradores na aplicação dos referidos questionários.

- Notas de campo;
- Observação.

5.4 INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Segundo Sousa e Batista (2013), as técnicas de recolhas de dados são um conjunto de processos operativos que permitem recolher dados empíricos que são uma parte fundamental do processo de investigação. Por vezes, é importante a utilização de várias fontes de informação e cruzar o seu conteúdo para que várias fontes relatem o mesmo acontecimento e provem a sua veracidade.

Para Reis (2011), a escolha dos instrumentos de recolha de dados deverá responder às seguintes questões:

- Que tipo de informação deve ser recolhida?
- Qual é a profundidade da mesma?
- Qual é a melhor forma de obter essa informação? Oral e/ou escrita?
- A informação que procura tem uma finalidade imediata ou destina-se à tomada de decisões a longo prazo?

Reis (2011) continua afirmando que a definição dos instrumentos de recolha de dados depende dos objetivos que se pretende alcançar com a pesquisa e do universo a ser investigado. Para se obterem os dados que permitem atingir os objetivos pretendidos é indispensável proceder à melhor escolha dos instrumentos de pesquisa possíveis.

As técnicas e os instrumentos que foram utilizadas para a recolha de dados no presente estudo foram os seguintes: pesquisa documental, inquérito/questionário, entrevista, observação e diário de campo/notas de campo.

5.4.1 PESQUISA DOCUMENTAL

Para Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa documental é aquela que é realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não-fraudados). Nesse tipo de recolha de dados, os documentos são tipificados em dois grupos principais, a saber: fontes de primeira mão e fontes de segunda mão. No presente estudo foram utilizados os de segunda mão que são os que de alguma forma já foram analisados, tal como relatórios.

5.4.2 QUESTIONÁRIO

O questionário, para Gerhardt e Silveira (2009), é um instrumento de recolha de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante. Pretende levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está a ser perguntado.

Como já foi referido anteriormente, o questionário foi aplicado ao público que assistia à Recriação Histórica – Citânia Viva.

As vantagens da aplicação do questionário no presente estudo foram as seguintes:

- Economizou-se tempo e obteve-se um grande número de dados;
- Atingiu-se um grande número de pessoas simultaneamente;
- No trabalho de campo foram utilizadas cinco aplicadores de questionário;
- Obtiveram-se respostas mais rápidas e mais precisas;
- Este tipo de questionário proporcionou maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato;
- Deu também mais segurança, pelo facto de as respostas não serem identificadas;

- Permitiu igualmente mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento.

Processo de elaboração do questionário:

Relativamente à organização do questionário que foi aplicado neste estudo, e para aumentar a sua eficácia e validade, foram aplicadas três tipos de questões, a saber: questões abertas, fechadas e mistas. Nas questões abertas, o indivíduo inquirido respondeu livremente, da forma que desejou; nas questões fechadas, escolheu uma resposta entre as constantes de uma lista predeterminada, tendo indicado aquela que melhor correspondeu à que desejou fornecer e as questões mistas (fechadas e abertas) foram aquelas em que, dentro de uma lista predeterminada, existia um item aberto, por exemplo, “outros”. (Anexo 7)

5.4.3 ENTREVISTA

Gerhsrdt e Silveira (2009) afirmam que a entrevista constitui uma técnica alternativa para se recolherem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes procura obter dados, e a outra apresenta-se como fonte de informação. A entrevista pode ter carácter exploratório ou ser uma coleta de informações. A de carácter exploratório é relativamente estruturada; já a de coleta de informações é altamente estruturada. Neste estudo foi utilizada a entrevista não-estruturada, que também é denominada não-diretiva. O entrevistado (Arqueólogo responsável pela Citânia de Briteiros e pelo Museu da Cultura Castreja) foi solicitado a falar livremente a respeito do tema pesquisado. A entrevista decorreu no local de trabalho, Museu da Cultura Castreja, com recurso a um mp3, a um bloco de anotações e a uma máquina fotográfica, tendo decorrido num tempo aproximado de uma hora. A entrevista não-estruturada procura a visão geral do tema.

5.4.4 OBSERVAÇÃO

No que concerne à observação, Gerhsrdt e Silveira (2009) declaram que é uma técnica que utiliza os sentidos para a apreensão de determinados aspetos da realidade. Consiste em ver, ouvir e examinar os fatos e os fenómenos que se pretendem investigar. Continuam afirmando que a técnica da observação desempenha um importante papel no contexto da descoberta e obriga o investigador a ter um contato mais próximo com o objeto de estudo.

Há vários tipos de observação, nomeadamente: a simples ou assistemática, a sistemática/não-participante e a participante.

A observação que foi utilizada no presente estudo foi a “simples ou assistemática”, uma vez o pesquisador permanece abstraído da situação estudada, apenas observa de maneira espontânea como os fatos ocorrem e controla os dados obtidos. Nessa categoria não se utilizam meios técnicos especiais para coletar os dados, nem é preciso fazer perguntas diretas aos informantes.

5.4.5 DIÁRIO DE CAMPO/NOTAS DE CAMPO

Relativamente ao diário de campo/notas de campo, os autores: Gerhsrdt e Silveira (2009) afirmam que existem diferentes concepções e contribuições em relação à elaboração e ao uso de um diário de campo. Apresentam-se sucintamente apenas algumas delas: segundo Falkembach (1987), o diário de campo é um instrumento de anotações, é um caderno onde se anotam todas as observações de fatos concretos, fenómenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do investigador, as suas reflexões e comentários. Facilita criar o hábito de escrever e observar com atenção, descrever com precisão e refletir sobre os acontecimentos. É um instrumento que permite o registo de informações e observações do momento observado. Trata-se de fazer uma descrição pessoal detalhada sobre o ambiente estudado. Segundo Lopes (1993), pode ser considerado, pelas suas características, como um instrumento de interpretação-interrogação. Para Bogdan e Biklen (1994), é o relato

escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da coleta de dados.

5.4.6 INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

“O inquérito é um processo em que se tenta descobrir alguma coisa de forma sistémica.” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 139). Em Ciências Sociais é designado como um processo de recolha de dados, no terreno, e que podem ser comparados. Neste âmbito, destacam-se dois tipos de inquéritos, nomeadamente: os inquéritos por questionário e os inquéritos por entrevista.

No presente estudo foi aplicado o inquérito por questionário. Reis (2011) explica que este processo é uma técnica de observação que tem como objetivo recolher informações baseadas numa série ordenada de perguntas que devem ser respondidas, por escrito, pelo respondente, de forma a avaliar as atitudes, as opiniões e o resultado dos sujeitos ou recolher outra informação junto dos mesmos. Isto constitui um processo planificado de um instrumento de observação que exige, por parte dos que o efetuam, uma grande disciplina. O mesmo autor acrescenta que este instrumento de recolha de dados é um método que necessita de respostas escritas por parte dos sujeitos.

Os objetivos na utilização de questionários são os seguintes: estimar certas grandezas absolutas, estimar grandezas relativas, descrever uma população e verificar hipóteses, relacionando duas ou mais variáveis.

Seguidamente, mencionam-se as vantagens do questionário, segundo Reis (2011):

- A satisfação da exigência da representatividade;
- É um instrumento mais económico de recolha de dados quando é avaliado o tempo para a sua aplicação e análise e o número de inquiridos envolvidos no processo, menor enviesamento das respostas;
- A possibilidade de quantificar numa multiplicidade de dados e de proceder a numerosas análises de correlação;
- A facilidade de análise dos dados;

- Os inquiridos sentem-se mais seguros relativamente ao anonimato das respostas.

Para Quivy e Campenhoudt (2005), os objetivos para os quais o método (o inquérito por questionário) é especialmente adequado, são os seguintes: o conhecimento de uma população enquanto tal: as suas condições e modos de vida, os seus comportamentos, os seus valores ou as suas opiniões; a análise de um fenómeno social que se julga poder aprender melhor a partir de informações relativas aos indivíduos da população em questão; de uma maneira geral, os casos em que é necessário interrogar um grande número de pessoas e em que se levanta um problema de representatividade. Para os mesmos autores, as principais vantagens na aplicação deste método são as seguintes: poder quantificar uma pluralidade de dados e de proceder, seguidamente, a numerosas análises de equiparação; a exigência, por vezes fundamental, de representatividade do conjunto dos entrevistados poder ser satisfeita através deste método. Esta representatividade nunca será absoluta, uma vez que está sempre limitada por uma margem de erro e só tem sentido em relação a um certo tipo de perguntas, como por exemplo, as que têm um sentido para a totalidade da população em questão.

Ainda para os mesmos autores, Quivy e Campenhoudt (2005), existem no entanto alguns limites e problemas, a saber: o peso e o custo geralmente elevado do dispositivo; a ligeireza das respostas, que não permitem a análise de certos processos, como a evolução do trabalho clandestino ou a das conceções ideológicas profundas. Os resultados apresentam-se por vezes como simples descrições; a individualização dos entrevistados, que são considerados independentemente das suas redes de relações sociais; o carácter relativamente frágil da credibilidade do dispositivo.

As entrevistas, tal como os questionários, são uma das fontes de informação principais para um estudo de caso.

CAPÍTULO VI – DESCRIÇÃO/ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo é constituído pela apresentação, análise e interpretação dos dados relativos aos inquéritos por questionário aplicado ao público que assistiu ao evento, às notas de campo recolhidas, à observação, à pesquisa documental utilizada e às entrevistas realizadas.

6.1 ANÁLISE DOS INQUÉRITOS

Os resultados que se apresentam de seguida são consequência da aplicação de um inquérito por questionário, ministrado a 96 espetadores que assistiam à Recriação Histórica.

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Relativamente à distribuição dos indivíduos por género, responderam ao inquérito 50% de indivíduos do sexo masculino e 50% do feminino, sendo a faixa etária com maior número de inquiridos a dos 30-44 anos (35%), seguindo-se a faixa etária dos 45-59 anos, com 25%. Em ex-aequo estão as faixas etárias dos 17-24 anos e dos 60-64 anos com 10%, surgindo, a seguir, a faixa etária entre os 25-29 anos com 9%. Posteriormente, aparece a faixa etária correspondente aos inquiridos com menos de 17 anos, com 6% e finalmente a faixa etária com menor número de inquiridos corresponde à dos 65-74 anos, com 5% (**Gráfico 1**).

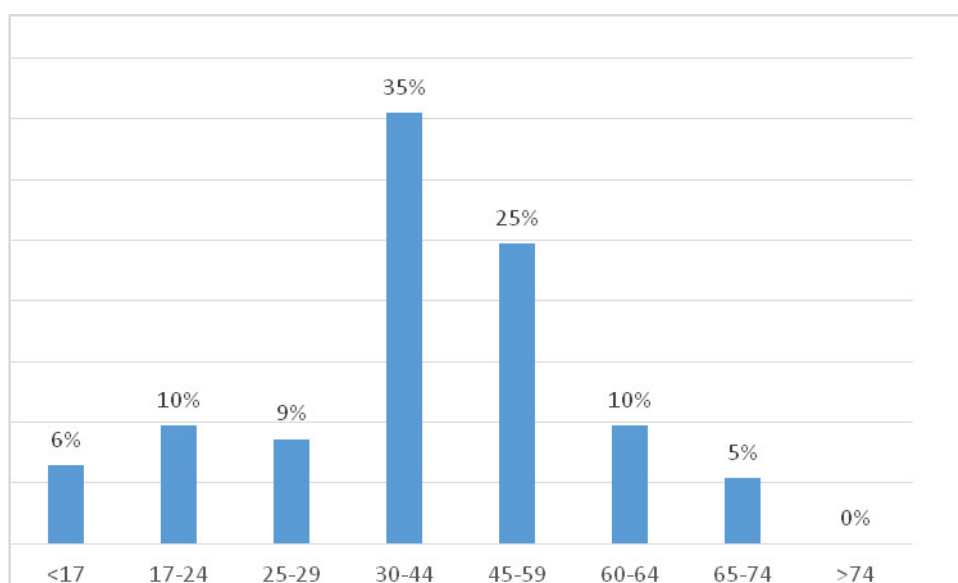


Gráfico 1 - Faixa etária.

Relativamente à distribuição dos indivíduos pelo critério da sua residência, esta pende, claramente, para o Norte de Portugal, nomeadamente: Santo Tirso, Ronfe, S. Estêvão de Briteiros, Barcelos, Lixa, Póvoa de Lanhoso, Gondomar (Guimarães), Briteiros, Mascotelos (Guimarães), Fermentões, Briteiros S. Salvador, Porto, Joane, Taipas, Braga, S. João de Ponte, Creixomil (Guimarães), Guimarães, Fafe, S. Paio e Marco de Canaveses. Do Centro de Portugal, alguns indivíduos são residentes em Aveiro e Leiria. Finalmente, do Sul de Portugal, alguns residem em Olhão. Verificou-se que certos indivíduos residem no estrangeiro, a saber: Virgínia, USA; Vigo, Espanha; França e Brasil.

Constatou-se também que o público é oriundo dos concelhos de Felgueiras, Santo Tirso, Barcelos, Vila Nova de Famalicão, Penha/S. Paulo, Povo de Lanhoso, Porto, Braga, Olhão, Nice, Guimarães, Fafe, Marco de Canaveses, Vigo, Leiria e Aveiro.

Através do **Gráfico 2** podemos constatar que, relativamente às habilitações literárias, o grupo mais representado na amostra é o dos indivíduos com licenciatura, com 44 %; seguindo-se aqueles que têm o ensino secundário, com 14%; os que têm mestrado, com 13%; o 3º ciclo, com 8%; o segundo ciclo, com 7%; seguem-se os que

têm o 1º ciclo, com 6%; com bacharelato, surge um grupo de 4% e finalmente os que têm doutoramento, juntamente com a opção “Outro” com 2%.

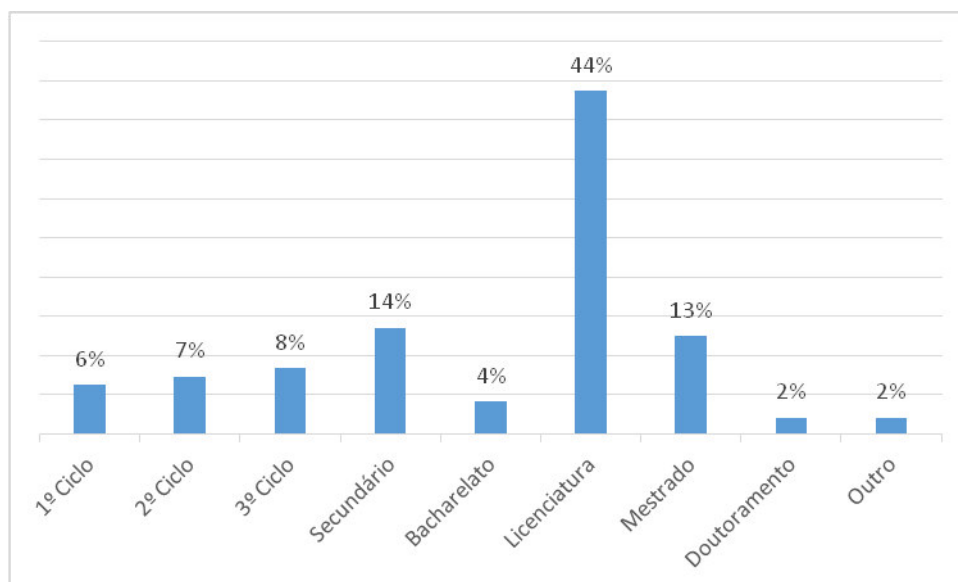


Gráfico 2 - Habilitações literárias.

No que concerne ao estado civil dos indivíduos inquiridos, e como se pode verificar através do **Gráfico 3**, o maior grupo em análise é casado, com 49%. O grupo dos indivíduos solteiros é o 2º mais representativo com 36%. O grupo dos indivíduos divorciados vem em 3º lugar com 10%. As restantes categorias do estado civil, viúvo e outro, aparecem com uma expressão muito menor, com 2%.

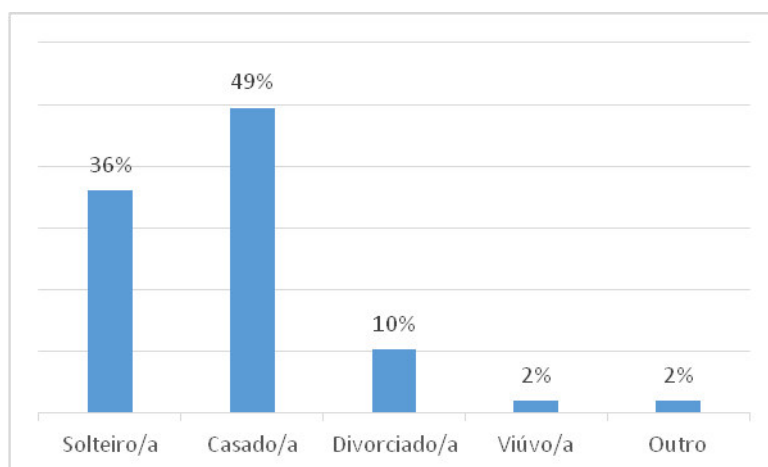


Gráfico 3 - Estado civil.

O público sondado foi questionado acerca dos respectivos acompanhantes, os quais estão representados no **Gráfico 4**.

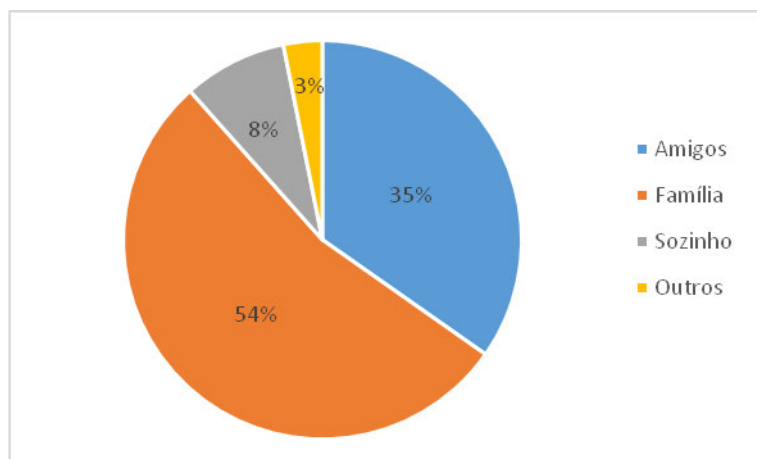


Gráfico 4 – Acompanhantes.

Os valores acima apresentados são elucidativos quanto aos acompanhantes de cada inquirido. Mais de metade da população, 54%, afirmou que se fez acompanhar por familiares, seguindo-se de 35% que afirmaram terem vindo à Citânia Viva com amigos. Finalmente, 8% disseram que foram sozinhos e 3% escolheram a opção: “outro”.

Subsequentemente, cada indivíduo foi questionado sobre o número de pessoas que o acompanharam à Citânia Viva, como se pode constatar no **Gráfico** seguinte.

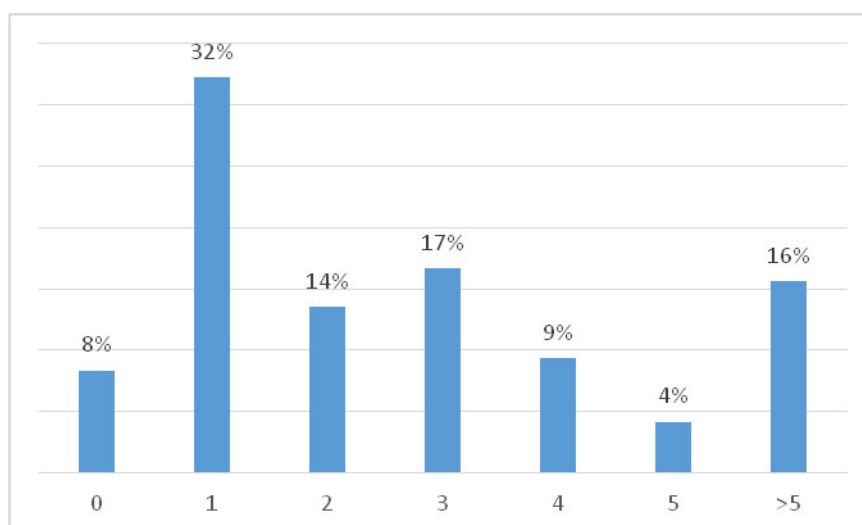


Gráfico 5 - Número de acompanhantes.

É possível inferir, através do **Gráfico 5**, que 32% da população inquirida se fez acompanhar à Citânia Viva por apenas uma pessoa. Em seguida, 17% dos inquiridos teve como companhia três pessoas, seguindo-se 14% dos inquiridos que tiveram dois acompanhantes. Posteriormente, e de forma percentual decrescente, seguem-se os seguintes valores: 9%, tiveram como companhia quatro pessoas; 8%, foram sozinhos e com 4%, foram com cinco pessoas. 16% dos indagados foram com mais de cinco pessoas.

Quando inquiridos acerca do número de vezes que assistiram à Recriação Histórica nos últimos 9 anos, pode-se constatar, através do **Gráfico 6**, que grande parte dos inquiridos afirmou que já tinham assistido uma vez, 45%; seguidos por 32% que disseram que nunca tinham visto a Recriação Histórica e que esta era, portanto, a primeira vez. Já 11% referem que anteriormente tinham assistido a duas Recriações Históricas. Com uma percentagem igual de 4%, uns afirmaram que já tinham assistido três vezes e outros, quatro vezes. Finalmente, 1% dos indivíduos mencionaram que já tinham assistido, uns, seis vezes, outros sete e ainda outros, nove vezes, sendo para estes últimos a décima vez que assistem.

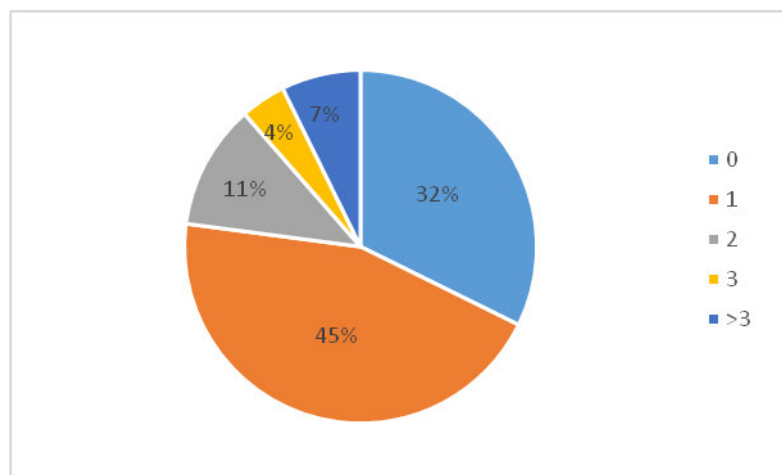


Gráfico 6 - Número de assistências da Citânia Viva/pessoa.

Posteriormente, foram questionados sobre o transporte utilizado para assistir à Recriação Histórica e que se poderá aferir no seguinte Gráfico:

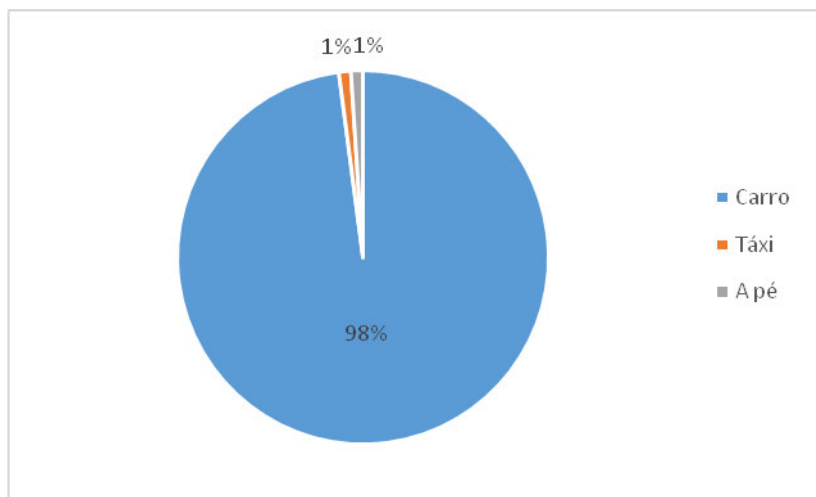


Gráfico 7 - Meio de transporte.

Como se pode verificar através do **Gráfico 7**, assume maior representação na amostra, 98%, os indivíduos que utilizaram como meio de transporte o carro para assistirem à Citânia Viva. Apenas 1% dos inquiridos utilizou o táxi e também 1% deslocou-se a pé.

Seguidamente, o público foi questionado relativamente à forma como tomou conhecimento da realização da Recriação Histórica: “Citânia Viva”. Assim, conforme se pode verificar através do **Gráfico 8**, cerca de 51% dos inquiridos tomaram conhecimento através de “boca-a-boca”; 19% dos indivíduos foram informados a partir dos “Artistas/Participantes”. As “Redes Sociais” foram outra forma de divulgação, cerca de 18%. Posteriormente aparecem, com percentagem igual, a “Imprensa Local” e os “Cartazes/Panfletos”, com 14%; alguns indivíduos ouviram falar da Citânia Viva diretamente da “Recriação”, outros “Participaram noutros anos/Família/Tradição local”, ainda outros através da “Rádio Local”, com 9%, 8% e 6% respetivamente. Com 3%, três indivíduos responderam na opção “outro”, no qual um tomou conhecimento desta atividade por SMS e dois afirmaram que o estarem na Citânia Viva foi uma casualidade. Finalmente, 1% do público ouviu falar da Recriação Histórica através dos “Meios de Comunicação Social”.

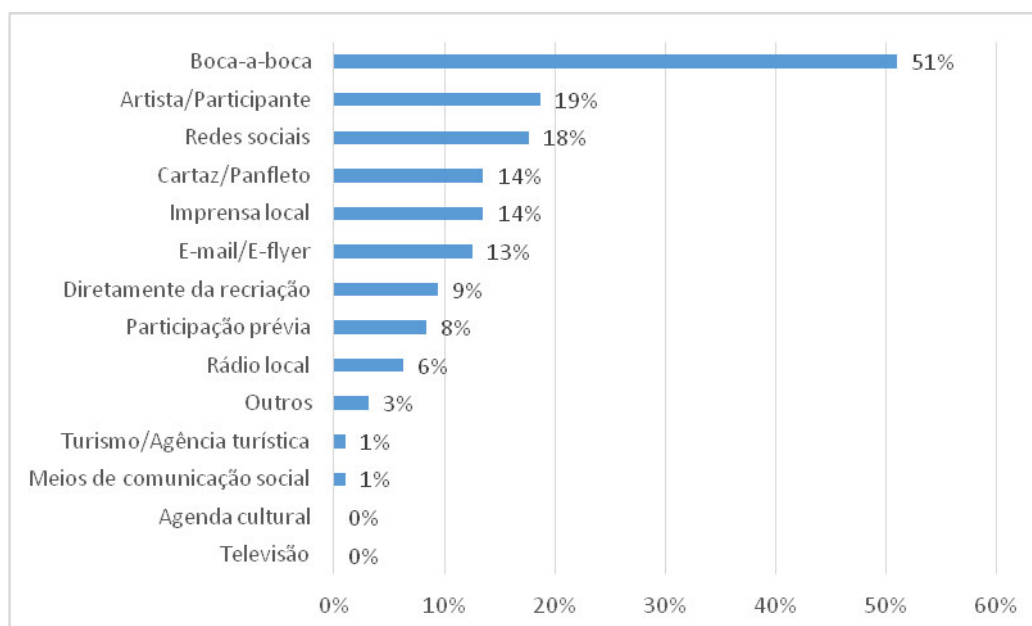


Gráfico 8 - Tomada de conhecimento da Citânia Viva.

Ao analisar a dimensão acerca do conhecimento da programação que cada indivíduo teve da Citânia Viva (**Gráfico 9**), concluímos que 79% tomou conhecimento da programação e 21% não.

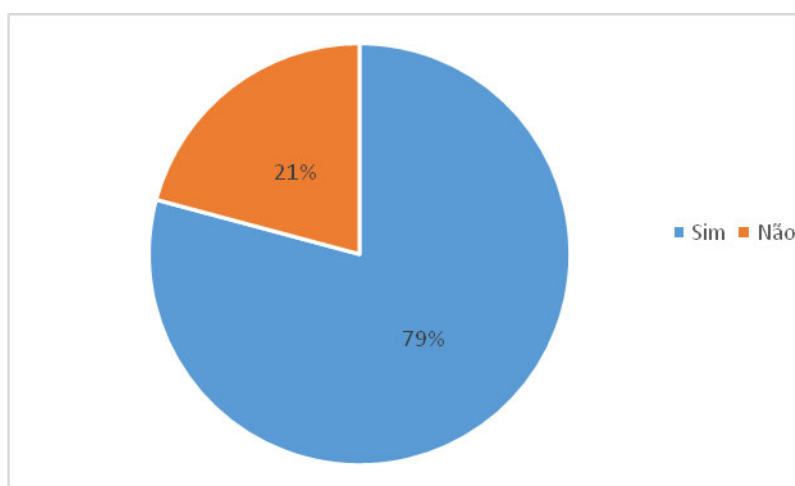


Gráfico 9 - Conhecimento da programação.

Quando o público foi questionado acerca das razões que o levou a escolher assistir à Citânia Viva, um grande número de indivíduos, 43%, afirmou que foi o quererem saber sobre a história da Citânia; seguindo-se o gosto em apoiar eventos locais com 41%. O estarem interessados em História foi outra das razões que levou 33% a assistirem à Recriação Histórica. Já 31% escolheu assistir à Citânia Viva por gostarem do ambiente geral; 30% quiseram-se divertir; 25% afirmaram que quiseram experimentar algo de novo e quiseram aprender sobre a cultura local. Para 19% dos inquiridos, o assistirem à Citânia Viva serviu para passar tempo com a família e/ou com os amigos. No entanto, para 15% dos inquiridos, o facto de estarem a visitar a área contribuiu para assistirem à Recriação Histórica e para outros, 15%, o terem já participado em anos anteriores foi um fator decisivo para assistirem ao espetáculo. Para 14% dos indivíduos, o quererem partilhar com outros esta experiência foi um fator determinante e 4% dos inquiridos responderam na opção “outro”, em que dois estavam no evento para assistir à atuação de familiares; um afirmou que queria conhecer a Citânia e ainda outro disse adorar este tipo de eventos. O **Gráfico 10** representa as razões que levou o público a assistir à Citânia Viva.

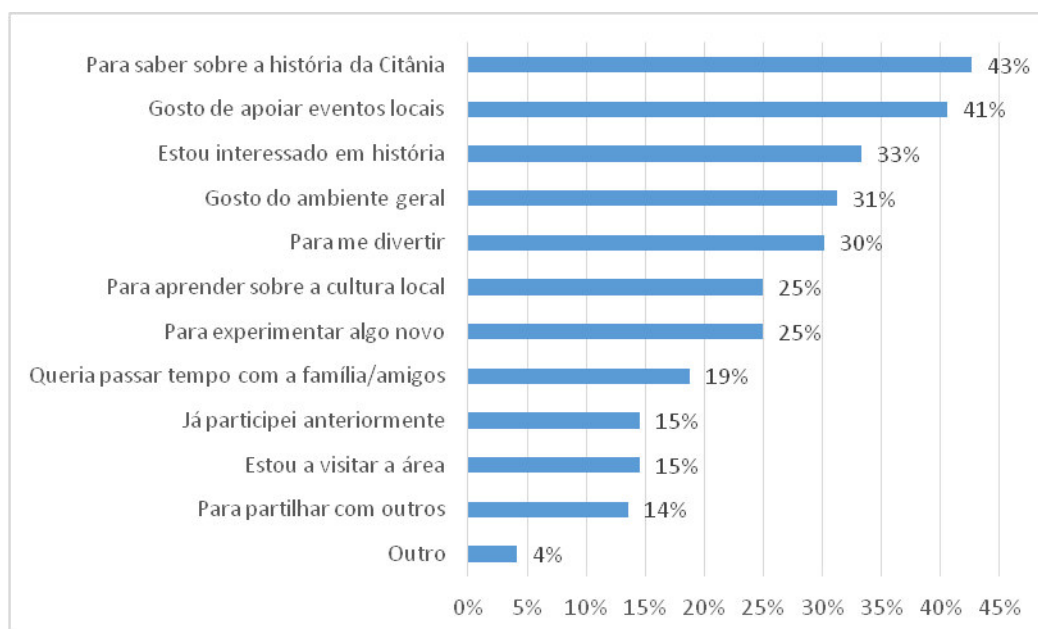


Gráfico 10 - Motivos para assistir à Citânia Viva.

Seguidamente, questionou-se o público sobre quais os fatores que mais lhe agradaram quando assistia à Recriação Histórica. (Ver **Gráfico 11**)

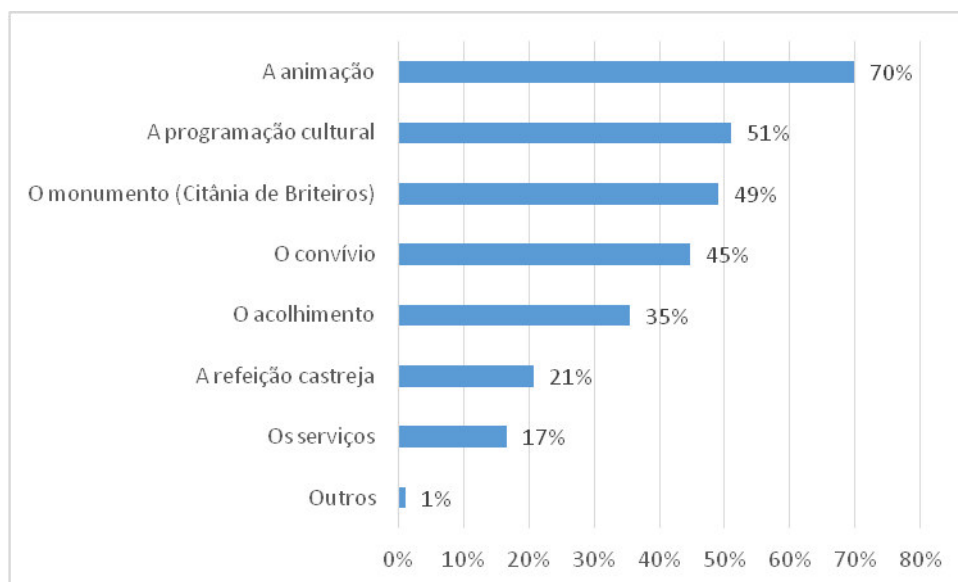


Gráfico 11 - Fatores que mais agradaram.

Da análise deste conjunto de dados, podemos concluir que todos os fatores apresentados foram do agrado da população inquirida, salientando-se a Animação com 70%, seguida da Programação Cultural com 51%. Posteriormente, e por ordem decrescente, surgem: o Monumento (Citânia de Briteiros), o Convívio e o Acolhimento com 49%, 45% e 35%, respetivamente. Por último, a Refeição Castreja, os Serviços e a opção “Outro”, com 21%, 17% e 1% respetivamente.

Seguidamente, foram colocadas as seguintes questões ao público:

1. Os elementos artísticos da Citânia Viva foram novos para mim.
2. Tenho uma perspetiva mais positiva da Citânia Viva.
3. Recomendaria a vinda à Citânia de Briteiros a outras pessoas para assistir à Citânia Viva.
4. A Citânia Viva faz parte da identidade cultural da Citânia de Briteiros/Guimarães.

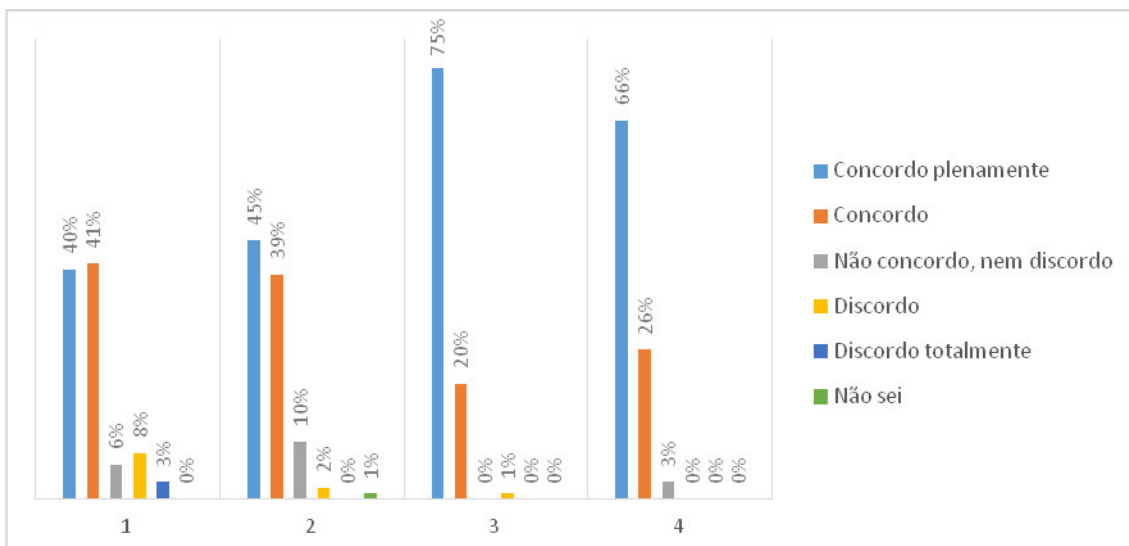


Gráfico 12 - Questões ao público.

O **Gráfico 12** indica-nos que $(40\%+41\%) = 81\%$ da população considera que os elementos artísticos da Citânia Viva foram novos. Em contrapartida, $(8\%+3\%) = 11\%$ têm ideia contrária. Já 6% dos indivíduos nem concordam nem discordam dessa opinião.

Pode-se aferir que $(45\%+39\%) = 84\%$ do público ficou com uma perspectiva mais positiva acerca da Citânia de Briteiros, apenas 2% não partilham da mesma ideia; 10%, não têm opinião formada e 1% não sabe.

No cômputo geral, $(75\%+20\%) = 95\%$ da população inquirida recomendaria a vinda à Citânia de Briteiros a outras pessoas para assistir à Citânia Viva. Apenas 1%, refere que não o faria.

A maioria dos inquiridos, com $(66\%+26\%) = 92\%$, afirmam que a Citânia Viva faz parte da identidade cultural da citânia de Briteiros e apenas uma minoria de 3% não têm opinião formada.

Através do **Gráfico 13** pode-se verificar o grau de satisfação que a população inquirida teve ao assistir à Citânia Viva.

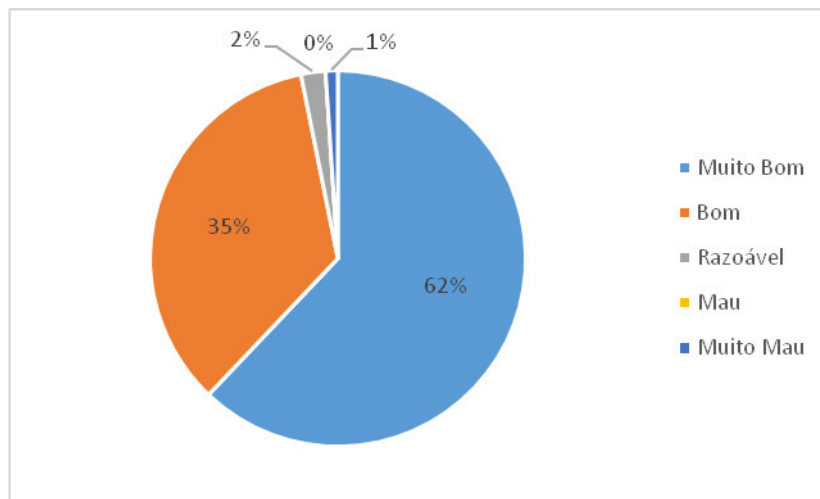


Gráfico 13 - Grau de satisfação.

Após extraída a observação correspondente ao grau de satisfação que a população inquirida desfrutou ao assistir à Citânia Viva, pode-se concluir que a amostra quase se divide entre aqueles que o classificaram como Muito Bom, 62% e Bom, 35%. Apenas 2% da população classificou-o como Razoável e 1% como Mau.

Posteriormente, inquiriu-se a população sobre se concordava que devia haver mais divulgação da referida atividade (**Gráfico 14**).

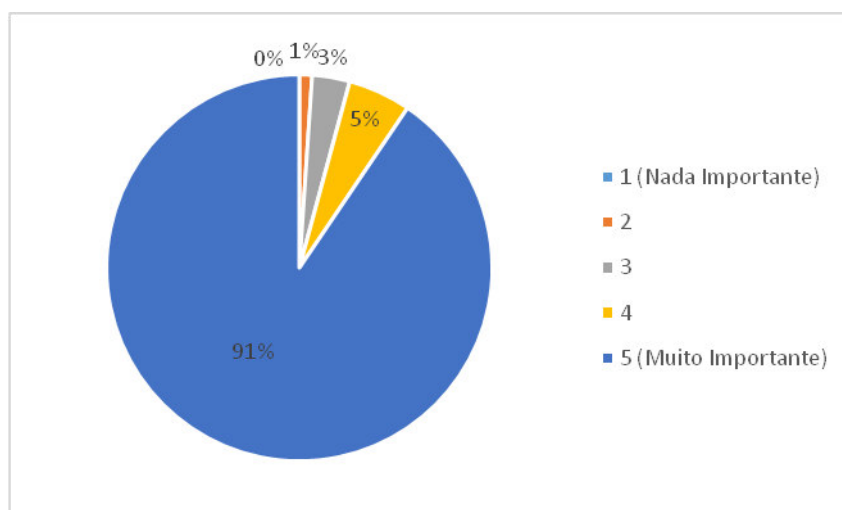


Gráfico 14 – Divulgação.

Os valores acima apresentados, $(91\%+5\%) = 96\%$, são elucidativos acerca da opinião da população inquirida sobre a importância de haver mais divulgação da Recriação Histórica Citânia Viva.

Pedi-se, seguidamente, ao público para classificar a importância do evento na região de Briteiros.

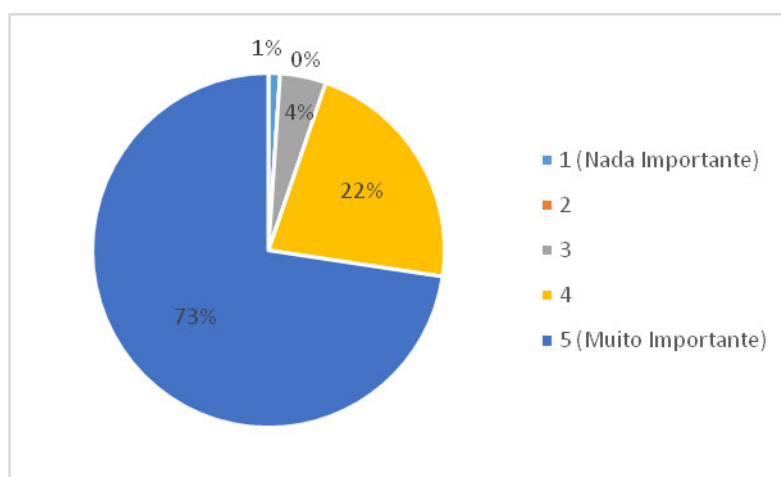


Gráfico 15 - Importância do evento.

Ao analisar o **Gráfico 15**, pode-se concluir que mais de metade da população, 73%, considera o evento na região como muito importante.

O **Gráfico 16** revela as razões que a população considera importantes para a realização da Citânia Viva.

- a) Tem um significado Histórico.
- b) Faz parte da nossa cultura.
- c) É uma forma de preservar o património Histórico.
- d) É uma forma de adquirir conhecimentos.

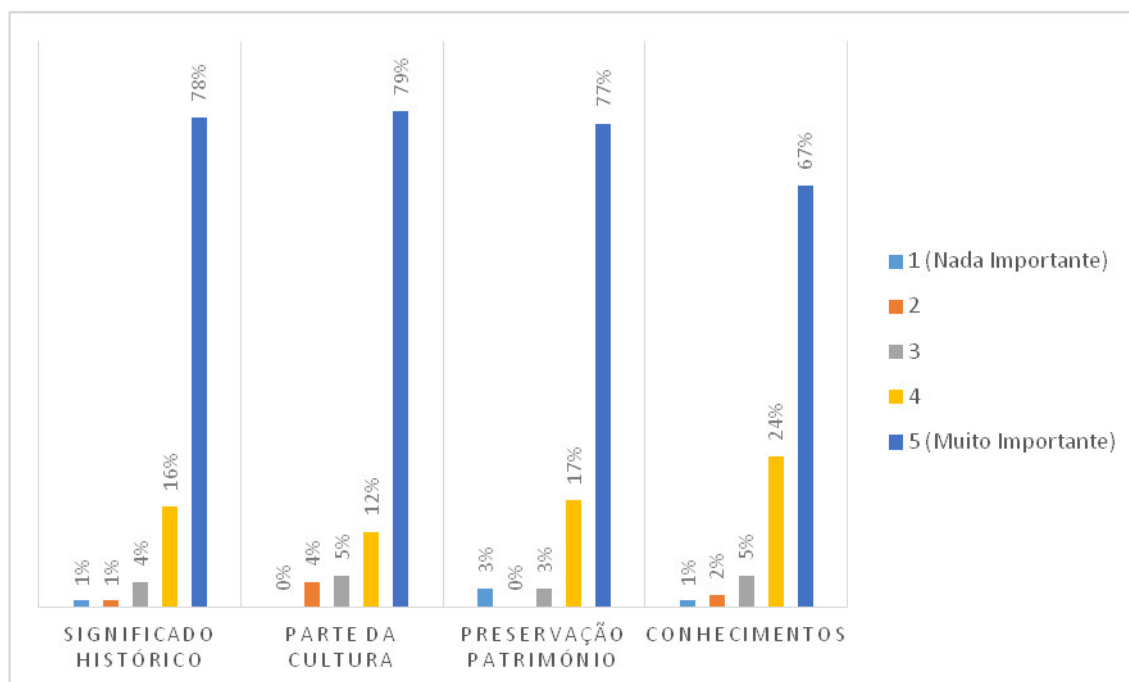


Gráfico 16 - Razões para a realização da Citânia Viva.

Analisando o Gráfico 16, podemos concluir que a Recriação Histórica “Citânia Viva” tem um significado histórico para 78% da população inquirida; 79% considera que faz parte da nossa cultura; 77% afirma que é uma forma de preservar o património histórico e, finalmente, para 67% dos inquiridos, a “Citânia Viva” é uma forma de adquirir conhecimentos.

6.2 DIÁRIO DE CAMPO/OBSERVAÇÃO

Como a observação é uma técnica que utiliza os sentidos e o diário de campo é um instrumento que permite o registo das informações e observações dos momentos decorridos na Citânia Viva, começa-se por agrupar estas duas técnicas e dar início à descrição de alguns factos observados.

O evento teve início na Citânia de Briteiros por volta das 16:00 horas, sendo constituído pela seguinte programação: chegada dos guerreiros; parada festiva (subida da rua principal até à praça do alto da cidade); mercado castrejo no alto da cidade;

construção de uma casa castreja; teatro terracota; percussão na praça; conselho notável na “casa do conselho”; treino dos guerreiros; jantar castrejo; performances de fogo; espetáculo de danças; discórdia dos deuses (espetáculo teatral) e pira cerimonial.

Evidenciou-se a preocupação dos figurantes em não usarem brincos, pulseiras, relógios, telemóveis, carteiras e qualquer tipo de maquiagem. O cabelo dos mesmos encontrava-se despenteado, os homens não tinham feito a barba já há alguns dias e os seus corpos estavam cheios de pó. Verificou-se igualmente que conversavam uns com os outros, discretamente, mantendo por vezes uma postura séria. Nas diversas cenas, todos se empenhavam com muito profissionalismo, por exemplo, alguns figurantes olhavam com estranheza e admiração os visitantes. Nas cenas mais sérias, nomeadamente no cortejo fúnebre e pira cerimonial de incineração do chefe indígena, ninguém se riu, mas, em momentos de festa, figurantes e visitantes dançavam mutuamente.

Constatou-se que a proteção do monumento esteve sempre implícita na formação dos figurantes, que tiveram sempre uma atitude respeitadora, e procuraram transmiti-la à assistência e aos visitantes em geral. Foi notório que alguns figurantes assumiram o acompanhamento dos visitantes para os locais onde se desenrolaram as diversas representações.

Foi visível a preocupação, por parte dos organizadores, em proteger as ruínas arqueológicas, com a escolha dos locais onde se desenrolaram as diversas atividades, designadamente: as encenações, o jantar castrejo, a localização do mercado e outros aspetos logísticos. As atividades realizadas procuraram posicionar a assistência em locais seguros e propícios à observação das encenações.

O cenário conhecido como “conselho de notáveis” consistiu na recriação de uma reunião onde foram debatidas questões relacionadas com a situação militar e a presença romana. O espaço utilizado foi a “casa do conselho”, uma estrutura circular de grandes dimensões com um banco corrido ao longo da parede interior. Os figurantes dispuseram-se no interior da construção, sentados, onde recriaram a assembleia. Esta casa está implantada numa zona que, aparentemente, não era residencial, mas sim espaço de utilização pública. Poderiam fazer parte do conselho de anciãos guerreiros, sacerdotes, ou outros personagens. Era provavelmente um conselho composto por uma elite administrativa, formada pelas famílias mais importantes do povoado, ou do

território envolvente. Este cenário foi precisamente retratado na Citânia Viva, tendo sido, igualmente, interessante verificar que os visitantes foram convidados a participar juntamente com os figurantes/atores, tendo partilhado uma bebida que foi oferecida através de um corno.

No que concerne ao jantar castrejo, verificou-se ter havido preparação prévia de uma área de comidas junto à capela de S. Romão, pois estava instalada uma bancada para servir a refeição castreja, tendo os alimentos sido preparados para a ocasião, a saber: febras assadas em pão rústico, rojões de porco com castanhas, caldo verde, chouriço assado, maçãs e broas de mel. Foram servidas também bebidas como cerveja, vinho, água e sumo. Existiam mesas com lugares sentados para os visitantes saborearem a refeição castreja e conviverem. As louças utilizadas foram: pratos, travessas, tigelas e potinhos (copos), feitos em barro, que tinham sido previamente vidrados. O facto de não se conhecer, em concreto, pratos confeccionados na época (ao contrário, por exemplo, da época romana), isto obriga a preparação de pratos relativamente simples. Foi um jantar muito agradável e bastante animado, pois misturou elementos figurados com os visitantes que optaram por jantar na Citânia. Enquanto os visitantes comiam, alguns figurantes tocavam e dançavam.

A encenação da atividade guerreira foi um dos pontos importantes desta recriação, tendo em conta a forte componente bélica normalmente associada à Cultura Castreja. A destreza em combate, o número de guerreiros e a qualidade das armas, por exemplo, eram aspetos valorizados pelas comunidades proto-históricas como formas de diferenciação social, promoção pessoal e exercício do poder. Além disso, do ponto de vista do cenário e dos adereços, a recriação das atividades associadas à guerra reúne condições excecionais, pela informação disponível que existe acerca das armas e indumentária, bem como pela boa conservação do sistema defensivo da Citânia de Briteiros. O que se pretendeu com este quadro foi representar lutas corpo-a-corpo, duelos com falcata (pequena espada) e caetra (escudo circular). Os adereços eram feitos com materiais adaptados, visando uma restituição cénica.

Para a recriação do quotidiano da Idade do Ferro, foi selecionada uma pequena área habitacional do monumento arqueológico, particularmente bem conservada, e que permitiu uma visualização confortável da ação recriada por parte do público. Nesta zona residencial, foram recriados momentos como a moagem, a tecelagem e a confeção dos alimentos. Todos os aspetos tiveram em conta as informações disponíveis para este

período histórico: as roupas usadas pelos figurantes foram inspiradas na indumentária visível na estatuária da época, bem como nas fontes escritas da época romana, referentes às comunidades indígenas, as louças em cerâmica que procuraram imitar as formas e decorações das peças recolhidas, as armas, baseadas em artefactos metálicos recolhidos, fontes escritas e estatuária dos guerreiros.

6.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Foram realizadas duas entrevistas ao Arqueólogo Gonçalo Cruz, responsável pelo Museu da Cultura Castreja e pela Citânia de Briteiros.

O objetivo da primeira entrevista foi recolher informação sobre o contexto Histórico da Citânia de Briteiros e a sua relação com o Museu da Cultura Castreja. Com a segunda entrevista pretendeu-se fazer uma recolha resumida de informações sobre a Recriação Histórica Citânia Viva ao longo dos 10 anos de existência.

A análise levada a cabo neste trabalho incide mais na segunda entrevista, pois contribuiu mais vigorosamente para as conclusões deste estudo. Assim, depreendeu-se que a Citânia Viva é um evento de carácter cultural e recreativo, que procura articular o desenvolvimento das investigações arqueológicas no âmbito da designada "Cultura Castreja", com a assimilação dos conhecimentos por parte da comunidade local e dos visitantes da Citânia. No ano de 2004, a Casa do Povo de Briteiros realizou na Citânia uma "Feira Castreja", que reuniu alguns habitantes locais num convívio realizado no alto da Citânia. Contudo, só no ano de 2005 é que a ideia de se realizar a primeira Recriação Histórica "Citânia Viva" se concretizou.

Obteve-se informação pertinente, designadamente sobre a logística envolvida na realização deste tipo de eventos: financiadores; patrocinadores; parcerias envolventes; diferentes sociedades associativas que participam; adereços e figurinos utilizados; o transporte dos mesmos; montagem das estruturas necessárias nos diferentes espaços da recriação; aquisição dos produtos alimentares e conceção dos alimentos a servir; a contratualização dos serviços com o encenador e atores profissionais (foram várias as companhias de teatro que participaram ao longo das 10 Recriações Históricas) e os

espaços necessários para a realização dos ensaios que normalmente são na Casa do Povo de Briteiros.

Outra informação relevante recolhida diz respeito aos materiais utilizados nas Recriações Históricas. Foi referido que a maioria dos tecidos, na Idade do Ferro, seria feita de lã e de linho, cuja utilização se encontra documentada, bem como peles e couros. Em Briteiros, não tem havido grande preocupação com o material de que é feita a roupa, garantindo apenas uma coloração relativamente neutra. Não se tem utilizado couros mas sim "couros sintéticos", porque são baratos (no caso de Briteiros até são gratuitos, porque são desperdícios de fábricas), que são utilizados para fazer cinturões, fitas para a cabeça e para envolver os pulsos, à falta de armilas de bronze. Têm-se usado algumas peles reais de cabra e de raposa, como capa sobre os ombros, mas são materiais difíceis de arranjar. Quanto às joias, é possível fabricar algumas peças com materiais como o fimo, que pode ser moldado, cozido e depois pintado. É uma solução que pode funcionar para peças como arrecadas, fíbulas e torques. Em Briteiros, recorrem a uma solução que passa por fazer colares, por exemplo, com massa de cotovelos ou *fusilli*, pintadas de dourado. O objetivo é realçar o aspeto das personagens femininas, embora não seja possível, com a massa, recriar joias com a sua configuração original, apenas no caso de alguns colares. Para o calçado é habitual o uso de sandálias e uma solução de envolvimento dos pés (tapando o calçado atual) com serapilheira e corda, numa tentativa de recriar as tais polainas.

6.4 PESQUISA DOCUMENTAL

Ao ser adotada esta abordagem qualitativa do método, não se realça a quantificação ou descrição dos dados recolhidos, mas sim a importância das informações que foram geradas a partir da fonte documental, que neste caso é um Relatório de Atividades. Gil (1991) adverte que “pesquisas elaboradas a partir de documentos são importantes não porque respondem definitivamente a um problema, mas porque proporcionam melhor visão desse problema ou, então, hipóteses que conduzem à sua verificação por outros meios”. (Gil, 1991, p. 53)

Nesta fonte documental, são referidas, de forma pormenorizada, as atividades desenvolvidas ao longo do dia da Recriação Histórica Citânia Viva e de forma subjacente as respetivas implicações no património artístico, cultural, histórico e arqueológico. Através desta fonte documental, poder-se-á constatar a preocupação por parte da organização ao nível da gestão artística e cultural do evento, reforçando a ideia já expressada sobre o empenho demonstrado por todas as pessoas envolvidas, desde os organizadores, aos voluntários, aos figurantes, aos atores e aos cerca de 600 visitantes. A colaboração de todos transformou a Recriação Histórica Citânia Viva numa experiência extremamente positiva.

A análise desta fonte documental (Relatório das Atividades da Citânia Viva 2015) confirmou que a informação que consta no seu conteúdo vai de encontro dos resultados obtidos através dos inquéritos aplicados ao público, nomeadamente no grau de satisfação verificado pelos mesmos e é implícito, no relatório, que as atividades realizadas são uma forma de transmitir a cultura local.

O cruzamento da informação obtida através dos diferentes instrumentos de recolha utilizados, nomeadamente: entrevistas, notas de campo, observação, inquérito por questionário e pesquisa documental permitiu completar toda a informação recolhida de forma a obter resultados fidedignos para o êxito da investigação.

CAPÍTULO VII - CONCLUSÕES

Os projetos de carácter cultural com raízes populares permitem fortalecer os laços identitários da população local e enriquecer a valorização cultural dos locais, sendo para tal necessário entender o contexto histórico em que o projeto está inserido, bem como os meios artísticos envolvidos. Este estudo teve como objetivo perceber o tipo de população que visita a Citânia de Briteiros e de que modo a recriação histórica Citânia Viva influencia a perspetiva dos visitantes no que diz respeito à valorização cultural e das tradições da região.

Atentando às informações recolhidas através dos dados obtidos pelos questionários aplicados durante este estudo é possível formular algumas conclusões que, não podendo ser interpretadas de forma conclusiva, permitem uma melhor compreensão das interações entre a população e o património cultural da Citânia de Briteiros.

Que tipo de público assiste à Citânia Viva?

Analisando as características da amostra, verifica-se uma distribuição igualitária de género com predomínio da faixa etária dos 30-44 anos, oriunda, essencialmente, do Norte de Portugal e possuindo, na sua maioria, habilitações literárias ao nível do ensino superior. Grande parte dos visitantes fez-se acompanhar por familiares ou amigos e o meio de transporte mais utilizado foi o carro, facto relevante tendo em conta a localização periférica da Citânia de Briteiros. Nos dados recolhidos ainda se pode observar que há visitantes que voltam todos os anos ao local, de modo a poderem participar na recriação histórica, o que espelha o impacto positivo da atividade.

Quais as motivações que levam os visitantes a assistirem a este espetáculo?

A Recriação Histórica Citânia Viva faz uma ligação entre o passado e o presente e ao mesmo tempo promove experiências únicas que o espetador ambiciona ver. Por outro lado, ao propagar a proteção dos recursos patrimoniais, ao entusiasmar a comunidade a participar na Recriação Histórica, está a proteger os interesses da própria comunidade, criando um equilíbrio entre a satisfação dos visitantes e os benefícios económicos locais (promover por exemplo a Citânia de Briteiros e o Museu da Cultura Castreja). É colocado, portanto, um desafio aos seus organizadores, que consiste, não na captação de um maior número de visitantes, mas sim na preocupação ao nível da

formação das populações tendo em vista a melhoria da sua participação no evento, na melhoria do nível de rigor histórico, porque os públicos são cada vez mais exigentes. Para tal, é essencial que nada fique ao acaso para que deste modo possam ser apresentadas propostas culturais únicas e inovadoras.

Partindo da análise focada na perspectiva das preferências, verifica-se que a maioria da população se dirigiu ao evento com a finalidade de conhecer a história da Citânia, seguindo-se o gosto em apoiar eventos locais. Quando inquirida sobre o significado histórico do evento, a maioria dos visitantes considerou a Citânia Viva como parte da identidade cultural da região e a generalidade recomendaria a assistência do evento a outras pessoas.

Qual o impacto dos fatores promocionais do evento?

A Citânia de Briteiros caracteriza-se pela existência de um património histórico, cultural e arqueológico com características únicas, de valor e projeção nacional. Ao longo das dez Recriações Históricas Citânia Viva, verificou-se uma enorme evolução a nível artístico e cultural, com significativas melhorias no respeitante às encenações (passou a existir encenador), à programação, aos espaços criteriosamente selecionados, aos equipamentos usados e à diversificação da população (urbana e rural) envolvida nas recriações. Ao longo dos anos, esta iniciativa implicou sempre uma aproximação à comunidade local já que os próprios protagonistas fizeram sempre parte dela, principalmente como figurantes.

A Casa do Povo de Briteiros, a Sociedade Martins Sarmento e as Autarquias de Guimarães e da Póvoa de Lanhoso têm um papel fundamental no evento Citânia Viva, pois é através destas entidades que advém a organização e o financiamento. O projeto conta igualmente com a colaboração de várias entidades associativas dos concelhos de Guimarães, Braga e Póvoa de Lanhoso, disponibilizando figurantes, alguns com formação teatral e também ornamentos específicos. É através desta rede associativa de entidades que é dinamizado o turismo cultural, potenciando assim o desenvolvimento de recursos naturais e patrimoniais que têm ao seu dispor, atraindo turistas a esta região, mais concretamente à Citânia de Briteiros e ao Museu de Cultura Castreja.

A passagem de informação “boca-a-boca” revelou-se o meio prevalente de divulgação do evento, seguido por meios como as redes sociais, a imprensa local, cartazes ou panfletos. Tendo em conta estes resultados, realça-se a importância da

divulgação junto das populações locais e da sua participação neste tipo de eventos e surge a questão: estará a ser feita uma divulgação adequada da atividade nos meios de comunicação? Tendo em conta os dados relativos às sucessivas recriações históricas na Citânia de Briteiros, é notório um aumento no número de participantes ao longo dos anos, acompanhado de um crescimento, quer do número de atividades quer da divulgação do evento. Assim, e considerando o valor arqueológico do local e a sua capacidade máxima de visitantes, os fatores promocionais do evento têm um impacto positivo na população, proporcionando uma divulgação interpessoal. Acrescenta-se que a maioria da população inquirida teve acesso prévio à programação do evento Citânia Viva, facto que poderá ter pesado na decisão de se deslocar à atividade. Ainda assim, a amostra é da opinião que deveria ser feita uma maior divulgação do evento.

Para além dos fatores promocionais, salienta-se o trabalho dos responsáveis pelo evento Citânia Viva na preocupação em supervisionar todos os procedimentos, não deixando nada ao acaso, sendo evidente que uma das razões pelas quais o público é seletivo e restrito consiste essencialmente na preocupação em preservar o monumento arqueológico, não o danificando. Um outro fator importante a realçar é a preocupação constante no acolhimento dos visitantes, nomeadamente: na qualidade da animação, na qualidade dos vários espetáculos que decorreram ao longo do dia/noite, da alimentação, entre outros. Verifica-se igualmente o cuidado, por parte dos organizadores, em diversificarem as companhias de Teatro e Associações, durante as várias Recriações Históricas com o intuito de motivarem/entusiasmarem os visitantes, principalmente aqueles que assistem com mais regularidade ao longo dos dez anos da sua existência.

No âmbito turístico, não se verifica, na região, grande impacto a nível económico, uma vez que este evento assume maior relevância a nível de gestão artística e cultural, denotando-se, acima de tudo, preocupação com a valorização e salvaguarda do património histórico, através da transmissão de conhecimentos, da cultura e das tradições da região. Esta atividade constitui mais um estímulo para a preservação dos valores patrimoniais e é igualmente uma excelente oportunidade para o desenvolvimento social, artístico e cultural e não tanto económico da região.

Quais as mais-valias da envolvimento dos visitantes na Recriação Histórica?

Este evento mostra um potencial didático importante para o público em geral, permitindo uma observação muito particular do património histórico e da História local

em si. O envolvimento direto do público propicia, por seu lado, uma maior aproximação à comunidade local em geral. Este envolvimento verifica-se na participação dos visitantes na própria recriação, envolvendo-se com os participantes dançando com eles, fazendo compras no mercado, convivendo durante a refeição castreja, entre outros.

A Citânia Viva envolve grandes meios para a sua realização, sempre com a preocupação em cumprir o rigor histórico intrínseco a esta técnica de dar vida à História. O objetivo deste evento não assenta no aspeto comercial e de propaganda, mas sim em atrair um público que procura conhecimento.

Analisando os dados à saída do evento, verificou-se que os visitantes apresentam um grau de satisfação elevado ao assistir à Citânia Viva e que mais de metade ficou com uma perspetiva mais positiva acerca da Citânia de Briteiros.

Será que o evento sensibiliza os visitantes para a preservação do património?

A Recriação Histórica Citânia Viva foi encarada, pela generalidade da amostra, como uma forma de preservar o património histórico e uma forma de adquirir conhecimentos, dado o seu significado e sendo uma parte integrante da cultura local. Tais resultados vão de encontro ao pressuposto de que a realização deste tipo de atividade fortalece as tradições através do recrutamento da comunidade da região, que encara as animações culturais como um veículo de divulgação das tradições locais. Estas atividades são uma forma de transmitir à população ou ao público em geral a cultura local, contribuindo para o seu enriquecimento; de facto, a componente lúdica das tradições pode atuar como um produto turístico, contribuindo deste modo para o desenvolvimento cultural da região. A Citânia Viva procura, como já foi referido anteriormente, promover “uma viagem à época da Idade do Ferro” onde se reproduz ao mínimo pormenor o ambiente da altura. A este evento associa-se a “diversão e o lazer” promovidos pelas dinâmicas de animação da Recriação Histórica. Perante os valores patrimoniais e naturais que a Citânia de Briteiros tem, e considerando a sua centralidade na visita turística, a região necessita de promover a sua conservação, valorização e tornar a sua visita mais atrativa, logo, a Recriação Histórica Citânia Viva é certamente uma forma utilizada pelos organizadores para atingirem esse fim.

Este evento é um meio de promoção e visibilidade nacional, que poderá permitir projetar a Região, o Museu da Cultura Castreja e a Citânia de Briteiros para um patamar

superior de atração turística, contribuindo, deste modo, para o aumento do número de visitantes.

Esta dissertação deixa em aberto a necessidade de aprofundamento da temática, quer através do aumento da amostra em análise ou da inclusão de outras variáveis que se considerem pertinentes.

BIBLIOGRAFIA

- "*Citânia Viva*" reconstitui ritual castrejo há 10 anos na *Citânia de Briteiros*. (18 de julho de 2015). Obtido de Município de Guimarães: http://www.cm-guimaraes.pt/frontoffice/pages/991?news_id=2212
- A *Citânia Viva*. (20 de dezembro de 2014). Obtido de Guimarães digital: <http://www.guimaraesdigital.com/noticias/pesquisa/1/?q=citania+viva&x=1&y=7>
- ADCL. (20 de dezembro de 2014). Obtido de Associação para o Desenvolvimento das Comunidades Locais: <http://www.adcl.org.pt/adcl2/>
- Adriano, J. & Fael, I. (2002). *Cultura e Identidade Regional - (Re) encontros com a tradição e a Memória (IV - A boda)*. Tores Novas: Centro de Formação da Associação de Escolas do Conselho da Covilhã. 1ª Edição.
- Alves, F. (16 de julho de 2015). *Citânia Viva*. Obtido de Sinais - TSF- Rádio Notícias: <http://www.tsf.pt/programa/sinais/emissao/citania-viva-4677353.html>
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação: um guia para a pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Lisboa: Gradiva.
- Bell, J. (2004). *Como realizar um projeto de investigação: um guia para a pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Lisboa: Gradiva.
- Bento, A. (2013). *10 Tópicos (e dicas) sobre a investigação*. Funchal: António V. Bento.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). Notas de campo. In Bogdan, R. C., Biklen, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução às teorias e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bruno Laborinho. (17 de dezembro de 2014). Obtido de Creative Portfolios: <http://brunolab.com/>

- Campos, M. d. (2001). Recriações Históricas em Portugal e Espanha. Relevância destes eventos para o turismo. *Dedica.Revista de educação e humanidades,1*, 511-520.
- CAR. (16 de dezembro de 2014). Obtido de Círculo de Artes e Recreio. Guimarães: <http://www.circulodearteerecreio.pt/>
- Cardoso, M. (1976). *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso,Notícia descritiva para servir de guia ao visitante*. Guimarães: Sociedade martins Sarmento.
- Cardoso, M. (1994). *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso. Obras I*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.
- Carneiro, D. (2011). *Recriações Históricas na Póvoa de Varzim*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.
- Citânia de Briteiros em Guimarães*. (16 de dezembro de 2014). Obtido de minhoactualtv. Sapovídeos: <http://videos.sapo.pt/8hSA5ENfKVuLchv2bTww>
- Citânia de Briteiros vai recriar a época da Idade do Ferro*. (1 de julho de 2015). Obtido de gmr TV - Cultura: <http://www.gmr tv .pt/cultura/23842-citania-de-briteiros-vai-recr i ar-a-epoca-da-idade-do-ferro>
- Citânia de Briteiros vai recriar quotidiano da idade do ferro*. (7 de julho de 2015). Obtido de Jornal - Diário do Minho: <https://www.facebook.com/Municipio.Guimaraes.Comunicacao/photos/pcb.1609241935990272/1609241435990322/?type=1&theater>
- Citânia de Briteiros vai recriar quotidiano da idade do ferro no próximo fim de semana*. (13 de julho de 2015). Obtido de Antena Minho a Rádio de Braga: <http://www.antena-minho.pt/noticias.php?n=77457>
- Citânia Viva*. (18 de junho de 2015). Obtido de Facebook: <https://www.facebook.com/citaniaviva>
- Citânia Viva*. (9 de julho de 2015). Obtido de Blogue: UrgeCultura: <https://urgecultura.wordpress.com/2015/07/09/>
- Citânia Viva 2015*. (3 de julho de 2015). Obtido de Rádio Braga: <http://www.radiobraga.pt/rb/index.php/2015/07/03/172/>
- Citânia Viva 2015/ Recriação Histórica*. (18 de julho de 2015). Obtido de Rádio Fundação: http://radiofundacao.net/noticias_geral.php?a=13&id=1659

- Citânia Viva animou Citânia de Briteiros.* (16 de dezembro de 2014). Obtido de gmrtv. Sapovídeos: <http://videos.sapo.pt/78dOPpseLpMaD4Du7vRv>
- Citânia Viva faz reviver modos de vida do tempo da Idade do Ferro.* (16 de julho de 2015). Obtido de Reflexo Digital - O espelho das Taipas - Notícia (cultura): <http://www.reflexodigital.com/index.php?cat=4&item=16556>
- Citânia Viva...-18 de julho.* (16 de julho de 2015). Obtido de Blogue: NE25ABRIL: <http://nucleoestudos25abril.blogspot.pt/2015/07/citania-viva-2015-18-de-julho.html>
- Comunistas visitam Citânia de Briteiros em dia festivo.* (22 de julho de 2015). Obtido de Gazeta do Rossio - Braga/Cultura: <http://www.gazetadorossio.pt/comunistas-visitam-citania-de-briteiros-em-dia-festivo.html>
- Coutinho, P. & Chaves, H. (2002). O Estudo de Caso na Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, Vol. 15.
- Crespo, J. (1985). *Do Jogo ao Desporto - A tradição e a Modernidade nas Autarquias.* . Trabalho não publicado. Relatório do Seminário do Desporto e Autarquias.
- Cruz, G. (2014). *O surgimento do espaço urbano no Noroeste da Ibéria. Uma reflexão sobre os oppida pré-romanos. Atas das I Jornadas Internacionais Evolución de los espacio urbanos y sus territórios en el Noroeste de la Península Ibérica.* Braga: Universidad de León, Universidade do Minho.
- Cruz, G. (22 de dezembro de 2014a). Contexto Histórico da Citânia de Briteiros/Museu da Cultura Castreja. (I. P. Jantarada, Entrevistador)
- Cruz, G. (28 de dezembro de 2014b). A Citânia Viva ao longo dos anos. (I. P. Jantarada, Entrevistador)
- Dias, I. (2010). *Turismo Cultural e Religioso no Distrito de Coimbra: Mosteiros e Conventos: Viagem entre o Sagrado e Profano.* Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Duarte, J. (2008). Estudos de caso em educação: Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização. *Revista Lusófona de Educação*, nº 11.

- Equipa Espiral*. (16 de dezembro de 2014). Obtido de Associação Humanitária, Cultural e Recreativa de Braga: <http://www.equipaespiral.com/>
- Espada Lusitana*. (16 de dezembro de 2014). Obtido de A Nossa História: <http://www.espadalusitana.com/>
- Facebook*. (15 de julho de 2015). Obtido de Citânia Viva: <https://www.facebook.com/citaniaviva>
- Falkembach, E. (1987). *Diário de campo: um instrumento de reflexão*. Rio Grande do Sul. Universidade de Injuí.
- Ferreira, V. (1986). O Inquérito por Questionário na Construção de Dados Sociológicos. Em A. ., Silva, *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edição Afrontamento. 8ª Edição.
- Fidel, R. (1992). The Case Study Method. In D. & Glazier, *Qualitative research in information management*. Englewood, co: Libraries Unlimited.
- Fonseca, S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC. Apostila.
- Fonte, J., Valdez, J., Lemos, F. & Cruz, G. (14 de dezembro de 2014). *Citânia de Briteiros e Médio Vale do Ave*. Obtido de (NW de Portuga). SIG e Análise Arqueológico do Território: http://www.academia.edu/903415/Cit%C3%A2nia_de_Briteiros_e_m%C3%A9dio_vale_do_Ave_NW_de_Portugal_SIG_e_an%C3%A1lise_arqueol%C3%B3gica_do_territ%C3%B3rio_Cit%C3%A2nia_de_Briteiros_and_the_Ave_Valley_NW_Portugal_GIS_and_Archaeological_Territorial_Analysis
- Gerhardt, T. E. & Silveira, D. T. (2009). *Método de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 1ª edição.
- Gil, A. C. (1991). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gomes, J. (2011). *Recriações Históricas na Póvoa de Varzim*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.
- Gonçalves, A. (1998). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais.

- Guba, E. & Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. Em D. & (Ed.), *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Heitlinger, P. (14 de dezembro de 2014). *Cultura Castreja. Citânia de Briteiros*. Obtido de Arqueo.org. O Portal da Arqueologia Ibérica: <http://arqueo.org/ferro/citania-briteiros.html>
- JovemCoop. (12 de dezembro de 2014). Obtido de Associação Jovem Cooperante Natureza/Cultura: <http://www.jovemcoop.com/>
- Lemos, F. & Cruz, G. (2011). *Citânia de Briteiros - Povoado proto-histórico*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- Lemos, F. & Cruz, G. (2007). *Citânia de Briteiros. Povoado proto-histórico*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- Lemos, F. (2009). *A Cultura Castreja no Minho - Espaço nuclear dos grandes povoados proto-históricos do Noroeste Peninsular in Minho: Traços de Identidade*. Braga: Esag. Lda.
- Lemos, F., Martins, C. & Cruz, G. (27 de dezembro de 2014). *Valorização Cultural e Turística da Citânia de Briteiros*. Obtido de III Congresso de Arqueologia: Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior. Atas das sessões: <http://www.mineracaoantiga.com/congresso/artigos/art29.pdf>
- Lino, M. (2008). *Caldas da Rainha Na Rota do Mito Napoleónico*. Caldas da Rainha: A.D.C.-Museu de Ciclismo.
- Lopes, M. J. (1993). *Les soins: images et réalités - le quotidien soignant au Brésil*. Paris: Université de Paris VII. Tese de Doutoramento.
- Martins, M. (1990). *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*. Braga: Cadernos de Arqueologia, Séries Monográficas.
- Minayo, S. (2007). *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Morais, A. M. & Neves, I. P. (2007). Fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista. *Revista Portuguesa de Educação*, p.3.

- Nunes, H. (1994). *Obras de Mário Cardoso. Volume I*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- Outra Voz*. (6 de janeiro de 2015). Obtido de Informações: <https://outravozinvade.wordpress.com/>
- Pacheco, H. (2007). *Do outro País*. Santa Maria da Feira: Edições Gailivro. 1ª Edição.
- Pardal, L. & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de investigação Social*. Porto: Areal.
- PASEC. (12 de dezembro de 2014). Obtido de Plataforma de Animadores Socioeducativos e Culturais e Plataforma de Ação Socioeducativa e Cultural: <http://www.pasec.pt/>
- Pedra Formosa*. (12 de dezembro de 2014). Obtido de Blogue informativo. Citânia Viva: <http://pedraformosa.blogspot.pt/2010/06/citania-viva-imagens-do-evento-2.html>
- Pereira, A. L. (22 de janeiro de 2016). *A pedagogia das Recriações históricas no "Ansiões na Idade Média"*. Obtido de Crónicas do Nordeste: <http://www.noticiasdonordeste.pt/2014/06/a-pedagogia-das-recricoes-historicas.html>
- Pina, I. (2004). *Um mercado em Palhais no Séc.XVI - Memória da Recriação Histórica*. Palhais: Junta de Freguesia de Palhais.
- Pires, C. (1994). *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Polit, F., Beck, C. & Hugler, B. (2004). *Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização*. Porto Alegre: Artmed. 5ª ed.
- Programação*. (2015). Obtido de Citânia Viva: http://www.cm-guimaraes.pt/uploads/writer_file/document/4299/Programa_Citania_Viva.pdf
- Quintana, M. (1993). *Los ámbitos profesionales de la Animacion*. Madrid. Espanha: Nancea.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva. 2ª edição.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva. 4ª edição.

- Recriação Histórica da Idade do Ferro na Citânia de Briteiros*. (18 de julho de 2015).
Obtido de Guimarães Digital - Notícias (Cultura):
<http://www.guimaraesdigital.com/noticias/60782/recriacao-historica-da-idade-do-ferro-na-citania-de-briteiros>
- Recriação histórica explicativa do museu da Cultura Castreja inserida no programa Citânia Viva que decorreu na Citânia de Briteiros*. (1 de agosto de 2015).
Obtido de Jornal de Notícias - As melhores imagens do mês de julho:
http://www.jn.pt/multimedia/galeria.aspx?content_id=4710710
- Recriação Histórica na Citânia de Briteiros*. (1 de julho de 2015). Obtido de Direção Regional de Cultura do Norte - Notícias:
<http://www.culturanorte.pt/pt/noticias/recriacao-historica-na-citania-de-briteiros/>
- Reis, F. (2011). *Como Elaborar uma Dissertação de Mestrado, segundo Bolonha*. Lisboa: Lidel- edições técnicas, Lda.
- Santos, N. & Reis, R. (2012). As recriações históricas - perspetivas e potencialidades. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 177- 178.
- Silva, A. (1983). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal: Habitat e Cronologias. Separata da revista Portugália, nova série, vol. IV/V (Atas do Colóquio Interuniversitário de Arqueologia do Noroeste)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Silva, A. (1999). A Cultura Castreja no Norte de Portugal. *Revista de Guimarães. Volume I*, 111-132.
- Silva, A. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira (reedição).
- Silva, G. & Franco, F. (2002). *Cultura e Identidade Regional - (Re) encontros com a Tradição e a Memória (II - Rezas e crendices populares em Sobral de S. Miguel)*. Torres Novas: Centro de Formação da Associação de Escolas do Concelho da Covilhã. 1ª Edição.
- Sociedade Musical de Guimarães*. (6 de janeiro de 2015). Obtido de Apresentação:
<http://www.smguimaraes.pt/>

- Sousa, M. & Baptista, C. (2013). *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios, segundo Bolonha*. Lisboa: Lidel - edições técnicas, Lda.
- Stake, R. (2012). *A Arte da Investigação com estudos de caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 3ª Edição.
- Theatro Club*. (26 de dezembro de 2014). Obtido de História/Atividades:
<http://www.theatroclub.com/>
- Tin.Bra*. (27 de dezembro de 2014). Obtido de Grupo de Teatro Infantil de Braga:
<http://tinbra.no.sapo.pt/>
- Yin, R. (1993). *Applications of case study research*. Beverly Hills: CA: Sage Publishing.
- Yin, R. (2005). *Estudo de caso: planeamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

ANEXOS

Anexo 1 – Cartazes da Recriação Histórica Citânia Viva ao longo dos anos.

CITÂNIA VIVA

Recriação histórica na Citânia de Briteiros

23 de Julho - S. Salvador de Briteiros - Guimarães

PROGRAMA

- 9h - Abertura da Citânia
- 11h - "Concelho de Anciãos"
- 15h - Encontro de comunidades e exercícios de treino dos guerreiros
- 16h - Reconstituição de ritual fúnebre
- 19h - Encerramento

Ao longo do dia terá lugar a reconstituição da vida doméstica, serviço de "almoço castrejo" e animação musical

Organização:  

Patrocínio:  Câmara Municipal de Guimarães

Apoio:   





Citânia Viva

citânia de briteiros

11h00
Museu Vivo:
mundo mágico castrejo
mundo castreja castreja

15h30
Mitologias:
sessão de poesia
recepção da citânia

16h00
parada festiva · mercado
recepção da citânia alco da citânia

22h00
“Discórdia dos Deuses,”
alco da citânia

23h00
Pira Cerimonial
alco da citânia

Música · Dança
Construção de Casa Castreja
Jantar Castrejo · Artesãos · Rituais
Animação constante em vários espaços...

Recriação Histórica

18 Julho 2015

entrada gratuita



apoio



Informações e
Programa Completo:
[/citaniaviva](#)
[citaniaviva.com](#)

Anexo 2 - Guia de Encenação da Citânia Viva 2015.

CITANIA VIVA 2015

Dramaturgia de
Bruno Laborinho

VERSAO ATUALIZADA COM ALTERACOES NO CONSELHO DE ANCIÃOS (Sai
Caturro)

(c) vl.16072015, Povia
Lanhoso, PT

brunolaborinho@citaniaviva.com

PARTE I: MUSEU VIVO

Quadro I

Os Convidados aproximam-se da porta do rés-do-chão do Museu da Cultura Castreja, para encontrar AVCA, uma anciã sentada sobre um fardo de palha, apoiada por um braço sobre um bastão e respirando com esforço. Denota-se a idade.

AVCA aguarda que o público se agrupe frente a ela. Depois levanta o braço, de mão aberta, fazendo sinal para se instalar o silêncio.

ANCIÃ AVCA

Já tardam. Belenos já vai quase a meio da sua viagem, lá no alto, e a nossa grande cidade prepara-se para receber os nossos guerreiros que foram lutar em terras a sul.

Avca levanta-se.

ANCIÃ AVCA

Mas venham, entrai.

Avca entra e lidera os convidados atrás.

Lá, num edício iluminado em azul, é esperada por LVMIA, AZVLVII e ALVCQVIVS, de lucernas acenas.

ALVCQVIVS, com uma lucerna a mais, entrega a excedente a AVCA. Então os quatro espalham-se e, cada um, desloca-se para a sua peça iluminada de verde.

AVCA lidera o grupo e desloca-se primeiro à Pedra Formosa.

ANCIÃ AVCA

Aquilo que vos conto agora é do mais precioso para nós castrejos Bracaríi, esta pedra, que vós chamaís de Pedra Formosa, é parte do nosso precioso balneário que existe no lado Este da nossa cidade. Esta parede divide o nosso balneário e quem passa por este pequeno buraco entra para um mundo de prestígio e honra junto dos deuses! Entram por aqui e lá dentro está uma sala quente, cheia de vapores abençoados, dádivas divinas da pedras da terra que, após aquecidas, fazemos com que entrem em contacto com a água da vida para produzirem o vapor que nossos jovens guerreiros inalam para se iniciarem numa vida de batalha e poderem, honrosamente, defender a nossa gloriosa cidade! Se vocês fossem da nossa tribo, poderiam entrar! Preparavam-se no átrio e,

(CONTINUA)

(CONTINUA)

ANCIÃ AVCA (Continuado)

após tirarem as vossas vestes, untar-se-iam com óleo, entravam na antecamera, passavam por aqui debaixo e ficariam lá dentro a expelir todos os males da vossa alma até ficarem puros! Os rituais que acontecem lá dentro não vos posso contar, só quem entra os pode conhecer. Depois vocês voltariam a sair, banhar-se-iam em água fria, colocavam novamente os nossos preciosos óleos e sentar-se-iam na zona tépida da antecamera, descansando e meditando. Só então estariam iniciados como verdadeiros guerreiros Bracarii! Esta pedra é muito importante para nós! Por isso a fazemos grande e bonita, tão grande que são precisos imensos dos nossos fortes homens para a carregar!

Avca toma uma pausa de tanto entusiasmo e volta a concentrar-se.

ANCIÃ AVCA

Mas vamos, Lúmia tem algo para vos dizer agora.

Avca lidera o grupo até ao sítio onde se encontra LVMIA.

Porém, no processo, passa por ALVQVIVS que a detém,

ALVQVIVS

Anciã!

Avca detém-se, sem se virar para Aluquius.

ALVQVIVS

Espera por favor! Mostra-lhes o meu vaso! Vocês têm de saber do meu vaso!

Avca não se mexe.

ANCIÃ AVCA

O teu vaso é igual a tantos outros Aluquius. Deixa-me continuar!

ALVQVIVS

Não! O meu vaso é o mais belo da Grande Cidade do Monte Sagrado! Diz-lhes!

Avca desiste e aceita.

ANCIÃ AVCA

Meus amigos. Este é Aluquius, possuído pela ganância das coisas da terra, marca tudo o que é seu! Mesmo aquilo que não tem beleza nenhuma!

ALVQVIVS

Mentes! O meu vaso pode não ter decoração mas é parecido a outros que a cidade tem, que são decorados com arrecadas em ouro! Mas o meu também é belo! Por isso o marquei para não confundirem! É meu! É meu! É para os meus rituais! E é meu! Escrevi 'AL'VCQVI nele. "De Alúquius". É meu!

LVMIA ouve a exaltação e interrompe, ao de longe.

LVMIA

De rituais falo eu Alúquius. Silencia! Avca, venerável Anciã, traz os teus convidados até mim.

Avca move então as gentes até ao ponto de Lúmia.

ANCIÃ AVCA

Fala Lúmia.

LVMIA

Comigo, a cabeça de um varrão. Há quem lhes chame de varrascos, berrões ou javardos... Mas os deuses dizem-me que vocês os chamam de porcos. As tribos mais a leste, os Vetões, adoram venerar este animal, mas ele para nós também é muito importante! Representam os nossos porcos selvagens ou os javalis, animais que rondam as florestas do nosso monte e são o sustento alimentar de nós Bracarí e da nossa grande cidade! Mas este aqui, que vos mostro, é um porco doméstico. Não sei quem foi a pobre alma da nossa cidade que o perdeu!... Esta cabeça faz parte de uma estátua do animal completo e é uma das nossas divindades, um dos deuses a quem nós oramos para obter benção. Provavelmente o nosso irmão Bracarí, esteja a fazer uma estátua nova e deitou esta fora... Mas eu encontrei-a! E trouxe-a aqui para vocês a admirarem! Vejam!

ANCIÃ AVCA

Temos de nos apressar Lúmia! Os nossos convidados têm de se ir alimentar para estarem na nossa Cidade a tempo de receberem os guerreiros que chegam do Sul!

LVMIA

Claro Anciã! Terminei! Deixo-a partir!

ANCIÃ AVCA

Vamos! Tenho uma última surpresa guardada para vós!

Avca lidera os convidados para o último local onde se encontra Azului.

(CONTINUA)

AZVLVII

Óóó!... Sim, vocês são um povo muito aromático! Venham!
Trá-los mais perto Lumia!

LVMIA

Não se deixem enganar por Azului. Pode ter ficado sem
olhos, mas vê melhor que nunca!

AZVLVII

Pormenores Lumia. Pormenores. Meu povo, se hoje aqui
viestes para olharem com admiração outros costumes e e
o nosso glorioso clã, então usem essas pérolas - os
vossos olhos - e observai!

Aponta com orgulho para o objeto.

AZVLVII

É uma prisão de gado! Sim!! É um objeto parcialmente
embutido numa parede, com a saliência em forma de
argola, usada para prender as amarras dos nossos
animais domésticos. E nós, os grande Bracarii da Cidade
do Monte Sagrado gostamos de decorar imenso os nossos
objetos, sejam eles quais forem... Por isso vêm estas
decorações aqui também. Agora quem quer o segredo da
eterna juventude? Levantai as mãos, mostrai-me 20
pedras de sol e será vosso o segredo que todos
querem...

ANCIÃ AVCA

Azuluii!

AZVLVII

Bem, talvez depois, quando a Deusa da Escuridão banhar
a Cidade, lá em cima, vocês venham à minha procura...
Mas, nada virá de mim por menos de 20 pedras de sol...
A juventude tem um custo...

*Azuluii afasta-se para as sombras e desaparece.
Anciã toma novamente a liderança.*

ANCIÃ AVCA

Venham por aqui. Vamos subir! Por aqui... Subam! Subam!

*Avca manda que todos subam, mas fica-se para trás.
Nenhum personagem segue para cima.*

*No andar superior do Museu, alguém, vestido
contemporâneamente recebe as pessoas e guia-as
para a zona onde se exhibe um filme. Ninguém
regressa ao andar inferior.*

CONTINUADO:

5.

Terminado o filme, é entregue folhetes informativos sobre as peças descritas, com todas as informações detalhadas e feito um convite para visitarem todo o resto do espólio numa data posterior.

PARTE II: CITANIA VIVAQuadro I: Os Sete Guerreiros doMonte Sagrado

MIRA

Meus convidados, os deuses agradecem a vossa presença. Esperamos que as palavras que agora vos apresentamos vos iluminem para o dia que se adivinha. Por ora, ouçam.

À zona onde até então se encontram os visitantes chega um conjunto de sete guerreiros.

Sujos e cansados. Trazem consigo despojos de batalha. Na liderança, aclamado como herói Aldur apressa-se, orgulhoso, a levar todos os visitantes para a entrada da Cidade, onde já se encontram alguns habitantes.

Mais acima, o chefe da Cidade, CAMALUS, atenta à chegada das gentes e do seu valioso herói e desce para o ouvir.

Os habitantes das redondezas também se aproximam.

Um menino ???? apressa-se a subir a rua, aos gritos, em entusiasmo, anunciado a chegada de Aldur.

Quando todos se acalmam e atentam em redor do herói este fala...

ALDUR

Meus olhos alegam-se ao ver a minha cidade tão viva... Sois povo estranho, mas se estais aqui é porque as nossas gentes vos quiseram aqui. Sois por ora bem-vindos! Comereis e bebeis, tudo decerto do vosso agrado, mas saibam, primeiro, das notícias que carrego ao meu ombro.

Aldur deixa cair, com esforço, um saco pesado, manchado com o que parece ser sangue.

Camalus aproxima-se para observar dentro do saco. O que vê deixa-o orgulhoso. Observa os seus sete soldados, uma a um, nos olhos, mas cumprimenta em particular o herói, com um gesto que só os guerreiros dessa tribo conhecem.

ALDUR

Faz hoje muitas luas que eu e os meus valorosos guerreiros travámos uma batalha contra uma ameaça estranha. E vencemos!!

Celebração geral entre todos os habitantes.

ALDUR

Foi a uma grande distância daqui, nas terras mais a sul onde o Sol queima e os clãs pintam-se com outras cores. Lutámos ao lado das tribos Lusitanas, contra um guerreiro que queria tudo quanto o olho poderia alcançar... Dizia-se Lúcio, Romano, um guerreiro admirado pelo seu estranho povo, que vestia a cor do sangue e queria matar tudo e todos, desde as águas mais a Sul, às águas mais a Norte e tomar para ele a nossa gloriosa cidade! Mas a Glória da Grande Cidade do Monte Sagrado prevaleceu e nós fomos mais fortes! Os Deuses sorriram!

Festa. As mulheres beijam os guerreiros.

Quadro II: Parada Festiva- A Grande

Cidade Acorda

Camalus dá abertura à parada.

CAMALUS

Meu povo! Recebamos bem os nossos bravos guerreiros, recebamos bem os nossos estranhos convidados e forneçam tudo quanto Aldur, Herói da Cidade do Monte Sagrado, desejar! Música! Subamos em festa até à Porta do Alto da Cidade onde celebraremos até a Lua estar bem alta! Vamos!

Camalus e Aldur lideram a parada que sobe.

Logo atrás um grupo de percussão cria ritmos festivos, tribais.

O povo mistura-se entre convidados. Sobem.

Alguns habitantes, que ainda estavam nos seus sítios, dançam e festejam, acenam e batem palmas. Depois também se juntam à parada.

A parada vai subindo devagar.

Quando chega aos Portões do Alto da Cidade pára.

Os tambores silenciam.

Silêncio.

Ali, no alto, frente a toda a população presente, dois guerreiros aproximam-se. Cada um deles toca um corno, em simultâneo.

Camalus intervém enquanto que todo o povo passa os portões para a porte superior da Cidade.

CAMALUS

Meus visitantes, sois bem vindos à nossa gloriosa Cidade! Nem esses tais Romanos nem tão pouco muitas tribos de terras vizinhas tiveram este privilégio de entrar no coração da nossa estimada cidade. Podeis comprar! Comer! Beber! Podeis até participar nos nossos rituais e nas nossas atividades! Peço-vos apenas que respeitem os nossos costumes e as nossas gentes. Somos dóceis, mas também guerreiros protetores daquilo que é nosso. Entrai!

O Grupo de Percussão continua e toca até chegar ao topo.

Os visitantes entram e também continuam a subida até ao topo da Cidade.

No processo são guiados por mais Brácaros, donas de casa, guerreiros... Que lhes indicam o caminho. Uns estranham. Uns falam. Uns fogem. Outros continuam os seus afazeres.

Os visitantes atravessam pelo coração das atividades diárias da Cidade até ao ponto mais alto onde existe o Mercado, Comes e Bebes, uma casa a ser construída e as demais atividades do dia-a-dia.

Estando todos no topo, povo e visitantes o Grupo de Percussão cessa de tocar e retira-se.

Quadro III: Cortejo Votivo

Inesperadamente, saindo de uma das ruas mais afastadas da Cidade, aproxima-se um cortejo cerimonial. Transportando consigo uma estátua de um deus, toda a população da Cidade entoia um cântico grave. As mulheres espalham água, os guerreiros exibem as armas e cobrem-se com as melhores peles, outros carregam taças com chamas.

A chegada do Cortejo à Praça Principal da Cidade interrompe o Mercado. O silêncio impera.

O Cortejo prossegue até à Casa do Conselho, pautado por uma percussão pausada.

O Cortejo chega perto da Casa do Conselho. Ali perto uma rocha ergue-se em destaque e nela o Povo monta o altar ao seu Deus.

Depois a ANCIÃ prossegue:

ANCIÃ AVCA

Por Nábia, Berobreo, Edóvio e Véstio! Pelo honroso Deus que nos fornece a Luz do Dia e pela Deusa da Noite, hoje honramos todos Matrea, Deusa-Mãe para que nos conceda paz, equilíbrio, comida nas nossas mãos e o correr constante do nosso rio Avus. Agradecemos o regresso dos nossos guerreiros e a elevação de Aldur a herói. A nós, Bracarii, a tua força, Deusa-Mãe, para lutar contra os nossos inimigos e que a Gloriosa Grande Cidade do Monte Sagrado se mantenha invicta!

Os tambores tocam.

As mulheres tiram as flores das suas cabeças e deitam na estátua do deus.

Os homens desenhavam em tinta, símbolos diversos na pedra, em redor da estátua.

ANCIÃO CORONERUS

O Ancião chama-vos para vos reunirdes no Circulo Mágico na Casa do Conselho!

CAMALUS

Os Heróis da Batalha das terras dos Lusitanos são bem-vindos, assim como todos os guerreiros da cidade! A todos vós homens convidados aqui presentes, podereis entrar e partilhar do vinho da sabedoria. Todos os outros que não conseguirem ou não puderem entrar, são convidados a assistir.

QUADRO IV: CASA DO CONSELHO

Todos os Guerreiros e homens mais velhos entram primeiro na Casa do Conselho. O Ancião vai convidando depois mais homens, apenas homens, os mais velhos, os que parecerem mais sábios, até o Circulo estar completo.

Todos os outros habitantes ajustam-se em redor da Casa. Todos os visitantes se organizam da mesma forma.

Lá dentro, ao centro um caldeirão repleto de vinho e um corno. O Ancião segue em encher o corno e servir aos Guerreiros que bebem um gole apenas e passam ao próximo. Terminado o vinho, volta-se a encher e continua o processo.

ANCIÃ AVCA

Um gole! Um gole apenas é quanto baste para ficarem oficialmente unidos no Circulo Mágico do Conselho e unos, como um só, seremos capazes de chegar ao entendimento.

Terminado o círculo, inicia-se a discussão dos temas importantes.

ANCIÃO CORONERUS

Comecemos!

CAMALUS

O Guerreiro Caturu informou-me que o Praetor Romano Lúcio já está a movimentar os seus guerreiros novamente. Procura vingança. Os nossos aliados Lusitanos enviaram, poucas luas depois de vós guerreiros terdes iniciado a vossa viagem de regresso, um cavaleiro, tal era a urgência da notícia: Lucio Paulo Macedônico está a dias de voltar a atacar as suas terras com novos soldados. Dizem que são tantos que é impossível contá-los. Dizem que é tão grande que o olhar os perde de vista. E vêm para conquistar todas as terras até ao mar mais a norte.

CAMALUS

Estamos então na mira desse Lúcio.

ALDUR

As Tribos Lusitanas voltam a pedir aliados. Deveremos dar-lhes tantos quanto possível. De todas as tribos da Ibéria!

Dá-se uma discussão geral entre todos para decidir a melhor abordagem.

Entretanto conclui-se.

ANCIÃO

Está decidido: mandem os nossos melhores guerreiros treinarem!

CAMALUS

Aldur regressará com eles como o nosso melhor guerreiro. Acrescento mais. Meus olhos não podem ficar indiferentes ao que Aldur tem feito pela nossa Cidade. A fraqueza apodera-se do meu corpo e em breve juntar-me-ei aos meus antepassados... Já não posso mais contribuir para as Glórias do Campo de Batalha.... Se Aldur regressar em Glória mais uma vez, queiram os Deuses que ele seja o novo Chefe da Cidade do Monte Sagrado!

Todos batem com as suas armas nos escudos e, juntos ecoam um grito de concordância.

ANCIÃ AVCA

Assim seja! Agora comereis e bebeis! Todos! Vamos celebrar a vitória e a nossa prosperidade!

CAMALUS

Mulheres! Sirvam a comida na Praça da Cidade! Meu Povo e Convidados, vamos todos banquetear com o que de melhor a nossa cidade oferece! Sabereis como sabem festejar e comer os Bracarii da Cidade do Monte Sagrado! Vamos!

Dá-se ordem de saída. Todos se movimentam de novo para a Praça da Cidade.

QUADRO V: JANTAR

Quando todos os Convidados estão sentados e a comida a começar ser servida, Camalus, cada vez mais doente, faz um discurso introdutório da sua mesa.

CAMALUS

Meus Convidados! Hoje jantam com heróis! Sintam-se honrados e glorificados tal como nós, povo desta magnífica cidade somos! Preservem a memória das nossas gentes e espalhem a palavra que ninguém poderá alguma vez derrotar a nossa vontade, silenciar a nossa força ou sossegar as nossas espadas! Um brinde à nossa força!

Todos brindam!

Camalus começa a piorar.

CAMALUS

Agora comam e espero que tudo esteja do vosso agrado. Irei retirar-me um pouco. Peço o vosso perdão. Por favor, continuem...

Camalus sai, ajudado por Aeburina. Os habitantes da cidade mostram-se preocupados e comentam.

Mais tarde já no final do jantar todos os Guerreiros preparados e pintados apresentam-se a todos os que jantam. Aldur toma a liderança.

ALDUR

Bracarii! Honrosos convidados! Por triste destino Camalus acaba de nos deixar. Foi consumido por uma estranha e rápida condição que lhe consumiu o corpo. Queremos comunicar que hoje, quando a lua estiver mais

(CONTINUA)

ALDUR (Continuado)

alta, depois do espetáculo da noite que vos preparamos, iremos realizar a cerimónia de despedida de Camalus durante a Pira Cerimonial onde então eu serei nomeado novo chefe desta Citânia. Será honroso de todos vós que se mantenham até ao fim dessa Cerimónia. Depois podeis retirar-vos para as vossas terras, vossas casas e vossas famílias.

ANCIÃ AVCA

Depois da Cerimónia da Pira os nossos bravos guerreiros partirão novamente para o Sul, para se unirem às tribos Lusitanas em novo combate contra esse povo Romano. Por agora, para honrar o nosso valoroso chefe Camalus na sua viagem aos Deuses, ordeno que cessem todas as atividades! O Jantar também! Os convidados que se dirijam para verem o espetáculo que preparámos para vós e, logo depois, a Cerimónia de despedida. Esperamos que apreciem.

Aldur e Avca retiram-se. Os guerreiros acompanham.

QUADRO VI: PIRA CERIMONIAL

Imediatamente a seguir ao espetáculo as luzes caem... No silêncio, uma longa procissão que emite sons guturais, sai de trás de uma colina.

Na frente, Camalus em cima de uma padiola, morto. Logo atrás Avca, depois Aldur, depois Coronero, os Guerreiros, as Feiticeiras, os Soldados da Citânia, Homens da Citânia, Mulheres da Citânia e Crianças.

Aproximam-se do local da pira. Pousam Camalus, iniciam o ritual de queima do corpo, fazem o seu luto e depois nomeiam Aldur novo chefe.

Terminado o processo todos saem, ficando apenas Aldur sozinho que, após um momento de oração, também ele sai.

FIM

Anexo 3 – Algumas Formas de Divulgação da Recriação Histórica Citânia Viva:

Crónica no Jornal Aurora do Lima; Citânia Viva Facebook; Rádio Fundação.



Crónica
de
Isabel
Jantarada*

A Cultura de um povo transformada em Arte

"CITÂNIA VIVA" em Briteiros

A 77 km de Viana do Castelo, fica a Citânia de Briteiros, um dos mais ilustres e mais visitados sítios arqueológicos do território português. Pertence a um concelho cujo centro histórico está classificado como Património da Humanidade – Guimarães, e encontra-se próxima aos Santuários do Bom Jesus e do Sameiro, em Braga. É um local de grande riqueza arqueológica

que contém testemunhos sobre a vivência dos povos pré-romanos que habitaram a região, conhecidos como "Brácaros", bem como dos primeiros tempos do período romano. Os vestígios estiveram, durante anos, escondidos por debaixo das colinas de S. Salvador de Briteiros.

Atualmente, no seguimento do que vem sendo praticado há alguns anos noutros países da Europa tem-se assistido a um vetor de dinamização cultural levado a cabo em muitos locais históricos portugueses. É nesse sentido que surge a iniciativa "Citânia Viva" que pretende ser a reconstituição aproximada de um cenário do dia-a-dia do final da Idade do Ferro, mostrando alguns quadros da vida política, militar e cultural das comunidades. Nesta recriação histórica da Citânia de Briteiros, os visitantes são convidados a circular pela rua principal da acrópole, onde várias famílias (maioritariamente da comunidade local atual)

habitam, novamente, as antigas casas circulares e outros compartimentos, bem como os pátios onde decorria parte da vida familiar. Poderão assistir, por exemplo, à reunião magna do conselho dos notáveis do povoado, espécie de senado; às cerimónias de iniciação de novos guerreiros e treinos militares; aos rituais de encomendação dos habitantes defuntos, que incluíam um cortejo e um conjunto de celebrações. Tal como há 2000 anos, os visitantes são integrados num ambiente animado, enquanto os problemas do dia-a-dia são discutidos pelos Brácaros sentados em círculo.

A "Citânia Viva" surge num momento em que a importância da cultura está cada vez mais definida, baseada nas premissas de que cada iniciativa tem uma dignidade e um valor que deve ser respeitado e protegido. A cultura é encarada como um fator de coesão e desenvolvimento, enfatizando-se o papel da cooperação e do intercâmbio

cultural a nível regional. Qualquer projeto de animação e divulgação cultural, como a recriação comunitária "Citânia Viva", permite ao povo proteger o seu património e desenvolver a sua própria atividade cultural. É também nesse sentido, que as tradições são um fator de desenvolvimento local, aliando assim uma potencialidade de oferta turística de forma sustentável na região. A herança cultural e história que aqui se trata, reflete a cultura resultante da permanência dos inúmeros povos que se estabeleceram na região, sendo, assim, uma expressão de identidade local que vai, de alguma forma, sofrendo alterações com o decorrer dos tempos.

Através deste evento, somos convidados a viver experiências da Idade do Ferro. O envolvimento paisagístico, os cheiros, as ruas de pedra e a comida transportam-nos para um tempo em que eram privilegiados os trabalhos agrícolas, o barro, o ferro, os teares e acima

de tudo as relações humanas, com destaque para os anciãos, figuras principais na sociedade castreja. Participando neste evento, podemos enriquecer o nosso património cultural e refletir sobre as mudanças que ocorreram nas nossas sociedades, nomeadamente os lugares que ocupam os anciãos, as transformações que se operam nos nossos hábitos alimentares e, em geral, na nossa forma de estar no mundo.

A "Citânia Viva" é uma iniciativa da Casa do Povo de Briteiros, que conta com o apoio da Sociedade de Martins Sarmento e dos Municípios de Guimarães e de Póvoa de Lanhoso. Este ano a "Citânia Viva" realizar-se-á na tarde do dia 18 de julho. Todos estão convidados a assistir a este espetáculo de grande relevância cultural.

* Mestranda do Curso de Gestão Artística e Cultural, Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, IPVC



Gazeta do Rossio; Rádio Notícias: TSF; Blogue NE25ABRIL; Direção Regional de Cultura do Norte; Guimarães TV; Guimarães Digital; Rádio Braga; Rádio de Braga: Antena Minho; Município de Guimarães.



Jornal: Reflexo Digital; Blogue: UrgeCultura; Jornal de Notícias; Jornal de Braga: Diário do Minho.

Blogue: UrgeCultura. Artigo: Citânia Viva. Data: 22/08/2015. O artigo descreve a importância da Citânia de Briteiros e o projeto de recriação histórica.

Blogue: UrgeCultura. Artigo: Citânia Viva faz reviver modos de vida do tempo da Idade do Ferro. Data: 22/08/2015. O artigo detalha as atividades realizadas no âmbito do projeto.

Blogue: UrgeCultura. Artigo: Citânia Viva. Data: 22/08/2015. O artigo apresenta uma visão geral do projeto e da importância do sítio arqueológico.

Jornal de Notícias. Artigo: Viagem ao tempo dos brácaros. Data: 22/08/2015. O artigo relata a experiência de visitar o Museu da Cultura Castreja e o projeto de recriação histórica.

Jornal de Notícias. Artigo: Citânia de Briteiros vai recriar quotidiano da idade do ferro. Data: 22/08/2015. O artigo descreve o projeto de recriação histórica e o papel do Museu da Cultura Castreja.

Jornal de Notícias. Artigo: Recriação histórica explicativa do Museu da Cultura Castreja inserida no programa Citânia Viva que decorreu na Citânia de Briteiros. Data: 22/08/2015. O artigo destaca a importância da recriação histórica para a compreensão do passado.

Anexo 4 – Programação da Citânia Viva 2015/Desdobrável.



PROGRAMAÇÃO

11h00 13h00	MUSEU VIVO: O MUNDO MÁGICO CASTREJO <i>Local: Museu da Cultura Castreja</i>
15h30 16h15	MITOLOGIAS: SESSÃO DE POESIA <i>com "Clube de Poetas de Selho"</i> <i>Local: Recepção da Citânia de Briteiros</i>
16h15 16h30	CHEGADA DOS GUERREIROS <i>Momento de Teatro</i> <i>Local: Entrada na Citânia de Briteiros</i>
16h30 17h00	PARADA FESTIVA: A GRANDE CIDADE ACORDA <i>Parada com percussão com "Os Musiké"</i> 16h30 - Subida da Rua Principal em Celebração 16h45 - Abertura dos Portões no Alto da Cidade 17h00 - Chegada à Praça do Alto da Cidade
17h00	MERCADO CASTREJO NO ALTO DA CIDADE <i>Momentos de Teatro e Recreação e Mercado com várias Associações e Artesãos em Permanência.</i> <i>Local: Alto da Citânia</i>
17h00	CONSTRUÇÃO DE CASA CASTREJA <i>Atividade Lúdica participativa – Em Permanência</i> <i>Local: Alto da Citânia</i>
17h00	TERRACOTA <i>Companhia de Teatro "Tin.Bra" – Em Permanência e Ambulante</i> <i>Local: Alto da Citânia</i>
18h00	PERCUSSÃO NA PRAÇA DO ALTO DA CIDADE <i>Grupo de Percussão "Dez"</i> <i>Local: Alto da Citânia</i>
18h30	CORTEJO VOTIVO: RITUAL A MATREA <i>Ritual Castrejo, incluindo o Grupo de Percussão "Dez"</i> <i>Local: Início no Alto da Citânia até à Casa do Conselho</i> 18h50 - Ritual a Matrea 19h10 - Anúncio do Conselho dos Notáveis



19h15 CONSELHO NOTÁVEL NA CASA DO CONSELHO

Momento de Teatro

Local: Casa do Conselho

19h15 - Anúncio da Retaliação de Lúcio e Decisões Diplomáticas

19h25 - Ritual de Vitória

Incluindo Grupo de Percussão "Dez"

19h30 - Ordem para Início dos Treinos e Preparação de Jantar

19h45 JANTAR CASTREJO

Local: Alto da Citânia

19h45 - Honras aos Convidados

Momento de Teatro: abertura com Grupo de Percussão "Dez"

20h15 - Performances de Fogo

Juntamente com Grupo de Percussão "Dez"

Local: Alto da Citânia

20h50 - Espetáculo de Dança

"Era Uma Vez" – Escola de Artes Performativas

Local: Alto da Citânia

21h30 - Apresentação de Guerreiros para Guerra

21h30 - Término da apresentação *Terracota*

21h30 - Término da Construção da Casa Castreja

22h00 DISCÓRDIA DOS DEUSES

Espectáculo de Teatro apresentado pela Companhia "Tin.Bra"

Local: zona da Casa do Conselho

23h00 PIRA CERIMONIAL À PROSPERIDADE

Ritual Castrejo com todos os Artistas, acompanhado de Gaita de Foles.

Local: zona da Casa do Conselho

23h30 - Encerramento

Desdobrável

Contexto Histórico

190 A.C.

A que se refere esta a história.

No sul da Península, a Córduba, um povoado em uma zona elevada de Eborac. Esta estrutura passa a ser conhecida por todos os romanos.

Na Lusitânia, o primeiro grande conflito. Numa grande batalha, entre cartagineses e romanos, o general Lucius Cornelius Scipio derrotou os cartagineses e os cartagineses foram expulsos da Lusitânia. A partir daí, os romanos passaram a controlar a Lusitânia e a Lusitânia passou a ser conhecida por todos os romanos.

Os romanos da Lusitânia, liderados pelo general Scipio, derrotaram os cartagineses e os cartagineses foram expulsos da Lusitânia. A partir daí, os romanos passaram a controlar a Lusitânia e a Lusitânia passou a ser conhecida por todos os romanos.

Museu Vivo

1. PIRAMIDE FORMOSA

Esta pirâmide foi construída em 190 A.C. e é a única pirâmide que sobreviveu até hoje. Ela é feita de pedra e tem uma altura de 10 metros. Ela é considerada uma das maravilhas do mundo antigo.

2. CASA DO CONSELHO

Esta casa foi construída em 190 A.C. e é a única casa que sobreviveu até hoje. Ela é feita de pedra e tem uma altura de 10 metros. Ela é considerada uma das maravilhas do mundo antigo.

3. JANTAR CASTREJO

Este jantar foi servido em 190 A.C. e é o único jantar que sobreviveu até hoje. Ele é feito de carne e tem uma altura de 10 metros. Ele é considerado uma das maravilhas do mundo antigo.

4. CORREJO VORIVO

Este correjo foi servido em 190 A.C. e é o único correjo que sobreviveu até hoje. Ele é feito de carne e tem uma altura de 10 metros. Ele é considerado uma das maravilhas do mundo antigo.

Programa

Recue até 190 A.C. Uma cultura mágica. Um sítio idílico.

Museu Vivo: Museu Clássico

Atividade: Sessão de Cinema

Chegada dos Guerreiros

Parada Festiva: Casa da Cidade

Descanso no Alto da Cidade

Correjo Vorivo: Casa do Conselho

Jantar Castrejo: Casa do Conselho

A Discórdia dos Deuses

Pira Cerimonial

Gratânia Viva

Recriação Histórica 18 julho 2015

Música • Dança • Jantar Castrejo • Correjo • Ritmo • Animação • Atividades • Entrada gratuita

Atividades Disponíveis

Construção de Casa Castreja

Esta atividade é para quem quer construir a sua própria casa castreja. Ela é feita de pedra e tem uma altura de 10 metros. Ela é considerada uma das maravilhas do mundo antigo.

Correjo Vorivo

Este correjo foi servido em 190 A.C. e é o único correjo que sobreviveu até hoje. Ele é feito de carne e tem uma altura de 10 metros. Ele é considerado uma das maravilhas do mundo antigo.

Jantar Castrejo

Este jantar foi servido em 190 A.C. e é o único jantar que sobreviveu até hoje. Ele é feito de carne e tem uma altura de 10 metros. Ele é considerado uma das maravilhas do mundo antigo.

Casa do Conselho

Esta casa foi construída em 190 A.C. e é a única casa que sobreviveu até hoje. Ela é feita de pedra e tem uma altura de 10 metros. Ela é considerada uma das maravilhas do mundo antigo.

"A Discórdia dos Deuses"

O povo lusitano acreditava em muitos deuses. Eles eram conhecidos como os deuses lusitanos. Eles eram considerados os deuses mais poderosos do mundo antigo.

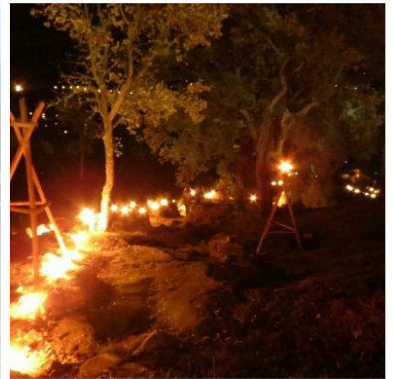
A Pira Cerimonial

Esta pira foi construída em 190 A.C. e é a única pira que sobreviveu até hoje. Ela é feita de pedra e tem uma altura de 10 metros. Ela é considerada uma das maravilhas do mundo antigo.

Anexo 5 – Fotografias da Citânia Viva 2015 (Autoras: Isabel Jantarada, Cristina Pacheco e Fernanda Pinheiro)









Anexo 6 – Relatório das Atividades realizadas na Citânia Viva 2015.



Citânia Viva 2015

Recriação histórica na Citânia de Briteiros, Guimarães

Relatório de atividades realizadas

Programa de Apoio aos Agentes Culturais 2015

Casa do Povo de Briteiros, IPSS

Rua Francisco Martins Sarmiento

4805 448 Briteiros Salvador, Guimarães

Tel. 253 576 602

Email: casadopovo.briteiros@gmail.com



I. Síntese da execução do projeto

O evento de animação da Citânia de Briteiros, denominado *Citânia Viva*, é um conjunto de iniciativas enquadráveis em áreas distintas (teatro, música, dança e artesanato), que encerram um todo apresentado como um evento de recriação histórica e animação sociocultural.

A realização do evento foi prevista para o dia 4 de Julho, data marcada aquando do envio do pedido para o Programa de Apoio aos Agentes Culturais. Entretanto, a necessidade de articular a calendarização deste evento com outras iniciativas locais, bem como de dispor de um maior período de tempo para proceder à preparação dos figurantes, adiaram a realização do evento para o dia 18 de Julho. As atividades tiveram lugar apenas num dia, durante a tarde e a noite, conforme o que estava previsto, tendo-se realizado, no mesmo dia, da parte da manhã, uma atividade complementar no Museu da Cultura Castreja.

O evento foi organizado pela Casa do Povo de Briteiros, que assumiu todos os aspetos logísticos, financeiros e de programação, com a estreita colaboração da Sociedade Martins Sarmento, responsável pela gestão do espaço da Citânia, que acompanhou os aspetos científicos. Além do apoio monetário recebido através do Programa de Apoio aos Agentes Culturais, o evento *Citânia Viva* contou com o apoio financeiro e logístico do Município de Guimarães, bem como apoio logístico do Município da Póvoa de Lanhoso, que havia já colaborado na edição de 2014 e ainda da Junta da União das Freguesias de Briteiros S. Salvador e Santa Leocádia.

A nível da preparação das atividades, a produção do evento foi da responsabilidade de Daniela Cardoso, e a dramaturgia foi coordenada por Bruno Laborinho, à exceção do espetáculo "A Discórdia dos Deuses", da responsabilidade da Companhia de Teatro Tin.Bra.

A execução das atividades contou com recursos humanos afetos às instituições organizadoras, nomeadamente funcionários e membros da Direção da Casa do Povo de Briteiros, funcionários e membros da Direção da Sociedade Martins Sarmento, e colaboradores voluntários em geral. O evento contou também com a participação, voluntária ou contratualizada, de várias instituições, nomeadamente:

- Grupo de Teatro "A Citânia", Associação Juvenil;
- Companhia de Teatro Tin.Bra;
- Clube de Poetas de Selho;
- Corpo Nacional de Escutas, Agrupamento 1130, Briteiros S. Salvador;



- Os Musiké;
- "Era uma vez", Escola de Artes Performativas;
- Grupo de Percussão "Dez";



2. Atividades realizadas

2.1. "Museu Vivo"

No dia 18 de Julho, da parte da manhã, foi realizada uma atividade complementar no Museu da Cultura Castreja, localizado em S. Salvador de Briteiros. Pretendeu-se desta forma incluir o espaço do Museu no evento, preparando uma visita animada ao Museu, especificamente destinado ao público infantil. A atividade consistiu numa visita à exposição de Arqueologia do Museu, guiada por três figurantes caracterizados, que encarnaram personagens da época, "proprietárias" de alguns dos objetos. Os nomes dos figurantes foram associados a alguns nomes originais representados em epígrafes latinas sobre pedra ou em peças cerâmicas.

2.2. Início das atividades na área da Citânia

A partir das 15h30m tiveram início as atividades no interior da Citânia, começando por uma sessão de poesia e de animação musical na receção do sítio arqueológico, protagonizada pelo Clube de Poetas de Selho e pelo grupo "Os Musiké", de Guimarães. Os visitantes foram depois recebidos por um grupo de guerreiros castrejos (regressados de uma campanha de combate), que formaram uma parada festiva que conduziu os visitantes da receção da Citânia, até à acrópole, área onde teve lugar a maior parte do evento, na envolvente à Capela de S. Romão. Na acrópole, os visitantes foram recebidos pelo resto dos figurantes que se encontravam no local.

2.3. Mercado e animação no recinto do evento

O ponto mais alto da Citânia, na área onde se localiza a "Casa do Conselho", as casas castrejas reconstruídas por Martins Sarmiento e a Capela de S. Romão, foi o local escolhido para a representação da maioria dos números encenados. À semelhança da edição de 2014, foi instalada uma zona de mercado, com duas componentes distintas: uma zona recriada, ocupada por figurantes que interagiam com visitantes e em atividades comerciais encenadas; uma zona de barraquinhas especificamente destinada aos visitantes, com o objetivo de obter uma animação mais prolongada do espaço e promover produtos artesanais da região, que estiveram à venda no local.

Além de alguns números teatrais representados pelos figurantes, a zona de mercado foi também palco da performance *Terracota* (Companhia de Teatro Tin.bra), da atuação do grupo de percussão Dez e de uma atividade lúdica de construção com barro.

Entre a receção feita pelos figurantes e o período de mercado, a recriação seguiu uma linha de acontecimentos previamente definida: um grupo de combatentes regressados da



guerra é recebido efusivamente na Citânia e, pelo meio do mercado, misturaram-se com a multidão, contando façanhas de guerra. O momento seguinte foi marcado pelo início de um cortejo ritual dedicado a uma divindade local.

2.4. Representação do cortejo votivo, cerimónia ritual, conselho de notáveis e jantar castrejo

O cortejo ritual foi formado num local mais afastado da zona de recreação, passando depois pelo mercado até junto da "casa do conselho". O cortejo integrou guerreiros, anciãos, mulheres ungindo a multidão e uma escultura de uma divindade, que foi depois colocada sobre uma rocha. Neste local vários figurantes fizeram os seus votos para com a divindade, após o que se anunciou a reunião do conselho de notáveis.

A reunião do conselho foi representada na "casa do conselho", uma estrutura arqueológica original, na qual foram debatidas questões relacionadas com a situação militar e a presença romana. No final da reunião, após um ritual evocativo da vitória, é anunciado o treino dos guerreiros e o início do jantar. O jantar castrejo coincidiu com a hora da refeição, misturando assim elementos figurados com os visitantes que optaram por jantar na Citânia. No início do jantar foi figurada a morte de um chefe local, que seria depois incinerado, no final do evento.

Também ao longo do jantar foram representados alguns números de fogo, animados pelo grupo de percussão Dez. Teve também lugar uma performance de dança por um grupo infantil da Escola de Artes Performativas "Era uma vez".

2.5. Representação do espetáculo "A Discórdia dos Deuses" finalizando com pira cerimonial

No final do jantar, e mantendo o objetivo de encerrar o evento com um espetáculo que, embora articulado com o resto das representações, pudesse ser visualizado por visitantes que apenas tenham frequentado o evento à noite, foi contratualizada a representação da peça "A Discórdia dos Deuses", com a Companhia de Teatro Tin.bra, de Braga. A peça apresentou-se com a seguinte sinopse:

As Divindades reúnem-se para definir o futuro da cidade que se encontra em plena discórdia. Romanos e Brácaros encontram-se numa peleja constante pelo território. Contudo, também os deuses são vulneráveis. Por serem diversos entre si, entram em discórdia dando então começo a uma luta lendária entre as forças divinas.

Após a representação da peça, que teve lugar junto a um grande pinheiro manso, perto da "casa do conselho", o evento foi finalizado com o cortejo fúnebre e pira cerimonial de incineração do chefe indígena.



2.6. Serviço permanente de alimentação

Foi instalada, junto à capela de S. Romão, tal como na edição anterior, uma banca permanente para serviço do público, que possibilitou aos visitantes um jantar temático no local. Foram preparados petiscos como febras assadas em pão rústico, rojões de porco com castanhas, caldo verde, chouriço assado, maçãs e broas de mel. Serviu-se também cerveja, vinho, água e sumo. Foram também utilizadas as louças existentes, nomeadamente pratos, travessas, tigelas e potinhos (copos), feitos em barro, que foram previamente vidrados.



3. Balanço geral do evento

Afluíram a esta edição do evento *Citânia Viva* cerca de 600 pessoas, nas diferentes representações. Ao todo, incluindo os voluntários que colaboraram na organização, figurantes e atores, contam-se cerca de 90 pessoas, oriundos da comunidade local, de Guimarães e de concelhos vizinhos. Todas as atividades foram realizadas com o máximo cuidado em relação às estruturas arqueológicas da Citânia. A encenação das diferentes representações constituiu um meio de formação cívica das várias pessoas que participaram no evento, e que têm vindo a marcar presença no mesmo desde há anos, o que demonstra o seu empenho e a experiência positiva que têm tido com esta recriação histórica.

Anexo 7 – Inquérito

INQUÉRITO

Este questionário insere-se no âmbito de um estudo de investigação enquadrado no Mestrado em Gestão Artística e Cultural, da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, sob o tema **“Recriação Histórica: A Citânia de Briteiros - Estudo de Caso”**.

O questionário é de carácter **anónimo** e todos os dados fornecidos serão tratados de forma absolutamente **confidencial**.

Coloque uma cruz (X) no ☐ correspondente à resposta que considere mais adequada à sua situação.

1. Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

2. Por favor indique a sua idade: ☐ 17-24 ☐ 30-44 ☐ 60-64 ☐ 75 ou mais
☐ 25-29 ☐ 45-59 ☐ 65-74

3. Onde vive? _____

4. Qual o seu concelho de residência? _____

5. Habilitações literárias:

1º Ciclo <input type="checkbox"/>	Bacharelato <input type="checkbox"/>	Outro <input type="checkbox"/> Qual? _____
2º Ciclo <input type="checkbox"/>	Licenciatura <input type="checkbox"/>	
3º Ciclo <input type="checkbox"/>	Mestrado <input type="checkbox"/>	
Secundário <input type="checkbox"/>	Doutoramento <input type="checkbox"/>	

6. Estado civil:

Solteiro/a <input type="checkbox"/>	Divorciado/a <input type="checkbox"/>	Outro <input type="checkbox"/> Qual? _____
Casado/a <input type="checkbox"/>	Viúvo/a <input type="checkbox"/>	

7. Como ouviu falar da Recriação Histórica Citânia Viva?

- | | | |
|--|---|---|
| <input type="checkbox"/> Imprensa local | <input type="checkbox"/> Radio local | <input type="checkbox"/> Diretamente da Recriação |
| <input type="checkbox"/> Meios de comunicação social | <input type="checkbox"/> Televisão | <input type="checkbox"/> Participação noutros anos/família/tradição local |
| <input type="checkbox"/> Boca a boca | <input type="checkbox"/> Cartaz ou panfleto | <input type="checkbox"/> Redes sociais |
| <input type="checkbox"/> Turismo/agência turística | <input type="checkbox"/> Email ou e-flyer | <input type="checkbox"/> Outro/a, por favor indique: _____ |
| <input type="checkbox"/> Artista/participante | <input type="checkbox"/> Agenda cultural | |

8. Indique as razões porque escolheu vir à Citânia Viva?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Gosto do ambiente em geral | <input type="checkbox"/> Para partilhar com outros |
| <input type="checkbox"/> Gosto de apoiar eventos locais | <input type="checkbox"/> Estou interessado em História |
| <input type="checkbox"/> Estou a visitar a área | <input type="checkbox"/> Já participei anteriormente |
| <input type="checkbox"/> Queria passar tempo com a família/amigos | <input type="checkbox"/> Para me divertir |
| <input type="checkbox"/> Para experimentar algo novo | <input type="checkbox"/> Outro/a, por favor indique: _____ |
| <input type="checkbox"/> Para saber sobre a história da Citânia | |
| <input type="checkbox"/> Para aprender sobre a cultura local | |

9. Com quem veio à Citânia Viva? ☐ Amigo (s) ☐ Família ☐ Sozinho(a)

☐ Outro _____

10. Com quantas pessoas veio à Citânia? _____

11. Nos últimos 9 anos quantas vezes assistiu à Citânia Viva? _____

12. Que transporte utilizou para vir até à Citânia de Briteiros? _____

13. O que é que o trouxe a ver este espetáculo?

Assinale os motivos.

- | | | | |
|---------------------------------|--------------------------|------------|--------------------------------------|
| A curiosidade | <input type="checkbox"/> | O convívio | <input type="checkbox"/> |
| A História (Contexto histórico) | <input type="checkbox"/> | Outro (s) | <input type="checkbox"/> Qual? _____ |
| A encenação (O Teatro) | <input type="checkbox"/> | | |

14. Qual o grau de satisfação que obteve ao assistir à Citânia Viva?

Muito Bom ☐ Bom ☐ Razoável ☐ Mau ☐ Muito Mau ☐

15. Responda às seguintes questões:

	Concordo plenamente	Concordo	Nem concordo, nem discordo	Discordo	Discordo totalmente	Não sei
1. Os elementos artísticos da Citânia Viva são novos para mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Raramente disfruto de arte ao ar livre.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Tenho uma perspetiva mais positiva da Citânia de Briteiros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Recomendaria a vinda à Citânia de Briteiros a outras pessoas para assistir à Citânia Viva.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. A Citânia Viva faz parte da identidade cultural da Citânia de Briteiros/Guimarães	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

16. Teve conhecimento da programação da Citânia Viva?

☐ Sim ☐ Não

17. O que mais lhe agradou ao assistir à Recriação Histórica na Citânia de Briteiros?

O Monumento (Citânia de Briteiros) ☐ A animação ☐
O acolhimento ☐ O convívio ☐
Os serviços ☐ A refeição castreja ☐
A programação cultural ☐ Outro (s) ☐ Qual? _____

18. De 1 a 5 como classifica a importância do evento na região? (1 - nada importante; 5 - muito importante): _____

19. De 1 a 5 diga se concorda que devia haver mais divulgação desta atividade? (1 - nada importante; 5 - muito importante): _____

20. De 1 a 5 diga se considera importante a realização da Recriação Histórica na Citânia de Briteiros - Citânia Viva? (1 - nada importante; 5 - muito importante): _____

21. De 1 a 5 assinale as razões da lista abaixo que considera importantes a realização da Citânia Viva (1 - nada importante; 5 - muito importante):

- | | | |
|---|--------------------------|-------------|
| Tem um significado histórico | <input type="checkbox"/> | |
| Faz parte da nossa cultura | <input type="checkbox"/> | |
| É uma forma de preservar o património Histórico | <input type="checkbox"/> | |
| É uma forma de adquirir conhecimentos | <input type="checkbox"/> | |
| Outro | <input type="checkbox"/> | Qual? _____ |

MUITO OBRIGADA PELA SUA PRECIOSA CONTRIBUIÇÃO.